

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA



Gabriela Costa Faval

**EDUCAÇÃO SEXUAL: PRÁTICA INTERDISCIPLINAR,
CRÍTICA, FILOSÓFICA E FREIREANA.**

BELÉM - PA
2012

Gabriela Costa Faval

**EDUCAÇÃO SEXUAL: PRÁTICA INTERDISCIPLINAR,
CRÍTICA, FILOSÓFICA E FREIREANA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do estado do Pará. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ivanilde Apoluceno de Oliveira.

BELÉM - PA
2012

Dados Internacionais de Catalogação na publicação
Biblioteca do Centro de Ciências Sociais e Educação da UEPA

Faval, Gabriela Costa

Educação sexual: prática interdisciplinar, crítica, filosófica e freireana. / Gabriela Costa Faval. Belém, 2012.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) –
Universidade do Estado do Pará, Belém, 2012.
Orientação de: Ivanilde Apoluceno de Oliveira.

1. Educação sexual 2. Educadores – Formação profissional 3. Abordagem interdisciplinar do conhecimento na educação 4. Pedagogia freireana I. Oliveira, Ivanilde Apoluceno de (Orientador) II. Título.

CDD: 21 ed. 372.372

Gabriela Costa Faval

**EDUCAÇÃO SEXUAL: PRÁTICA INTERDISCIPLINAR,
CRÍTICA, FILOSÓFICA E FREIREANA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do estado do Pará. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ivanilde Apoluceno de Oliveira.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

_____. **Orientadora**
Profa. Ivanilde Apoluceno de Oliveira
Doutora em Educação
Universidade do Estado do Pará

_____. **Examinador**
Prof. João Colares da Mota Neto
Mestre em Educação
Universidade do Estado do Pará

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que o meu objetivo fosse alcançado, motivando-me e incentivando-me a persistir.

AGRADECIMENTOS

À Deus pelas forças renovadas diante de cada obstáculo.

Aos meus pais pelo exemplo de persistência e determinação.

A meus sogros pelo apoio familiar.

À minha filha Anna Fernanda Eloísa por ter assumido a responsabilidade da casa e do cuidado dos irmãos, que me permitiu estar na universidade.

A meus filhos Teresa, Alexandra e Pedro, pela compreensão para com as inúmeras ausências e privações.

Aos velhos amigos por estarem presentes e aos novos amigos de academia por compartilharem suas vidas comigo. Em especial a Kyssian Carla Santos Siqueira pela ajuda de última hora.

À Adilena Moreira pela amizade irrestrita e a atenção prestada.

À equipe administrativa das escolas Donatila Santana Lopes e Dr. Justo Chermont pela possibilidade de torná-las como lócus desta pesquisa e aos meus queridos alunos das turmas de 5º ano, 701, 802 e 301, por terem me concedido o prazer de tê-los como sujeitos desta pesquisa.

Aos professores Anacleto Santos, Patrícia de Araújo, Izilda Cordeiro, Diana Lemes, João Colares, Jair Melo, Kátia Andréia Santos, Herivalda Blanco, Mônica Ferreira, Mônica Blanco, Ruy Guilherme, Jane

Glaybi, Francisca Guiomar e tantos outros, pela inestimável contribuição crítico-pedagógica.

À Coordenação do Projeto Pará Leitura Vai-Quem-Quer e aos seus integrantes, pelo espaço aberto à Educação Sexual que tornou a prática possível.

À minha orientadora, Prof^a. Ivanilde Apoluceno de Oliveira por sua significativa contribuição e dedicação e pelo grande exemplo profissional e humano e ao NEP, que se tornou importante instrumento de aprofundamento teórico sobre os pressupostos da Educação Popular, que me permitiram relacionar a Educação Sexual à teoria freireana.

Ao amigo e ex-chefe Wilson Ataíde Rodrigues Júnior, pelo cuidado, apoio, carinho e incentivo dado ao longo de mais de 6 anos de convívio incondicional.

Ao meu marido, Paulo de Paula, porque sem ele este sonho não teria sido possível. Por sua paciência, força, amor e companheirismo, que me foram tão importantes neste longo caminho.

“Prefiro ser criticado como idealista e sonhador inveterado por continuar, sem relutar, a apostar no ser humano, a me bater por uma legislação que o defenda contra as arrancadas agressivas e injustas de quem transgride a própria ética. A liberdade do comércio não pode estar acima da liberdade do ser humano”

RESUMO

FAVAL, Gabriela Costa. **Educação Sexual: prática interdisciplinar, crítica filosófica e freireana**, Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2012.

Este trabalho tem como objetivo aplicar, acompanhar e analisar a proposta de educação sexual interdisciplinar, em uma escola pública de Belém, em diálogo com os saberes experienciais dos educandos, tendo por base a filosofia e os pressupostos educacionais de Paulo Freire. Trata-se de uma pesquisa-ação, de abordagem qualitativa. Para realizar tal proposta, foram implantados grupos de discussão em turmas do Ensino Fundamental e Médio, acompanhadas ao longo de um ano letivo, buscando a relação dos saberes curriculares com os conceitos existentes, prévios ou escolarizados, sobre sexualidade. Foram registradas as discussões trazidas pelos discentes, relatos pessoais, conceitos, tabus e mitos extra-escolares observando-se, também, as possíveis alterações comportamentais registradas pelos docentes e pelo pesquisador no cotidiano escolar. O registro dessas atividades foi feito através de relatórios e fotos, tendo sido aplicado, também, um questionário específico a docentes, pais, crianças, adolescentes e jovens. Para sistematização e coleta de dados foram construídas categorias temáticas. Entre os resultados desta pesquisa destacamos a dialogicidade atingida ao longo da prática, tanto com os alunos quanto a partir deles e de suas vivências, confirmando a filosofia crítica e os pressupostos freireanos como instrumentos viáveis para uma prática transversal e interdisciplinar que permitiram aos educandos uma compreensão maior da realidade na qual estão inseridos e as relações de poder que as constituem. Igualmente, ressaltamos certa mudança de comportamentos da maioria dos alunos em relação à sua visão do outro e de si mesmos, alterando as relações interpessoais no espaço escolar.

Palavras-chave: Educação Sexual, Transversalidade, Currículo, Filosofia, Pedagogia Freiriana.

ABSTRACT

FAVAL, Gabriela Costa. Sexual education: interdisciplinary practice, Freirean and philosophical criticism, dissertation (Bachelor's degree in education)-Universidade do Estado do Pará, Belém, 2012.

This paper aims to implement, monitor and analyze the proposed interdisciplinary sex education in a public school in Bethlehem, in dialogue with the experiential knowledge of students, based on the educational philosophy and assumptions of Paulo Freire. This is an action research, qualitative approach. To make such a proposal, discussion groups were implanted in groups of elementary and high school, accompanied by over a school year, seeking the relationship of curricular knowledge with existing concepts, or previous schooled on sexuality. We recorded the discussions brought by students, personal stories, concepts, myths and taboos-school observing also the possible behavioral changes recorded by the teachers and the researcher in the school routine. The record of these activities was done through reports and photos, was applied, also, a specific questionnaire for teachers, parents, children, adolescents and young adults. For data collection and systematization were built themes. Among the results of this research highlight the dialogicity achieved over the practice, both with the students and from them and their experiences, confirming the critical philosophy and assumptions freireanos as viable instruments for practice and interdisciplinary cross that allowed the students an understanding greater reality to which they belong and the power relations that constitute them. Likewise, we emphasize certain change of behavior of most students regarding their view of the other and of themselves, changing interpersonal relationships within the school

Keywords: sexual education, Transversal, Curriculum, Pedagogy Freirean.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

F1 - Círculo dialógico realizado em Marabá – Maio de 2012	52
F2 - Acadêmicas do Campus VIII de Marabá – Maio de 2012	53
F3 - Oficina sobre Sexualidade realizada em Marabá – Setembro de 2012	56
F4 - Círculo Dialógico realizado semanalmente na Escola Donatila Santana Lopes – 5º ano	58
F5 - Dinâmica “Árvore da Sexualidade” – Escola Donatila S. Lopes	59
F6 - Construção do cartaz “Sexualidade é...” – Escola Donatila S. Lopes	59
F7 - Dinâmica lúdica e temática “Casa, Morador e Terremoto” – Escola Donatila S. Lopes.	63
F8 - Dinâmica lúdica e temática “Casa, morador e terremoto” – Escola Donatila S. Lopes.	68
F9 - Círculo dialógico realizado com a turma 301 – Escola Dr. Justo Chermont	78
F10 - Círculo dialógico realizado com a turma 301 – Escola Dr. Justo Chermont	80
F11 - Dinâmica “Contaminação” realizada no 32º ENEPE – Encontro Nacional de Estudantes de Pedagogia – Julho/12	85
F12 - Dinâmica “Exclusão” – 32º ENEPE – Julho/12	86
F13 - Construção de cartazes (4º e 5º ano) – Escola Emiliana Sarmiento – Outubro/12	91
F14 - Construção de cartazes (4º e 5º ano) – Escola Emiliana Sarmiento – Outubro/12	93

SUMÁRIO

1. Introdução	13
2. Prática Docente para uma Educação Sexual Crítico-Filosófica da Teoria Freireana	27
2.1.A Ed. Sexual no meio escolar: uma ação dessexualizada em um espaço dessexualizante	27
2.2.Transversalidade: proposta metodológica dos PCNs	32
3. A prática docente para uma educação sexual crítico-filosófica da teoria freireana	38
3.1.A Intervenção educativa: ressignificando a prática docente	38
3.2.A atitude filosófica.....	42
3.3.Os pressupostos Educacionais Freireanos.....	45
4. Ações sócio-pedagógicas da prática crítica e interdisciplinar da Educação Sexual em uma perspectiva freireana	50
4.1.Ações pedagógicas em Educação Sexual nas escolas e na universidade... 51	
a) O Município de Marabá – a Educação Sexual na academia	51
b) Casos identificados de violência doméstica e sexual entre os alunos da Escola Donatila Santana Lopes.....	57
A reunião de pais.....	61
Os encontros seguintes	62
c) Os encontros com o Ensino Fundamental da Escola Dr. Justo Chermont – A sala 701	69
d) Sexualidade e História – A turma 802	73
e) As perguntas abertas na sala 301 e o início do trabalho interdisciplinar	77
f) A docência e as dificuldades da Educação Sexual	81
g) Educação Sexual na academia: construindo a prática docente	85
h) A Escola Emiliana Sarmento – o choque entre o tradicionalismo e a sexualidade discente	90
5. Os primeiros contatos e o olhar dos educandos sobre a Educação Sexual	94
5.1.A sexualidade que os educandos reconhecem	94
5.2.A aprendizagem da sexualidade na escola: o olhar dos educandos	98
5.3.Pais e educadores e a visão sobre a sexualidade no cotidiano e na escola	99
5.4.A raiz da problemática sexual para pais e educadores	100

Considerações Finais	105
Referências	110
Apêndices	113

1. INTRODUÇÃO

Para explicitar-se qualquer problemática da Educação Sexual, primeiramente é preciso que se entenda a sexualidade como condição básica para a existência pessoal, dimensionada em um processo biológico, psicológico, sociocultural e existencial do indivíduo. Estes processos definirão a formação do EU, a abertura ao outro (TU), as relações interpessoais (NÓS), e ao mundo, a expressão social do ser homem e do ser mulher, expressão e consciência de vida e morte e o agir moral (BRASIL, 2006). Segundo Freud, “é por meio do prazer que sente, nas várias partes do corpo, que a criança organiza a própria existência”. Popularmente se acredita que a pulsão sexual está ausente da infância e só desperta a partir da puberdade, “equivoco responsável por nossa ignorância sobre as condições básicas da vida sexual”. (FREUD, 2006, p. 22)

É pela compreensão ampla de sua sexualidade que o indivíduo constrói sua linguagem social, sua afetividade e se apropria de seu corpo criando suas realizações ou frustrações. Essas punções sexuais, portanto, estão presentes desde o nascimento e, obviamente, apresentam-se no espaço escolar. Assim, compreende-se que a Educação Sexual jamais poderia ser trabalhada de forma pontual, restrita às questões biológicas e preventivas do ser humano, ou compreendida em uma única fase do desenvolvimento.

Segundo Altmann “cabe à escola – e não mais apenas à família – desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa que promova a saúde das crianças e dos adolescentes” (ALTMANN, 2001, p. 2). Entendemos, aqui, que ao referir-se à saúde, Altmann não pretendia limitar-se a apenas a vislumbrar o caráter biológico do indivíduo, ou trabalhar-se pontualmente a saúde e a doença, mas sim trabalhar a saúde em toda sua abrangência, no campo físico, psicológico e social e, portanto, englobando a sexualidade em sua total amplitude.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, no tocante aos Temas Transversais, a implantação de Educação Sexual nas escolas significou uma grande contribuição “para o bem-estar das crianças e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura” entendendo-a inclusive, em sua forma mais ampla, como forma de expressão cultural, com dimensões biológicas, psíquicas e socioculturais e sendo um complemento à função familiar (BRASIL, 2006, p. 8-10).

A publicação dos PCNs, em 1996, representou um salto extremamente importante para a consolidação da Educação Sexual no espaço escolar. Uma

proposta que visava, pela transversalidade, ampliar as questões que envolviam a sexualidade. No texto indicavam que o trabalho pedagógico deveria ser feito, principalmente, através da atitude do educador, e que esta não devia estar amparada em juízos pessoais de valores, mas na prática da contextualização de atitudes e manifestações de sexualidade dos alunos, surgidas no contexto escolar, objetivando “o esclarecimento e a problematização das questões que favoreçam a reflexão e a resignificação das informações, emoções e valores recebidos e vividos no decorrer da história de cada um” (BRASIL, 2002, p.68). Isto, no entanto, não significou o efetivo desenvolvimento do tema em todas as escolas brasileiras. A proposta trazida “mostrou-se de difícil implementação devido à ausência de formação específica, falta de condições para realização de trabalhos interdisciplinares, desencontro de professores, falta de estrutura e de material, desinteresse, medo de falar sobre o assunto, dentre outros motivos” (ALTMANN, 2005, p.5).

Segundo os PCNs era clara a falha das escolas na abordagem da temática:

Praticamente todas as escolas trabalham o aparelho reprodutivo em Ciências Naturais. Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, nem o interesse dos adolescentes, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui a dimensão da sexualidade. (BRASIL, 1998, p. 292)

Entende-se, portanto, a necessidade de se discutir com os alunos a realidade concreta, visto que ainda nos deparamos com essa mesma realidade escolar, associando-a à disciplina cujo conteúdo se ensina, como afirma Freire ao defender que se deve estabelecer “uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais e a experiência social destes enquanto indivíduos” (FREIRE, 1996, p.30).

No entanto, apesar da proposta de transversalidade apresentada pelos PCNs recomendar este direcionamento para a prática docente, as discussões sobre sexualidade em sala de aula não se ampliaram, permanecendo restritas ao campo biológico. Altmann, citando Bozon (2004), se refere à Educação Sexual realizada pela escola como uma forma de “administrar” o modo como os adolescentes vivenciam e ingressam na vida adulta, referindo-se à primeira relação sexual. Segundo a autora Maria Werebe, “em geral, a Educação Sexual ‘recuperada’ pelos poderes institucionalizados, torna-se um instrumento de repressão e controle,

passando a atender objetivos que, via de regra, não correspondem aos interesses e às necessidades dos educandos” (WEREBE, 1980: 10).

Para Bernardi (1985) a escola é dessexualizada e dessexualizante. Uma instituição que acredita estar realizando Educação Sexual, mas que, na verdade, estaria transmitindo nada menos que “uma informação desencorajante e enfadonha, acompanhada de normas que visam salvaguardar as instituições”(p.29). As críticas a esse enfoque castrador e superficial não são poucas e deixam a certeza de que a transversalidade não atingiu plenamente os objetivos de sua proposta inicial.

É necessário que a Escola seja entendida em um papel secundário quanto à responsabilidade de iniciar a discussão com o aluno sobre sua sexualidade, mas no papel principal de suprir a carência de informações do educando desde a infância, através de uma Educação Sexual clara, sem falsos pudores, problematizadora, não somente a respeito da sua sexualidade, mas também da sua saúde, com o intuito de auxiliá-lo a encontrar sua própria identidade, construir seus critérios morais e avaliar seu contexto, escolhendo o melhor caminho para tornar-se um sujeito crítico, autônomo e social.

Historicamente os professores são preparados para ensinar as disciplinas fragmentadamente, como afirma Lombardi (2003), em uma representação da própria fragmentação da sociedade na qual estamos inseridos. Segundo o autor,

[...] quando se fala em trabalho interdisciplinar na escola é preciso tomar cuidado para não se ocultar toda essa realidade, colocando-o como um recurso que se poderia sobrepor a toda essa trajetória histórica da fragmentação da sociedade, do trabalho, das ciências, das universidades, da profissão e da própria escola” (LOMBARDI, 2003, p.181)

Nesse debate, a transdisciplinaridade é a via para se analisar um conteúdo em sua totalidade, como coloca o próprio autor:

Com a compreensão de que a educação é em si a totalidade do contexto no qual está inserida, a prática pedagógica deve buscar a superação da compartimentação do ensino através do trabalho em suas especificidades, mas com a clareza de que a compreensão da totalidade é que produz a dimensão do trabalho das partes (LOMBARDI, 2003, p.182).

Essa totalidade, segundo o autor, faz-se necessária à compreensão das especificidades, para que cada disciplina permita sua compreensão em um contexto histórico e social, mediante uma mudança na postura político-pedagógica, assumindo, com real competência, o espaço de sala de aula.

Tomando por referência estas colocações, entende-se que os conteúdos disciplinares não podem ser explicados por si só, pois perpassam uns pelos outros em uma estreita relação social, política, cultural, econômica e ideológica, precisando ser relacionados por meio da interdisciplinaridade.

Mediante esse contexto escolar de fragmentação entre os saberes, levantamos como problema de investigação: de que forma a educação sexual pode ser trabalhada pedagogicamente em sala de aula, de maneira interdisciplinar e em diálogo com os saberes experienciais dos educandos?

Para realizar essa investigação optamos por uma pesquisa-ação na qual apresentamos uma proposta de ação pedagógica de educação sexual norteada por três objetivos: (01) desenvolver a prática interdisciplinar da Educação Sexual na escola; (02) realizar a prática da educação sexual, por meio da construção do pensamento filosófico crítico e (03) trabalhar pedagogicamente o respeito aos saberes experienciais dos educandos.

Propomos no currículo da Educação Sexual, não a vinculação a uma disciplina específica, como normalmente se vislumbra ao mencionar a curricularização desta, mas inserindo-a ao conteúdo de todas as disciplinas, o que forçaria os docentes a se tornarem mais preparados para o surgimento dos questionamentos e problemáticas sexuais, independentemente à disciplina que ministrem.

Buscamos construir o pensamento filosófico crítico, que permite ao indivíduo questionar sua realidade pessoal e social. Conjuntamente ao uso da Filosofia, inserimos o conceito freireano de respeito e valorização dos saberes do educando:

[...] pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996: 30)

Para Chauí (1999) a atitude filosófica é inerente ao ser humano e está presente no seu cotidiano através de uma constante interrogação sobre si mesmo, suas crenças, seus sentimentos e valores. E define a Filosofia como:

A decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência

cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido. (CHAUÍ, 1999:12)

Se as ciências são resultados de pensamentos filosóficos que questionam a realidade para poder agir sobre ela, a Filosofia, ainda segundo Chauí, se definiria como a “arte do bem-viver”, estudando paixões e vícios humanos, liberdade, vontade, a razão, impondo limites aos desejos e paixões humanas” (p.13). Neste sentido, não seria ela o instrumento que melhor nos levaria a questionar nossa sexualidade e reorganizá-la dentro do meio no qual nos inserimos?

Oliveira (2003) completa esta definição quando afirma que a visão de mundo de cada ser humano é “produto de seus questionamentos e reflexões sobre as ações, os sentimentos e as ideias extraídas da vivência cotidiana e geradas pela curiosidade” (p.24). E a curiosidade nada mais é do que o “motor” que movimenta as crianças e adolescentes na busca de sua própria identidade, uma identidade que também se forma na construção de sua sexualidade.

Suplicy (1987) refere-se à Educação Sexual escolar como instrumento necessário ao complemento da ação familiar, “desempenhando a tarefa informativa e formativa com a finalidade de transmitir à criança informações corretas sobre a sexualidade” e complementa que esta também agiria no sentido de acentuar o conceito do sexo “relacionado ao bonito, ao afeto, ao respeito, à responsabilidade e ao prazer” (p.49).

Assim, nossa proposta se concentra no uso crítico da filosofia com bases educacionais freireanas, para o desenvolvimento de uma Educação Sexual interdisciplinar, realizada a partir dos próprios alunos e dialogada por eles, para a construção e compreensão da sexualidade em sua totalidade coletiva e individual.

Compreendemos que a sexualidade é um item essencial na formação do ser humano e compreender-se a escola como espaço de formação desse indivíduo, responsável por sua dialogicidade com o processo histórico e com o meio social do qual faz parte.

Independentemente à potencialidade reprodutiva, a sexualidade relaciona-se com o prazer, inerente a todo indivíduo e que se manifesta em todas as etapas do desenvolvimento humano. Conforme os PCNs (BRASIL, 2002), “Se, por um lado, sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais, a sexualidade é, de forma bem mais ampla, expressão cultural” (p. 68) e, portanto, deve-se tomar em conta as dimensões biológica, psíquica e sociocultural

da sexualidade, problematizando, levantando questionamentos e ampliando os conhecimentos e opções do educando.

Lorencini Jr. (1997) defende a ideia do indivíduo sob constante e direta influência de uma “cultura da sexualidade”, proveniente da família, dos meios de comunicação, da religião ou da escola e que “moldam o indivíduo para adaptá-lo aos padrões de comportamento impostos pela sociedade” (p.93). Para o autor, a escola é o espaço onde se encontram diferentes aspectos culturais (valores, interesses, ideologias, costumes, crenças, atitudes, tipos de organização familiar, econômica e social) e diferentes padrões de comportamento sexual, onde se apresentam tensões, conflitos e contradições. A falha, segundo ele, estaria na prática homogeneizante que a escola realiza, ignorando, reprimindo ou “engessando” esses aspectos, deixando de ser um espaço onde a liberdade, enquanto dimensão da sexualidade possa emergir e se manifestar, sendo necessária uma “ressignificação não apenas da sexualidade, mas da própria sala de aula, onde as opiniões, incertezas, divergências e diferenças sejam consideradas, discutidas e, quando possível, superadas” (LORENCINI JR., 1997, p.93).

Apesar da apresentação inicial dos PCNs, o documento propõe três eixos fundamentais para nortear a prática docente no tocante à Orientação Sexual: corpo, relações de gênero e prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS, o que inevitavelmente restringe a Educação Sexual excluindo da prática docente os aspectos culturais, psicológicos, históricos, éticos, filosóficos e políticos da sexualidade humana.

Nesse contexto, a Filosofia é percebida como via dialética para a discussão das questões sexuais, por considerar-se que nela se confrontam o senso comum e a criticidade do indivíduo, como afirma Goldman (1979 apud NUNES, 1996) ao dizer que "A filosofia é uma tentativa de resposta conceitual aos problemas humanos fundamentais tal como estes se apresentam em certa época numa determinada sociedade."

Nunes (1996) destaca que:

O recurso à Filosofia nos parece ser a melhor forma de investigar amplamente as dimensões da sexualidade. A escolha da metodologia dialética se configura eficaz por saber-se parte de uma corrente de pensamento social e político que tem por pressuposto a dinamicidade do mundo, a mudança constante da realidade e as potencialidades múltiplas do ser das coisas. (NUNES, 1996, p. 15)

A capacidade de investigar a dimensão da sexualidade humana numa amplitude e globalidade significativa revela a riqueza desta própria dimensão e sua importância para a sociedade e para cada ser. Esta interpretação dos fundamentos filosóficos que embasam os discursos sobre sexualidade e educação requer-se crítica e utópica. Crítica no sentido de fornecer elementos para elucidar contradições conceituais, políticas e ideológicas nos diferentes universos discursivos e semânticos da sexualidade. Utópica conquanto pretende provocar também um veemente exame das nossas redes de sentido e vivências atuais, no campo da compreensão da sexualidade e de uma possibilidade filosófica de sua apresentação pedagógica. (NUNES, 1996, p.23)

Desta forma, a opção pela Filosofia enquanto atitude filosófica para a Educação Sexual se justifica, segundo o autor, na “própria capacidade teórica de abordar, com amplitude e profundidade, a dinâmica da sexualidade” (p.23), requerendo como referencial uma concepção dialética da história, da cultura, do conhecimento e da própria sexualidade.

A dialogicidade é definida por Paulo Freire (1986) como algo que faz parte da própria natureza histórica do ser humano, na medida em que estes se transformam em seres criticamente comunicativos, refletindo juntos sobre o que sabem ou não e atuando criticamente na transformação da realidade.

Segundo o autor, a educação dialógica parte da compreensão que os alunos têm de suas experiências de vida cotidiana, do concreto, do senso comum, para chegar a uma compreensão rigorosa da realidade. Para ele

O rigor científico vem de um esforço para superar uma compreensão ingênua do mundo. A ciência sobrepõe o pensamento crítico àquilo que observamos na realidade, a partir do senso comum. (FREIRE, 1986, p.69)

Neste modelo educacional, o saber experiencial do educando adquire suma importância no desenvolvimento da problemática sexual em sala de aula, por representar não apenas a dialogicidade educador-educando, mas ser expressão plena da dialogicidade entre o educando e o mundo, tendo o educador como seu mediador.

Buscar compreender as transformações históricas para podermos entender os impactos destas na significação da sexualidade humana é procurar a coerência existente na relação do homem com seu tempo o que seria o cerne de uma reflexão de ordem filosófico-dialética.

O objetivo geral deste estudo é: aplicar, acompanhar e analisar a proposta de educação sexual interdisciplinar, em uma escola pública de Belém, em diálogo com

os saberes experienciais dos educandos, tendo por base a filosofia e os pressupostos educacionais de Paulo Freire.

Os objetivos específicos são:

- Viabilizar a práxis da Educação Sexual através da construção do pensamento filosófico crítico e problematizador, tendo por base a teoria educacional de Paulo Freire.
- Trabalhar a Educação Sexual de forma interdisciplinar e dialogada, a partir do questionamento crítico e de conceitos expressos pelos alunos;
- Demonstrar a importância e a necessidade de inserir e desenvolver a Educação Sexual na educação básica, como instrumento de construção da criticidade, dos valores morais, da ética, da individualidade e das relações interpessoais do indivíduo;

O tipo de pesquisa realizada é a *pesquisa-ação*, por objetivar a identificação de dados psicológicos, a contestação de estruturas sociais, a produção de mudanças ideológicas e de comportamento e a compreensão do objeto.

Segundo Thiollent (1986), a pesquisa-ação

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986:14)

A pesquisa-ação consiste em um processo de aprimoramento da prática. Inicia seus questionamentos do fenômeno habitual transitando, sistematicamente, até o filosófico. Por meio da pesquisa-ação se tratam de forma simultânea conhecimentos e mudanças sociais, de forma a unificar teoria e prática.

Para Thiollent (1986), a pesquisa-ação encontra um terreno favorável quando os pesquisadores não se limitam a aspectos acadêmicos e burocráticos e buscam pesquisas nas quais “as pessoas pesquisadas tenham algo a ‘dizer’ e a ‘fazer’. [...] Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados”.

Para o autor, a pesquisa-ação implica em uma metodologia de caráter participativo que exige o envolvimento de todos os sujeitos implicados nos problemas pesquisados, porém, para não ser confundida com uma pesquisa participativa, faz-se necessário que haja uma ação problemática por parte destes, ou

seja, uma ação efetiva que requer “investigação para ser conduzida e elaborada” (THIOLLENT, 1986, p.15).

Outro ponto relevante da pesquisa-ação é a participação ativa do pesquisador, não limitado a meramente observar ou descrever, mas usando uma forma de raciocínio projetivo e não explicativo, que requer dele um conhecimento prévio do qual partirão as discussões e soluções para as problemáticas identificadas. Sendo assim, para Thiollent,

A forma de raciocínio projetivo é diferente das formas de raciocínio explicativo, que são relacionadas com a observação de fatos. No caso da projeção, pressupõe-se que o pesquisador dispõe de um conhecimento prévio a partir do qual serão resolvidos os problemas de concepção do objeto de acordo com regras ou critérios a serem concretizados na discussão com os usuários. Não é um método de obtenção de informação; é um método de “injeção” de informação na configuração do projeto. (THIOLLENT, 1986, p. 75)

Nas instituições escolares a pesquisa-ação deve atentar para as hierarquias presentes, de forma a não tornar-se instrumento de um grupo em detrimento do outro, principalmente quando um destes envolve representação do poder.

Desta pesquisa exclui-se a utilização de amostras, por considerar-se a necessidade de conscientização da totalidade dos alunos pesquisados. Segundo Thiollent (1947, p. 61), a metodologia que exclui a utilização de amostras, objetiva “exercer um efeito conscientizador e de mobilização em torno de uma ação coletiva, a pesquisa deve abranger o conjunto da população que será consultada sob a forma de questionários ou de discussões em grupos”.

Assim, a pesquisa-ação envolverá todos os membros integrantes da comunidade escolar investigada, garantindo o comprometimento dos participantes com as mudanças propostas.

A pesquisa-ação não tem um roteiro fixo a ser seguido. Segundo Thiollent (1986, p.48), contrariamente a outros tipos de pesquisa, a pesquisa-ação não segue uma série de fases rigidamente ordenadas, os pesquisadores sempre acabam alterando a ordem das fases de execução, em função de problemas imprevistos.

Para o autor os pontos que podem ser apresentados são a fase exploratória e a divulgação de resultados, pois “há um constante vaivém entre várias preocupações a serem adaptadas em função das circunstâncias e da dinâmica interna do grupo de pesquisadores no seu relacionamento com a situação investigada” (THIOLLENT, 1986 – p.47).

Na fase exploratória identificam-se o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas e se realiza um primeiro diagnóstico da situação. O ponto inicial desta fase fica por conta da organização da equipe pesquisadora, sua disponibilidade e efetiva capacidade de trabalhar de acordo com o espírito da pesquisa-ação. Em seguida, deve-se verificar a viabilidade de uma intervenção desse tipo no meio pesquisado, considerando-se apoios e resistências e lançando-se a proposta da pesquisa com a habilidade necessária para sua aceitação por parte dos interessados.

Para Thiollent (1986) a pesquisa-ação deve desenvolver uma perspectiva de aprendizagem participativa, mediante uma colaboração ativa entre os sujeitos envolvidos. Os pesquisadores são distribuídos entre as tarefas (pesquisa de campo, teórica, planejamento, etc.) de acordo com a afinidade e competência, mas nunca é uma determinação estanque, devendo todos estar inseridos em todas as atividades.

A *abordagem qualitativa* será utilizada, pois se entende a necessidade de estimular os entrevistados a pensar livremente sobre a temática, buscando percepções e o entendimento sobre a natureza geral da questão pesquisada, abrindo-se espaço para sua interpretação, através do desenvolvimento de conceitos ideias e entendimentos a partir da padronização dos dados. (DANTAS e CAVALCANTE, 2006).

A pesquisa foi realizada de março a novembro de 2012 e teve como *lócus* principal as Escolas Estaduais Dr. Justo Chermont e Donatila Santana Lopes, ambas localizadas em um bairro periférico da cidade de Belém; também foram utilizados registros de aplicações ocasionais realizadas ao longo do mesmo período com docentes e acadêmicos de outras localidades.

O campus VIII de Marabá destinou-se, nas duas vezes em que foi utilizado para a pesquisa, (ação do Programa UEPA nas Comunidades e Semana Acadêmica, respectivamente) a um público exclusivamente acadêmico, formado por alunos e educadores locais e da capital, pertencentes à UEPA, registrando-se poucos membros da comunidade presentes. Em Marituba – onde a ação também se deu devido à participação no Programa UEPA nas comunidades –, o público alvo foi totalmente docente, com atuação nos diversos níveis escolares. Já na escola Emiliana Sarmiento o público atendido foi de adolescentes dos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental que dividiram um mesmo espaço e contou com a presença quase total da equipe de gestão escolar.

Destaca-se ainda uma prática realizada no formato de Capacitação Docente, na cidade de Belo Horizonte-MG, com estudantes de Pedagogia de diversos estados do Brasil, durante o 32º Encontro Nacional de Estudantes de Pedagogia – ENEPE, em virtude de aprovação de trabalho na modalidade Oficina.

Em todas estas ações foram tomados como critérios avaliativos de resultados as falas dos participantes, os questionamentos feitos e os relatos registrados ao longo do encontro, por não haver possibilidade de observação de outros aspectos, como as possíveis modificações comportamentais ou alterações de conceitos e julgamentos.

A escolha dos espaços fixos para *lócus* da pesquisa deve-se ao fato de ter sido feita, anteriormente, observação dos sujeitos e dos contextos escolares, identificando-se diversas problemáticas relacionadas à sexualidade, inclusive percebendo-se o interesse dos alunos na criação desse espaço de discussão, o que tende a facilitar o acesso à instituição e aos próprios discentes.

Na primeira escola não se obteve participação docente ou administrativa, o que dificultou o acesso aos alunos, cuja participação se deu a partir do 8º ano. Na segunda instituição, o quadro docente e administrativo mostrou-se mais acessível, porém não se obteve acesso às séries mais avançadas, focando-se as atividades em uma turma de 5º ano.

Os *sujeitos da pesquisa* são alunos regularmente matriculados nas instituições supracitadas, com idades entre 9 e 19 anos, distribuídos em quatro turmas, sendo três do Ensino Fundamental.

A definição das turmas foi feita primeiramente pelo grau de interesse dos próprios educandos em desenvolver a temática e, em segundo lugar utilizando-se o critério de serem turmas limítrofes entre um nível escolar e outro. Sendo assim, as turmas escolhidas foram: um 5º ano da Escola Donatila Santana Lopes, um 8º ano, um 9º ano e um 3º ano Médio da Escola Dr. Justo Chermont. Ressaltamos que a turma do 8º ano, apesar de não atender ao critério informado anteriormente, foi contemplada a pedido dos próprios alunos que procuraram inclusive espaço no horário das aulas para inserir o grupo de Educação Sexual.

Constituem também sujeitos da pesquisa 10 professores voluntários, lotados nas turmas pesquisadas, sendo 5 de cada instituição escolar, com idades variantes entre 23 e 65 anos e 20 pais, sendo 5 de cada turma, com idades entre 30 e 45 anos, escolhidos de acordo com as primeiras falas dos educandos e com a disponibilidade de participação na pesquisa. As falas foram registradas pelo seu

grau de relevância para a pesquisa ou por representarem o pensamento de uma maioria.

Utilizou-se o *levantamento bibliográfico* como procedimento essencial para o estudo a ser realizado mediante consulta a acervos públicos e publicações editadas ou disponibilizadas eletronicamente, com o intuito de aprofundar e identificar teóricos e discussões que abordem e deem embasamento à temática.

Dentre os teóricos principais, que contribuíram para o aprofundamento e confirmação da proposta, destacamos: Freud (1942) que apresenta as primeiras teorias sobre a sexualidade infantil e humana; Suplicy (1987) que propõe uma abertura às discussões sobre sexualidade desde a década de 80; de igual forma Sousa (1997) critica a limitação biologicizante que é imposta à sexualidade dentro do espaço escolar; Aquino (1997) e Bernardi (1987), que apresentam uma crítica à prática docente relacionada à Educação Sexual; Guirado (1997) que faz uma crítica à Instituição Escolar enquanto espaço que deveria propiciar a amplificação das discussões e o acesso às informações adequadas pelos alunos. Altmann (2005) nos apresenta as contradições entre a proposta dos PCNs e a prática escolar e Lombardi (2003) faz uma análise crítica à proposta da Transversalidade. Já no referente à Filosofia como proposta metodológica, Chauí (1999) e Garcia (1991) nos falam do interesse da Filosofia pela sexualidade e da compreensão do homem como ser sexual e sexuado. E no tocante ao papel docente, apresentamos como teóricos Freire (1986) e Albertini (1997) que nos falam do papel do educador no processo educacional da sexualidade e da importância da intervenção educativa, complementados por Lorencini Jr. Júnior (1997) que defende uma ressignificação da sala de aula e da própria sexualidade, visando atender a sexualidade e seus questionamentos de forma mais abrangente e efetiva.

A *observação in loco* e o acompanhamento semanal dos alunos por turmas foi feito em dois dias, tendo-se inicialmente encaminhado os termos de consentimento para os docentes regentes das turmas e para os responsáveis pelos alunos, com realização de entrevistas coletivas com os educandos, transcritas na forma de relatórios, onde se enfatizaram as opiniões, comentários e frases dos sujeitos, fazendo-se o isolamento e a seleção de casos considerados relevantes.

Essas entrevistas coletivas consistiam na utilização de questões geradoras feitas aos grupos, que permitiam identificar os conceitos prévios sobre as temáticas propostas e a introdução de novas perspectivas de uma mesma realidade, fazendo

com que os educandos refletissem criticamente sobre as situações apresentadas e reavaliassem posicionamentos.

Em cada turma foi constituído um grupo dialógico entre os alunos e o educador pesquisador, onde se realizaram dinâmicas, atividades pedagógicas e se exibiram vídeos que proporcionassem um maior aprofundamento das temáticas discutidas e uma melhor compreensão dos pontos relevantes ao debate.

Foram realizadas as seguintes dinâmicas: “E a canoa virou”, utilizada para discutir a exclusão e os critérios estabelecidos individualmente e coletivamente para rejeitar ou inserir pessoas aos nossos grupos sociais; “A Contaminação”, utilizada para exemplificar o processo de contaminação da AIDS; “Árvore dos Prazeres” ou “Árvore da Sexualidade”, utilizadas respectivamente para trabalhar os conceitos sobre o que são prazeres sexuais, seus riscos e formas de prevenção e auxiliar na formulação de conceitos sobre a sexualidade; “A Tempestade”, “Casa, Morador e Terremoto”, “1, 2, 3”, “O Tiro saiu pela culatra” e “Pegadinha Animal”, usadas para integração e descontração dos participantes; “Mensagem nas costas” utilizada para discutir a construção da imagem pessoal e a compreensão dos outros sobre essa imagem; “Fantoches”, apresentada como proposta para discutir o papel social que assumimos e sua representatividade; “Concordo – Discordo”, usada para avaliar o grau de conhecimento dos alunos sobre temas diversos apresentados em forma de afirmações; “Casos e Acasos”, utilizada para auxiliar na reflexão de questões sociais relacionadas à sexualidade, como gravidez precoce, virgindade, religiosidade, etc.; e “Semáforo”, aplicada como instrumento de facilitação no surgimento de questionamentos e comentários a respeito de sexo e sexualidade.

De igual forma foram usados como instrumento de aprofundamento e promoção da reflexão crítica das temáticas os vídeos: “Comercial Irlandês contra a homofobia”, “Porque a Bíblia me diz assim”, “Com prazer a 1ª vez – virgindade”, “Rio sem homofobia”, “Sexualidade na adolescência”, “Tô grávida”, “O que é bulling?”, “Drogas”, Comercial contra a homofobia”, “Relacionamentos – Arnaldo Jabor”, “A Lista – Oswaldo Montenegro”, “O Sexo no Mundo Antigo – Pompéia” e “O Menestrel – William Shakespeare”.

As ações sistemáticas de elaboração da proposta pedagógica, definição, acompanhamento e avaliação das diretrizes de ação foram realizadas no decorrer da pesquisa, ajustando-se as necessidades observadas pelo pesquisador.

A proposta pedagógica realizada nas escolas sobre educação sexual teve como diretrizes educacionais freireanas: o diálogo, a pergunta, a problematização da realidade e a valorização dos saberes dos educandos.

A sistematização e a análise dos dados foram realizadas por categorias e eixos temáticos construídos no desenvolvimento da pesquisa.

Este Trabalho de Conclusão de Curso está estruturado em VI seções: 1. A introdução, onde se faz uma apresentação da problemática pesquisada, a justificativa da escolha, objetivos, metodologia utilizada para a obtenção de dados e apresentação dos teóricos utilizados no embasamento do tema proposto; 2. A Educação Sexual no contexto escolar: ação dessexualizada e tema transversal, onde se discute a prática castradora da Educação Sexual no meio escolar e a proposta de transversalidade sugerida nos PCNs; 3. A Prática docente para uma educação sexual crítico-filosófica da teoria freiriana, que apresenta a proposta da utilização do pensamento crítico-filosófico do educando, com uma práxis docente embasada nos princípios educacionais da teoria freireana, para a aplicação efetiva da Educação Sexual; 4. Ações sócio-pedagógicas da prática crítica e interdisciplinar da educação sexual em uma perspectiva freireana, onde são apresentados os relatórios da pesquisa de campo realizada em escolas públicas e espaços diversos, ao longo de oito meses de pesquisa-ação; 5. Os primeiros contatos e o olhar dos educandos sobre a Educação Sexual, onde se apresentam os resultados e falas dos educandos a respeito de diversos temas geradores relacionados; e 6. A aprendizagem da sexualidade na escola, que apresenta os resultados das entrevistas semiestruturadas, realizadas com pais e educadores.

2. EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO ESCOLAR: AÇÃO DESSEXUALIZADA E TEMA TRANSVERSAL

2.1. A Educação Sexual no meio escolar: uma ação dessexualizada, em um espaço dessexualizante.

Até que ponto Educação e Sexualidade estão vinculadas? Enquanto sujeitos sociais nos deparamos constantemente, ao longo da vida, com situações e questionamentos de caráter sexual que, quase sempre, são mal respondidos ou permanecem sem resposta. A grande maioria das informações que recebemos é proveniente do convívio com outros sujeitos – fora do meio familiar – e, quase sempre, no âmbito escolar. Porém, pesquisadores e teóricos são quase unânimes em afirmar que a Educação e a Escola (enquanto instituição educacional) se “blindam” para essas discussões, relegando a sexualidade e tudo o que ela envolve às questões mais fisiológicas e preventivas.

Sexualidade e Educação são dois aspectos humanos fundamentais, segundo, Aquino (1997, p.7), que se distanciam para resguardar o ensino clássico. Para o autor, “[...] a sexualidade humana figura como um dos temas mais inquietantes e, quase sempre mais recusados no universo prático do educador”.

Alguns pais e professores acreditam de forma equivocada que a criança e o adolescente não pensam a sexualidade, bem como pensam por meio da “neutralidade” a relação da escola ao tema, caracterizando a sexualidade como algo negativo, ruim, hediondo, proibido, sujo. Estes conceitos criados socialmente e reforçados pela ausência da prática educacional que intenciona desenvolver a temática no âmbito escolar, geram dúvidas sobre quando, como, porque e para que se trabalhar sexualidade na escola.

Ainda segundo Aquino,

[...] para melhor situar o escopo da sexualidade na escola, é importante, antes de mais nada, contextualizar as diferentes dimensões que a constituem: biológica, psicológica, histórica, cultural, etc., [...] Há, entretanto, vários pontos em comum, e talvez o mais evidente seja o deslocamento da abordagem “biologizante” da sexualidade humana para uma abordagem pluralista, em busca de uma interdisciplinaridade possível. (AQUINO, 1997, p.9)

Esta vinculação que se faz da sexualidade com a biologia, como algo estritamente fisiológico e, portanto, explicado pelas vias científicas, além de limitar a abrangência da discussão, tira da sexualidade o seu ponto principal: a relação desta com a construção da identidade do indivíduo.

Suplicy, já em 1987, ao publicar seu livro “Conversando sobre Sexo” afirmava que para quebrar os tabus generalizados contra a sexualidade bastava poder se falar dela abertamente. Sua obra reconhecia o que Freud já afirmava muitos anos antes, que a sexualidade nos acompanha desde o nascimento e que o sexo, no bebê, é espontâneo, natural. Para ela o ser adulto se encarrega de destruir esta espontaneidade através de métodos e atitudes repressoras. Não se trata de falta de conhecimento. As pessoas menos instruídas são capazes de vivenciar suas sexualidades com muito mais naturalidade e plenitude. Para Suplicy,

Só informar não basta. Para desenvolver uma atitude positiva em relação ao sexo, o mais importante é encorajar a expressão da sexualidade, desde a infância. Essa atitude é que propiciará o crescimento da capacidade de relacionar-se afetivamente com o outro e de usufruir uma relação sexual. (SUPLICY, 1987, p.27),

Para Freud (1905, p.125), “o comportamento das crianças na escola, que propõe aos professores um número bastante grande de enigmas, merece, em geral, ser relacionado com o desabrochar de sua sexualidade”. É na conceituação da libido segundo Freud que se compreende a personalidade como algo profundamente marcado pelas forças da natureza sexual. Para ele, a contribuição da psicanálise veio no sentido de estudar fatos negligenciados pela sociedade e contradizer a opinião pública sobre a sexualidade. Identificou, para tanto, três achados principais:

- a) A vida sexual não começa apenas na puberdade, mas inicia-se, com manifestações claras, logo após o nascimento;
- b) É necessário fazer uma distinção nítida entre os conceitos de “sexual” e “genital”. O primeiro é o conceito mais amplo e inclui muitas atividades que nada tem a ver com os órgãos genitais;
- c) A vida sexual inclui a função de obter prazer das zonas do corpo, função que, subsequentemente, é colocada a serviço da reprodução. As duas funções muitas vezes falham em coincidir completamente. (FREUD, 1978, p.204)

Analisando a teoria freudiana sobre a sexualidade, Souza (1997) comenta que “a psicanálise foi parcialmente responsável por levantar, na escola, o tabu sobre o sexo e de se dar à criança informações sobre a sexualidade”. No entanto a autora critica o fato de essas informações, ainda hoje, restringirem-se à “fisiologia do aparelho genital, de forma tal que qualquer criança percebe que um livro educativo explica tudo, menos (felizmente) o prazer (ou a angústia) do exercício da sexualidade” (SOUZA, 1997, p.20).

Para Bernardi,

O objetivo final daquela que só por razões de comodidade, continuaremos a chamar educação sexual é, pois, a defesa e a consolidação do matrimônio,

isto é, da instituição codificada pelos costumes vigentes. O objetivo imediato, que diz respeito a todos, mesmo àqueles que nunca se casarão, é o controle da sexualidade. Se a condição conjugal é a única na qual o exercício da sexualidade é considerado lícito, coloca-se evidentemente um problema de auto-repressão para aqueles que não pertencem àquela condição: jovens e adolescentes, solteiros e noivos, militares, prisioneiros, imigrantes, etc. Naturalmente não é simples convencer milhões de pessoas a viverem em castidade, mas os educadores acabaram encontrando um bom sistema: dessexualizar o indivíduo. (BERNARDI, 1987, p.7)

O autor critica o processo educacional alicerçado em um tradicionalismo que confirma a imutabilidade das normas e regras sociais. O educador, então, estaria fadado a se submeter a essa linha de conservadorismo sob pena de sofrer desaprovações, censuras e ser condenado em sua práxis. Diz ele: “A educação entendida como dirigida à livre evolução da personalidade e a uma procura crítica dos comportamentos éticos é considerada suspeita, pernicioso, socialmente daninha e anticultural” (BERNARDI, 1987, p.7).

Essa prática substitui, segundo o autor, a ideia de prazer pela de “dever” e justifica seu pensamento de castração e domínio dos indivíduos sociais citando Reich que afirmava em sua *Revolução Sexual*: “A revolução não pode ter como ideal a besta de carga ao invés do touro, o capão ao invés do galo. As pessoas já foram bestas de carga por tempo suficiente. Os castrados não se batem pela liberdade” (REICH, 1969, apud BERNARDI, 1987, p.7).

Por décadas tal prática educacional foi responsável pelo fortalecimento das forças de domínio e pela descritização da sociedade, contando com a “mão de ferro” da Escola. Porém, como afirma Guirado (1997), “a sexualidade é um fantasma que ronda cercanias e interiores da escola e da sala de aula”, que quanto mais tentamos reprimir, mais ela se apresenta e manifesta. A autora faz ressalvas quanto à atuação da instituição escolar no intuito de desenvolver a temática sexual em seus espaços. Segundo ela, todos os meios utilizados pela Escola convergem para uma discussão que, ao final das contas, somente reafirma as regras sociais, afastando o indivíduo de sua busca pelo prazer. Trabalhada desta forma, a sexualidade se confunde com uma série de critérios que visam garantir a convivência social e a aceitação das normas pré-definidas pelo sistema, reafirma o casamento como a única instituição social na qual o sexo é lícito e reforça a sexualidade limitada pela sua biologicidade.

Essa biologicidade é compreendida como algo já confirmado na prática docente de uma forma geral e que inevitavelmente limita a sexualidade, como afirma Carvalho (2009), ao dizer que:

O alerta não é para dizer que o insucesso da Educação Sexual, na escola, deve-se a professores/professoras – seja qual for a origem de suas formações. Mas lembrar que essa tendência, como já nos disse Michel Foucault (1998), é enraizada, historicamente, e está direcionada por uma forma de saber desenvolvida graças ao conhecimento médico, ou seja, o discurso sobre sexualidade, na escola, respalda-se no discurso científico. As metodologias orientadas pelo discurso médico-biológico, (re)produzido na anatomia da reprodução humana, cumprem, portanto, a função de reger a sexualidade, através de conceitos, explicações e modos de disciplinarização, presentes na organização curricular. (CARVALHO, 2009, p.13)

Para a autora, esse direcionamento imposto à educação sexual remete a pensar a sexualidade através de campanhas preventivas, palestras sobre DSTs/AIDS e aulas de anatomia reprodutiva, uma disciplinarização que se encontra muito distante de responder os questionamentos e curiosidades das crianças, adolescentes e, inclusive, dos adultos.

Citando Foucault (1998) a autora define a sexualidade como “um dispositivo produzido pelos acontecimentos históricos, culturais e mesmo subjetivos que compõem as nossas linguagens, práticas e representações”, e que os conhecimentos sobre a sexualidade são produzidos em espaços e instâncias culturais através de tensões permanentes que agenciam novas interpretações e não por “imitação ou repetição de seu caráter biológico” (CARVALHO, 2009, p.14). Segundo ela a sexualidade

[...] ganha novos significados quando esse percorre diversas outras posições e cenários que envolvem posições políticas, sociais, institucionais e pessoais, muitas vezes não exploradas quando se visualiza a construção do cotidiano e as possibilidades de desestabilizar identidades e discursos dominantes. (CARVALHO, 2009, p.15)

Cita, ainda, algumas causas para as dificuldades enfrentadas por professores(as) da rede pública de ensino para desenvolver a Educação Sexual em suas práticas, levantadas por Mateus Biancon (2005) em uma pesquisa de caso em Londrina (PR):

1. Despreparo pedagógico;
2. Interferência da religião e de outras crenças;
3. Receio da reação dos pais dos alunos;
4. Receio das reações negativas de outros professores e dos alunos e que as atividades desenvolvidas percam o “*status*” de aula;
5. Interferência de tabus, preconceitos e pensamentos do senso comum.

Estas dificuldades não se limitam somente ao caso citado, mas são bastante comuns a todas as escolas, públicas e/ou particulares, sendo mencionadas facilmente sempre que questionada a ausência ou falta de aprofundamento na Educação Sexual. São elas que fazem com que o professor situe sua prática em um caráter mais biológico e, portanto, que tende a dessexualizar o indivíduo e a própria instituição escolar, mostrando ser eficientes instrumentos de fiscalização e controle de nossa ação de educadores (as) sexuais.

As práticas e representações culturais que constroem pensamentos e ações seguem um círculo que se inicia nas práticas midiáticas, nas familiares e na subjetividade, retornando depois às práticas escolares, como afirma Carvalho, não podendo mais ignorar-se esse movimento. Para a autora, “em casa, pela TV, pela música, na escola e no contato com os outros estaremos sempre sendo sexualizados e educados”. (CARVALHO, 2009, p.17)

Aqui damos destaque a um instrumento que, por “inanição” da instituição escolar e da maioria dos educadores, terminou assumindo o papel de educador sexual: a TV. Se é no outro que me vejo e com quem aprendo ao relacionar-me, a TV nos coloca exatamente de frente a esse outro, através de diversas situações com as quais nos identificamos, mas que simplesmente reforçam ou formam opiniões, constroem comportamentos aceitos ou instituídos pelo senso comum. Para Carvalho,

É justamente nesse campo de relações que podemos buscar um paradoxo: se a TV fornece conhecimentos sobre situações pouco discutidas nos cotidianos de algumas pessoas, contribui, também, para induzir comportamentos e formar opiniões, pois, por mais contraditório que nos pareça, ao assistirmos uma cena de nudez, um triângulo amoroso, romances heterossexuais retratados, são as representações estereotipadas, os interditos e os valores conservadores que estamos assimilando. (CARVALHO, 2009, p.20)

E questiona: “Se tudo hoje em dia se aprende na escola, não é esse o espaço para se questionar as representações, significados, preconceitos, práticas e dispositivos que moldam nossas manifestações e visões de sujeitos sexuais?” alertando que enquanto os educadores não se disponham a falar *na* e *pela* escola, a TV permanecerá com seu papel de educadora sexual, fortalecendo o senso comum.

2.2. Transversalidade: proposta metodológica dos PCNs

A sexualidade foi um tema relegado ao âmbito familiar até a década de 80, quando a preocupação de professores com o crescente aumento da gravidez indesejada entre os alunos e os riscos da contaminação por DSTs/AIDS aumentou significativamente o número de trabalhos produzidos com essa temática.

O surgimento dos Temas Transversais apresentados nos Parâmetros Curriculares Nacionais contribuiu para que essa discussão fosse trazida ao meio escolar, não em uma disciplina específica, mas de forma transversal.

Os PCNs (1997) recomendam que a partir do 6º ano as escolas disponibilizem espaço, horário e periodicidade para que os alunos tenham aulas de Educação Sexual, mesmo que fora de seus horários escolares, porém, encontra-se uma resistência muito grande de adesão das instituições escolares e dos próprios docentes em participar ou incentivar a Educação Sexual.

De modo geral, verifica-se que a Educação Sexual, quando trabalhada, restringe-se a conteúdos bio-fisiológicos (genética, reprodução, doenças, AIDS, anatomia, fisiologia, menstruação) e que os conteúdos que realmente interessam aos alunos são tratados entre eles, nas rodas de conversa criadas dentro ou fora da escola. Além disso, a maioria dos docentes parecem não ter conhecimento do conteúdo dos PCNs, como afirma Benites (2006, p.64).

Observou-se ao longo dos anos uma fragmentação de saberes que terminou “vinculando a sexualidade ao saber científico” e, portanto, às disciplinas de Ciências ou Biologia, conferindo-lhe um caráter biologicizante e controlador, aplicado independentemente ao contexto histórico e cultural do indivíduo. (BARROS, 2009, et al, p.7).

No próprio documento se afirma que a abordagem sobre o corpo, um dos itens a ser trabalhado, deve perpassar informações sobre anatomia e funcionamento, visto que os órgãos não existiriam fora de um corpo que pulsa e sente. Mas, o corpo deve ser visto de forma interligada a emoções, sentimentos, sensações de prazer/desprazer, transformações temporais, portanto, rodeado de fatores culturais que interferem na construção da percepção do corpo.

Apesar das limitações impostas, a sexualidade vem adquirindo dimensões de problema social. A partir de 1996, com a publicação dos PCNs a escola passou a ser responsável pelo desenvolvimento desse tema, no entanto, isso não foi garantia de que a educação sexual fosse desenvolvida nas escolas. Segundo Altmann,

Os PCNs apresentam a educação sexual como um tema transversal, nomeado de “orientação sexual”, a ser trabalhado nas escolas brasileiras. De acordo com essa proposta, os temas transversais tematizam problemas fundamentais e urgentes da vida social, sendo o tema “orientação sexual” justificado pelo crescimento de casos de gravidez indesejada entre adolescentes e do risco da contaminação pelo HIV. Este quadro evoca intervenções em escala populacional, bem como individual. Nota-se, deste modo, que a busca da inserção deste tema na escola está associada, por um lado, a uma preocupação com uma dimensão epidêmica – como fora no passado em relação à sífilis – e, por outro, a uma mudança nos padrões de comportamento sexual, associada ao aparecimento da figura da gravidez “precoce”, “indesejada” ou “não planejada” – formas como a gravidez na adolescência tem sido recorrentemente nomeada. (ALTMANN, 2005, p.6)

A proposta trazida pelos PCNs de se trabalhar a sexualidade pelas vias da transversalidade tem recebido críticas. Lombardi (2003) citando Ianni (1998) diz que, na Europa a transversalidade busca fazer uma adaptação do sistema educacional às novas exigências da realidade (mercado em um sistema de globalização) e comenta:

Desta feita, poderíamos perguntar: a transversalidade e seus temas são ou não coisas boas? Na verdade não se trata de uma análise moral ou religiosa. O fundamental é perceber o que eles produzem na apropriação do conhecimento. [...] Objetivamente, a transversalidade é uma propositura que se coaduna com o tecnicismo dos anos de 1970 – que centrava a materialidade educacional no uso adequado de técnicas de ensino – quando a técnica pela técnica resolvia as questões educacionais. Com os temas transversais dá-se o mesmo, já que são discutidos sem a prévia análise dos princípios sobre os quais estão assentados e embasados. Desta forma, o trabalho com temas transversais é de uma improcedência histórica e radicalmente oposta à possibilidade de apropriação de conhecimento que resultaria na aglutinação de forças humanas para a transformação da sociedade capitalista. (LOMBARDI, 2003, p.175)

Ainda segundo o autor, os transversalistas defendem que esses conteúdos fazem um vínculo com os conteúdos escolares, porém questiona em que momento os temas transversais se desvincularam desses conteúdos. Para ele, a transversalidade nada mais é que um “praticismo barato e medíocre que só reforça o ativismo pedagógico, o espontaneísmo professoral e o aprofundamento da fragmentação da apropriação e da produção do conhecimento” (p. 179).

Entende-se, então, que a transversalidade demonstrou, na prática, não ser um instrumento capaz de vincular os temas transversais aos conteúdos escolares dos quais eles foram, erroneamente, desmembrados.

Veiga Neto (2008, *apud* BARROS, 2009, et al p.7) afirma que:

As disciplinas são partições e repartições - de saberes e de comportamentos – que estabelecem campos especiais, específicos, de permissões e interdições, de modo que elas delimitam o que pode ser dito/pensado e feito (contra o que não pode ser dito/pensado e feito). (2008, p. 47)

Desta forma, disciplinar a Educação Sexual vinculando-a a uma ou duas disciplinas apenas, torna-se mais uma fragmentação da problemática que tende a definir o que poderá ou não ser discutido em relação à sexualidade e o que deverá ser reforçado ou construído enquanto saberes sexuais do educando.

Pantoja (2007) define a transversalidade utilizando-se da raiz linguística anglo-saxônica na qual ela é citada como *cross curriculum element*, que significa “elementos que perpassam o currículo”. Seriam então elementos que cruzam, que atravessam o currículo em diferentes idiomas e latitudes (p.2).

Assim, os temas transversais deveriam ser não elementos à margem dos conteúdos curriculares, mas necessita considerar-se que eles estejam imersos indissoluvelmente nos conteúdos curriculares, de tal modo que ao estudarem-se com profundidade estes conteúdos, necessária e inevitavelmente se abordarão estes temas.

Citando Diaz (2004), Pantoja questiona se a educação formal e curricular ainda estaria cumprindo com a função da “sobrevivência da espécie”, tendo-se em conta o âmbito científico-tecnológico que caracteriza nossos tempos.

Os modelos educacionais generalistas apresentados ao longo dos tempos, que desconsideram as especificidades dos sujeitos nela inseridos, são afirmados como sinônimos de desenvolvimento e progresso das sociedades. O Estado, as transformações vinculares a nível familiar e a globalização estão levando a escola a uma perda do seu desenho de função socializante e instrutiva, deixando de ser um referente único de saberes. (PANTOJA, 2007, p.3).

A realidade nos mostra que a temática da sexualidade vem sendo encarada sempre pelos adultos, consciente ou inconscientemente, voluntária ou involuntariamente, em cada gesto, em cada palavra, em cada atitude diante das situações sexuais surgidas. Os docentes, gostem ou não, positiva ou negativamente educam sexualmente. Assim como os pais, os amigos, os meios de comunicação, a sociedade como um todo. Isto é o que se chama Educação Sexual Informal ou Socialização Sexual. (VERDIER, s/d, Educación Sexual ¿Por qué y Para qué?, tradução nossa)

Quando se fala em transversalidade nos remetemos a competências, porém, devemos pensar não na palavra usada para designar uma competência própria a atividades internas de uma determinada disciplina, mas na “competência transversal” dos educandos que são as diferentes competências que devem ser adquiridas ao longo de cada disciplina. No entanto é preciso se perguntar se essas competências transversais são inatas ou se podem desenvolver-se mediante atividades próprias.

Para Rey (s/d)

Definir uma competência transversal como algo comum a diferentes disciplinas supõe se limitar exclusivamente ao âmbito das disciplinas escolares; defini-la como não específica supõe considerar a possibilidade de que ainda se essa competência existe em uma só disciplina, possa desvincular-se dela e irromper em outras práticas fora da escola. (REY, s/d, p.9 – tradução nossa)

Segundo o autor, a competência especializada, específica a um determinado conteúdo, foi substituída pela competência múltipla, que foi a primeira forma de transversalidade e, no contexto que foi sendo desenhado, tornou-se necessário conceber “hipoteticamente competências que, mesmo concebidas em uma situação ou conjunto de situações, possam ser transferidas a situações novas”. Ele define essa nova forma de transversalidade por *transferência*. (REY, s/d, p.9)

Aqui Rey levanta uma questão: “Porque há alunos que apesar de terem aprendido com uma determinada situação, são incapazes de transferir tal conduta a atividades levemente diferentes e, inclusive, na mesma disciplina?” (p.11). Para Rey as competências realmente transversais podem ter seu surgimento em uma disciplina, mas deve permitir sua aplicação a uma série de outras situações e, inclusive, em outras disciplinas. O que se percebe é que as competências surgidas de um determinado conteúdo, nem sempre podem ser aplicadas a outro e, portanto, a cada disciplina, a cada conteúdo, devem ser esperadas novas competências, novas formas de aprendizado, sempre relacionadas com o meio externo à escola.

A primeira preocupação dos professores é fazer com que o aluno desenvolva competências e habilidades adequadas à resolução de exercícios escolares, mas, ao mesmo tempo, pensam que estas devem, de alguma forma, modificar esse aluno, permitindo a utilização da disciplina no espaço social. Apesar de algumas disciplinas reclamarem sua importância social, nos conteúdos há conhecimentos de uso incerto. Mais uma vez, Rey (s/d) faz a pergunta “Para que serve ‘na vida’ saber demonstrar um teorema de geometria?”, (referindo-se à análise feita tantas vezes pelos alunos sobre a relação dos saberes escolares e a aplicação destes no cotidiano), lembrando que quando a escola fala em competências transversais nos remete a pré-requisitos que o aluno deveriam ter para tirar maior proveito das disciplinas e a própria escola usa tal afirmação como justificativa para o fracasso escolar. Mas que

Quando se lembra que no aprendizado exitoso as competências devem ter caráter transversal e que os exercícios escolares devem, para fazer sentido, gerar competências que se sobreponham e sejam úteis na vida, falar em competências transversais designa, muito mais o que as disciplinas devem produzir. (REY, s/d, p.13 – tradução nossa)

Podemos definir, então, que toda competência transversal está vinculada a um conhecimento específico e só pode ser identificada quando entra em contato com este? Para Rey (s/d), a capacidade correspondente “pode ser dominada por um sujeito quando se refere a um conteúdo que conhece em um contexto que lhe é familiar, mas pode resultar inoperante no caso de um conteúdo que não seja habitual”. Essa afirmação nega o processo de construção e de transferência (REY, s/d, p.85).

Assim, chegamos a problemas que indicam o primeiro sinal de instabilidade conceitual:

- a) O dilema da modalidade de aprendizagem: construir atividades específicas para as competências transversais ou elaborá-las no interior das disciplinas tradicionais?
- b) O problema da avaliação: como encontrar avaliadores suficientemente precisos e objetivos para a capacidade de formular hipóteses? Como medir a formação da personalidade ou o desejo de conhecer?

Se, por um lado, defende-se que a construção de atividades específicas daria surgimento a mais uma disciplina e nos faria cair no tradicionalismo metodológico, por outro, faz-se a pergunta de como avaliar valores e conceitos, vivências e pensamentos. Essas dificuldades fazem com que o professor prefira manter-se limitado ao livro didático e a uma prática conteudista, o que lhe evitaria mudanças e confrontos.

A escola vem sendo vista como um “lugar onde não se ‘age de verdade’”. Longe das condicionantes da atividade social, o aluno não vê utilidade naquilo que aprende. A divisão das matérias em elementos simples “condena o aluno a um olhar míope, longe do sentido e preso a detalhes” (REY, s/d, p.42).

Se pensarmos na missão escolar de transmitir verdades, o professor se verá obrigado a influenciar: é o convencer e não persuadir através do discurso de verdades. Para Rey,

A ação pedagógica fracassa em sua finalidade se o aluno aderir por medo aos golpes ou à represália, por docilidade, por respeito à autoridade ou por dependência afetiva. O que se deseja, do contrário, é que assuma o saber por sua própria conta quando o reconheça como verdadeiro, sem coação ou influência, mas porque compreendeu as razões.

A Transversalidade não é somente o que pode haver de comum entre as disciplinas. Também é, a nosso ver, o ter em conta reflexivo do que as diferencia. Deve-se tentar sempre que o aluno construa sua capacidade de compreender; que saiba, para não ser súbita e abruptamente devolvido à desconfiança frente à sua própria razão, que esta capacidade deve ser exercida de forma diferenciada, segundo as diferentes formas de enfocar as coisas, segundo as áreas de conhecimento, segundo os objetos. (REY, s/d, p. 168 – tradução nossa)

Se tomarmos em conta que nas relações de poder socialmente estabelecidas (empregador e empregado, comerciante e cliente, relações de trabalho, etc.) o princípio não é a busca pela verdade, mas a defesa de interesses individuais e que, nas relações familiares ou de amizade o princípio é a emoção, centrando-se no campo da afetividade, a escola, devido ao seu isolamento em relação aos imperativos da produção e às determinações afetivas (o que se espera que seja assim), passaria a ser o único espaço onde as relações interpessoais são destinadas à busca da verdade e, conseqüentemente, regidas pela razão. Porém, sabe-se que o espaço escolar está sujeito diretamente à absorção das mais rígidas determinações sociais, o que vem prejudicando suas finalidades e objetivos reais, mas se existe uma instituição capaz de realizar esta mudança e efetivar tal prática, esta instituição é a escola.

É preciso, então, mudar as práticas que se repetem ao longo dos anos no meio escolar, essa relação de poder onde o aluno crê na palavra do professor meramente porque é o professor, onde o “conformismo” ao qual o aluno é submetido se perpetua pela aceitação à opinião do adulto, sem questionamentos, sem defesa de ideias.

Pensar a transversalidade da prática pedagógica é pensar na ação que busca a verdade e a razão, na ação que promove a criticidade livre do medo ou da represália do adulto, é pensar em conhecimentos compreendidos pelo aluno e relevantes para sua vida social, mediando suas relações interpessoais e cuja aplicabilidade perpassa os exercícios e atividades escolares.

3. A PRÁTICA DOCENTE PARA UMA EDUCAÇÃO SEXUAL CRÍTICO-FILOSÓFICA DA TEORIA FREIREANA

3.1. A intervenção educativa: ressignificando a prática docente

Albertini (1997), trás a discussão do papel da intervenção educativa como podendo ser capaz de gerar dificuldades para o desenvolvimento da criança. Segundo ele e, apoiando-se na teoria Reichiana e Freudiana, explica que “uma educação que não acolhe, que não propicia condições para a satisfação da curiosidade sexual, está inibindo não só essa curiosidade, mas o próprio desenvolvimento pleno da racionalidade humana” (p.69). O autor conclui, referindo-se à educação escolar, que “a tarefa que merece ser continuamente estudada e aprofundada, diz respeito à arte de colocar limites sem anular a expressividade sexual, e, portanto, vital do ser humano” (ALBERTINI, 1997, p.69).

Para Freire (1986), para que o professor abandone o tradicionalismo e se posicione à frente de uma educação libertadora, “precisa, antes de mais nada, entender o contexto social do ensino e então perguntar como é que esse contexto distingue a educação libertadora dos métodos tradicionais” (FREIRE, 1986, p.27). Ainda segundo o autor, a imoralidade se radicaliza “na dominação, na negação do ser humano, na violência sobre ele, que contagia qualquer prática restritiva de sua plenitude e a torna imoral também” (FREIRE, 2001, p.45).

Conforme a teoria freireana, a prática educadora é vista como um ato de intervenção sobre o mundo, tanto aspirando a mudanças radicais quanto pretendendo, contrariamente, imobilizar a História e manter a ordem justa. Nessa contradição, raramente percebemos que somos incoerentes ao pregar um discurso progressista e mantermos uma prática autoritária. De igual modo, tentamos dar à educação uma neutralidade que não existe e que, segundo Freire, se define como “a maneira cômoda, talvez, mais hipócrita, de esconder” nossas opções ou nosso medo de acusar as injustiças (FREIRE, 1996, p.112).

Nesse contexto, Lorencini Junior (1997) diz que a liberdade enquanto dimensão da sexualidade só é possível se houver uma ressignificação da sala de aula, tornando-se um espaço realmente democrático, interdependente e integrada ao projeto político pedagógico da escola, no qual as disciplinas contribuam para a

construção da sexualidade em todos os seus aspectos (sociológico, filosófico, político, histórico, biológico, etc.). Para o autor,

Nesse novo contexto, o professor faz da educação sexual uma prática social dotada da intencionalidade de democratizar a sala de aula, respeitando os múltiplos aspectos da cultura nela presentes. [...] A educação sexual, como um processo social no âmbito escolar, poderá ser considerada como um processo de transformação e mudança, que parte de um projeto coletivo e atinge os indivíduos, cada qual com sua busca particular do(s) sentido(s) da sexualidade. (LORENCINI JÚNIOR, 1997, p.94-95)

Desta forma, compreende-se que para garantir a realização, em sala de aula, de discussões relacionadas à Orientação Sexual (aqui tratada por Educação Sexual por entender-se que tal designação possui uma maior abrangência da temática), mantendo-se a transversalidade dos debates e garantindo a interdisciplinaridade da prática, é necessário que se compreenda que a sexualidade não é “inserida” no aluno através de conteúdos pré-determinados, mas acompanha o indivíduo desde seu nascimento e deve ser trabalhada a partir das vivências do educando e da sua compreensão de mundo, tendo-se em conta seu contexto social, familiar, político, religioso e educacional, e propiciando-lhe meios de desenvolver sua criticidade, para que concretize ou reformule seus próprios conceitos e atitudes. Ao professor, como mediador entre o educando e o conhecimento, destina-se a responsabilidade de cumprir seu papel facilitador, propiciando os meios de desenvolvimento destas discussões e garantindo ao aluno a experimentação da sexualidade em todos os seus aspectos (sociológico, psicológico, filosófico, histórico e biológico).

Enquanto educadores e mediadores de conhecimentos, sejam eles de ordem sexual ou não, somos obrigados a concordar com Carvalho (2009) quando afirma que a Educação Sexual não pode ter por finalidade

[...] a formação de juízos, valores e a normalização da identidade sexual ou de gênero, ou direcionar a um único entendimento, mas deve ser uma ação conjunta, transdisciplinar e problematizadora das representações e significados sociais sobre assuntos como a construção da corporeidade, a construção da identidade de gênero, famílias, masturbação, responsabilidades, relações sexuais, violência, tolerância, respeito, diversidade, papéis sociais de mulheres e homens, adolescência, comportamentos de riscos, DST, religiosidade (que é diferente de religião, no seu sentido institucional), valores, dignidade, respeito, etc. (CARVALHO, 2009, p.17)

Como pedagogos devemos dar especial atenção à linguagem usada para falar de sexualidade, visto que não há uma linguagem propriamente humanizada. Se considerarmos a linguagem marcada pelo senso comum, carregada de machismos e

preconceitos, deveremos atentar também para as publicações e textos sobre Sexualidade e Educação, que em sua grande maioria “limitam-se a descrever os ‘aparelhos genitais’ e a fisiologia dos órgãos sexuais, numa constituição asséptica e distante da realidade própria da maioria dos educandos” (NUNES, 1996, p.75).

Ainda segundo Nunes (1996), a questão da linguagem deveria ser mais discutida no meio acadêmico, pois “envolve dimensões essenciais da cultura e da expressão existencial”(idem). A linguagem a ser usada, então, seria aquela que melhor se adéqua ao contexto social do educando, que mais se aproxima de suas vivências e que lhe permite vincular a Educação Sexual escolar à sexualidade cotidiana.

Goldberg (1988), citada por Benites (2006) afirma que

[...] omitindo-se, ignorando, aparentando indiferença, a escola deixa que a (DES) Educação Sexual continue sendo feita nos banheiros, através das grafites ou de expedientes muito mais tradicionais [...]. Os argumentos a favor dessa cortina de silêncio na escola têm sido os mais variados. Há o discurso moralista que a Educação Sexual como uma espécie de “cursinho de sacanagem”, um “pornocurso” capaz de retirar a ‘inocência’ dos jovens e das crianças. Há a argumentação liberal que encara a Educação Sexual como doutrinação, como propaganda, violentando assim os valores de pais, alunos e professores. (GOLDBERG, 1988, apud BENITES, 2006, p.52).

Nessa afirmação, percebemos que a burocratização existente nas instituições educacionais ainda é um empecilho para a realização plena da Educação Sexual. Não abordar a temática na escola, seja por falta de capacitação ou por negar-se a sexualidade das crianças e adolescentes, reforça a ideia de que a sexualidade não faz parte do conhecimento humano, devendo realmente ser aprendida na rua, de qualquer jeito, como coisa suja e informal.

Para Werebe (1998), a educação sexual não se resume aos aspectos biológicos do corpo. Os temas são elaborados de acordo com a faixa etária dos alunos e com seus interesses, mediante encontros periódicos e contínuos e com a interação de professores e alunos.

Nessa perspectiva, apresentam-se inicialmente duas formas de se trabalhar a educação sexual. A primeira, de forma interdisciplinar via currículo transversal, sendo trabalhada por dois ou mais professores que planejam suas atividades e podem, inclusive, dividir os temas a serem trabalhados, desde que se sintam preparados para realizar as discussões. Na segunda forma, em “extra-programação”, temos um docente de qualquer disciplina que, sem programação

prévia, aproveita um fato surgido, uma situação espontânea, para desenvolver a discussão (FIGUEIRÓ, 1999 apud BENITES, 2006, p.53-54).

Não se pode esquecer que os objetivos gerais da Educação Sexual incluem não apenas a aquisição de conhecimentos, a construção da identidade, a formação de um sistema de valores sexuais visando a liberdade e a coerência nas condutas cotidianas e a aprendizagem de ações determinadas para a prevenção, mas também e, principalmente, a abordagem de graves problemas como a violência, o abuso e a exploração sexual infantil, que também podem ser identificados e prevenidos a partir de uma ação pedagógica adequada.

Entende-se, assim, que os temas transversais possuem “a característica de ser a parte problematizadora do currículo”, conduzindo o indivíduo a refletir sobre as relações homem-homem e homem-mundo de forma crítica. Teriam seu surgimento, então, “não por imposições externas, mas dos e das estudantes através dos confrontos entre os meios social e cultural”. São estas concepções críticas que emprestam à transversalidade e à própria Pedagogia um olhar diferenciado, já que “pensam de forma diferente os processos de seleção, transferência, apropriação e avaliação” de conhecimentos (MAGENDZO, 2004, p.4-5).

Esse encaminhamento curricular crítico se vincula ao movimento por uma pedagogia crítica e social, referendada pela Escola de Frankfurt e é incorporada notavelmente à educação por Paulo Freire. Os temas transversais, segundo Magendzo, seriam portanto, uma forma de aproximar o currículo a posturas críticas que visam construir condições ideológicas e institucionais que deem aos estudantes protagonismo na construção de si mesmos e da sociedade. Uma contrariedade com a realidade da prática escolar existente, onde os conteúdos que são considerados “problemáticos” ou que não levam a uma atuação social considerada “eficiente” para a produtividade de mercado, não têm lugar no currículo escolar (MAGENDZO, 2004, p.3).

Para Benites (2006), a formação do professor necessita de um currículo que corresponda à realidade sócio-político-cultural, uma vez que estará tratando pessoas reais que lhe apresentarão problemas emergentes do cotidiano.

Trabalhar a Educação Sexual requer considerar-se a importância de um processo de reeducação, tanto dos educandos quanto dos educadores. É a oportunidade de repensar tabus, mitos e preconceitos que carregamos e que enraizamos ao longo dos anos.

3.2. A atitude Filosófica

Fazendo uma relação direta com a Filosofia, nos remetemos a Chauí (1999, p.12), quando afirma que “a primeira característica da atitude filosófica é negativa, isto é, dizer não ao senso comum, aos pré-conceitos, aos pré-juízos, aos fatos e às ideias da experiência cotidiana, ao que todo mundo diz e pensa, ao estabelecido”.

Concordamos com Chauí que precisamos fazer crítica aos pré-conceitos e aos discursos ideológicos. No entanto, a proposta aqui apresentada, por embasar-se em conceitos educacionais freireanos, opõe-se ao olhar negativo ao saber do senso comum, tendo em vista que este é considerado base de vivências e experiências que constituem o conhecimento do indivíduo, e passa a utilizar-se dele para construir a criticidade como afirma Freire ao dizer que,

Como presenças no mundo, os seres humanos são corpos conscientes que o transformam, agindo e pensando, o que os permite conhecer ao nível reflexivo. Precisamente por causa disto podemos tomar nossa própria presença no mundo como objeto de nossa análise crítica. Daí que, voltando-nos sobre as experiências anteriores, possamos conhecer o conhecimento que nelas tivemos. (FREIRE, 1981, p.72)

Assim, a discussão da sexualidade humana se inicia, igualmente, pela negativa que provoca o questionamento das ideias pré-estabelecidas pela sociedade, portanto, inicia-se mediante uma atitude filosófica.

Para Garcia (1991, p.108) “os filósofos nunca deram muita atenção à questão sexual”. A própria biologicidade à qual a sexualidade sempre foi relegada e a restrição desta à área dos instintos, fez com que o tema fosse de pouca relevância para os filósofos “preocupados com questões existencialistas”. Foi diante da concepção do “ser humano como ser sexual e sexuado, que a filosofia começa a ver nessa questão, um instrumento de estudo e pesquisa”, identificando-lhe os sentidos vital (instinto) e humano.

Nunes (1996) explica a relação da Filosofia com a sexualidade como “um resgate do conceito de ‘dialética’ na tradição própria da construção social e histórica da Filosofia” e desenvolvendo uma reflexão sobre a antropologia marxista afirma que

A compreensão mais profunda da Filosofia de K. MARX (1818-1883) e F. ENGELS (1820-1895), definida como Socialismo Científico ou Materialismo Dialético tem ainda fecundas contribuições para explicar as contradições que envolvem nosso tempo e significações culturais e políticas. O recurso à Filosofia e a mediação da perspectiva histórica também foram fundamentais para estabelecer a possibilidade da investigação crítica da sexualidade. (NUNES, 1996, p.9)

O autor ainda defende a atitude política de buscar “romper com o pensamento dominante sobre a sexualidade, que pretende reduzi-la a um amontoado de noções biologistas, instintivas ou institucionais morais”, compreendendo a sexualidade através das relações sociais e culturais historicamente construídas, “em uma concepção de realidade, de mundo, uma visão de homem e da história”, superando o senso comum. (NUNES, 1996, p.10)

A superação deste senso comum ideológico só é possível, segundo o autor, mediante a busca metódica e rigorosa de um conhecimento amplo da realidade que nos cerca, não de uma forma “fria e supostamente neutra ou parcial”, mas mediante uma “visão de globalidade, uma árdua investigação de todos os processos e dimensões envolvidas na realidade e uma relevância comprometedora do papel político do próprio pesquisador” (NUNES, 1996, p. 10).

O recurso à Filosofia deve ser entendido como uma atitude histórica e cultural do homem em relação ao seu tempo e seu mundo. Sartre (1960, apud NUNES, 1996) afirma que,

Nada mais é dialético do que o movimento real, o complexo movimento do mundo e do pensamento, numa síntese dinâmica, ação recíproca, a negação, a contradição e o dinamismo, à qual a lógica estática não atribui senão valor negativo, mas a consciência dialética transforma-a em elemento ativo e fecundo, sem o qual não há desenvolvimento nem vida.(SARTRE, 1960, apud NUNES, 1996, p.10)

Esta é exatamente a atitude que se dispõe a discutir a sexualidade humana em um esforço de compreensão de seus contornos, através de suas inter-relações, pelas suas contradições externas e internas, seus vínculos e manifestações,

Compreendendo que as significações ideológicas de cada época e período histórico consagram profundas e visíveis interdependências com os códigos de poder e com os interesses econômicos dominantes. Somente o método de análise dialética nos permitirá vislumbrar estas ligações entre sexualidade e poder. (NUNES, 1996, p.13)

A Filosofia busca a compreensão do ser humano historicamente constituído como consciência, ação e cultura, entendendo a sexualidade como espaço formado entre a sociedade e a subjetividade, constituída por mecanismos que vão desde o campo econômico até o estético e atingem o campo ético-político. É necessário mencionar que toda sexualidade está formada em uma determinada visão de mundo e que esta se configura no imaginário coletivo de uma época.

Ainda segundo Nunes (1996),

Esta interpretação dos fundamentos filosóficos que embasam os discursos sobre sexualidade e educação requer-se crítica e utópica. Crítica no sentido de fornecer elementos para elucidar contradições conceituais, políticas e ideológicas nos diferentes universos discursivos e semânticos da sexualidade. Utópica conquanto pretende provocar também um veemente exame nas nossas redes de sentido e vivências atuais, no campo da compreensão da sexualidade e de uma possibilidade filosófica de sua apresentação pedagógica. (NUNES, 1996, p.23)

Buscar a compreensão das transformações históricas, demarcando seus impactos para a sexualidade humana é procurar a coerência da relação do ser humano com seu tempo, e isto é a base de um pensamento filosófico, já que a Filosofia busca a compreensão desse ser humano em um contexto histórico, político e cultural.

Neste contexto, a Educação é um fenômeno humano e social determinado historicamente para que o ser humano construa sua identidade ontológica, social, cultural, étnica e produtiva. Por ser o campo onde ocorre a ação humana, toda sociedade ou grupo social torna-se um agente educador. Não podemos reduzir a Educação à escolarização ou ao ato de instruir, educar é construir redes de significação cultural e comportamental padronizados por códigos sociais vigentes. Assim, “a Educação Sexual não é uma tarefa primordial da Escola”, como afirma Nunes (1996), mas ela acontece em todos os grupos sociais, desde a primeira infância, “através da internalização de discursos e comportamentos padronizados que configuram os papéis sexuais dominantes e suas formas de expressão consentidas e esperadas” (p.25).

Para vislumbrar claramente uma proposta educativa da Educação Sexual é preciso compreender que não há educação sexual sem uma análise crítica da própria sexualidade, através de núcleos dialógicos sem reducionismos modistas ou purificantes. Vasconcelos (1973) afirma:

Parece, pois, que uma educação sexual não pode prescindir, inicialmente, de um questionamento crítico das noções sexuais correntes. Porque, decididamente, não se trata de ensinar a sexualidade, mas de preparar as condições de desenvolvê-la em seu contexto pessoal, de criá-la. E não se prepara condições, senão em uma perspectiva criativa, de dar condições a uma elaboração pessoal. É, então, o sentido criador mesmo que deverá ser a meta de uma educação sexual. Afinal, a sexualidade é um modo de expressão, liga-se estreitamente à sensibilidade constituindo, com ela, essa atividade essencialmente humana que é o erotismo. A palavra erotismo não designa aqui e não poderia designar em parte alguma, a não ser por melancólica deformação, lubricidade ou devassidão. Designa exatamente aquilo que no homem faz a sexualidade humana, a sua capacidade de inseri-la num contexto simbólico-significativo, de fazer dela uma sinalização e uma mensagem, um chamado e uma conquista. Os ritos da sexualidade,

a corte amorosa, a provocação sensual que se manifesta no olhar, nos gestos, enfim em toda a corporeidade, são as variadas faces do erotismo, que se radica, enfim, numa valorização e numa dignificação do corpo. (apud NUNES, 1996, p.25)

Daí, devemos pensar em uma Educação Sexual efetiva, estética, que perpassa as noções da pornografia sexual e construa as bases de uma motivação pela busca da beleza interpessoal. Uma Educação Sexual que forneça informações, também fisiológicas, mas que, principalmente, informe sobre suas interpretações culturais e possibilidades significativas, que conheça o que é próprio do ser humano natural e culturalmente, permitindo uma tomada lúcida de consciência. Essa procura por uma significação para a sexualidade em construção é essencialmente filosófica e ética.

As primeiras questões filosóficas resgatam a potencialidade do ser humano como ser pensante, que ama, que sente e se comove pelo outro e pelo mundo. Uma noção de cidadania que se torna base para uma educação sexual emancipatória, na construção de uma sexualidade humanitária. O sexo compreendido apenas pela ótica biológica classifica a sexualidade como uma marca essencialmente humana, analisando a significação existencial e social dentro e sobre uma possibilidade biológica. Somente pela ótica cultural podemos falar de sexualidade plenamente. Considerar da sexualidade humana “somente seu caráter reprodutivo é retirar dela sua significação humana, estética, social, inclusive espiritual, redundando numa afirmação materialista, biologista e reducionista” (NUNES, 1996, p.30).

É pela dialogicidade da sexualidade (base do pensamento filosófico), do ser humano consigo mesmo e com o mundo que se constrói o espaço do desejo e da afetividade, da erótica plena, de homens livres, da completa superação de formas de machismo, de violência sexual e de violências políticas, de vivências neuróticas e de intolerâncias competitivas.

3.3. Os Pressupostos Educacionais Freireanos

A Educação em Paulo Freire pressupõe a dialogicidade como ato educativo. Para Freire (1977, p.92), “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. A “palavra verdadeira” que nutre a existência humana seria, então, a ação de transformar o mundo verbalizada na prática, no encontro dos seres humanos. Negar a homens e mulheres o direito de verbalizar o

mundo é impedir-lhes a significação enquanto seres humanos e a reflexão sobre sua própria realidade.

Essa compreensão da necessidade humana de dialogar e, através da dialogicidade adquirir significação, consiste na mesma compreensão do papel do educador que, se sabendo mediador entre o conhecimento e o educando, se permite fazer da práxis educativa uma verbalização do mundo. Se, contrariamente, o educador se idealiza no meio, rompe com a dialogicidade e passa a manipular a realidade.

Como afirma Freire (1977),

Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deteriorização, que devo evitar? Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela? (FREIRE, 1977, p.95)

A Educação Sexual não acontece quando os sujeitos que a instrumentalizam não são incentivados a dialogá-la, problematizá-la e refletir sobre ela. Sem o diálogo construído pela práxis educativa, a sexualidade passa a ser manipulada, dirigida pela unilateralidade do educador e perde sua função crítica e transformadora. Para o educador dialógico os conteúdos não são impostos ao educando, a sua prática não se fundamenta em transmitir conhecimentos como se o educando fosse uma caixa vazia, mas em permitir a tomada de consciência, devolvendo ao povo o que lhe foi entregue de forma inestruturada. Atuar sobre os seres humanos sem a dialogicidade é exercer-lhes a dominação, doutrinando-os de forma a garantir a manutenção da realidade, sem alterá-la.

Marcuse (1975) se refere a essa doutrinação afirmando que

O Eros incontrolado é tão funesto quanto a sua réplica fatal, o instinto de morte. Sua força destrutiva deriva do fato deles lutarem por uma ratificação que a cultura não pode consentir: a gratificação como tal e como um fim em si mesma, a qualquer momento. Portanto, os instintos têm de ser desviados de seus objetivos, inibidos em seus anseios. A civilização começa quando o objetivo primário isto é, a satisfação integral de necessidades é abandonado. (MARCUSE, 1975, p.37)

A dominação exercida pela doutrinação é compreendida quando analisamos a estruturação das relações de poder e dominação. Para tanto, é válido mencionar as críticas feitas pelo movimento feminista a Freire, pelo uso do masculino “neutro” em seus escritos, que reafirmaria uma postura machista e excludente da presença feminina nas camadas sociais às quais era direcionada a Educação Popular.

Essa percepção da linguagem como instrumento de transmissão do domínio que abre as discussões sobre as questões de gênero se configura na visão naturalista das relações de poder e, muitas vezes é repetida e reafirmada, imperceptivelmente, em nossas práticas.

Ressaltamos aqui a defesa feita pela feminista bell hooks (apud MURACA & FLEURI, s/d, p.3) às críticas sofridas por Freire, em um capítulo de seu livro “Teaching to transgress” (1994), quando afirma que os escritos do autor a ajudaram muito mais a compreender sua condição de oprimida e a sair dela, do que as publicações das próprias feministas visto, estas, estarem carregadas de uma “sensibilidade branca e burguesa” referindo-se à presença de um posicionamento colonialista no movimento feminista, que geraria um solidarismo com as oprimidas (mulheres de países empobrecidos), em uma postura de benevolência e redenção que coincide com o discurso imperialista.

Nesse sentido, a proposta freireana para a Educação Sexual é, através de certas contradições sua condição de opressão, de privação de direitos, de significação que exige do sujeito uma ação, uma resposta. Assim, “a ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob a pena de se fazer bancária ou de pregar no deserto” (FREIRE, 1977, p.102).

O que observamos nas salas de aula é justamente esse “pregar no deserto”, pois os conteúdos utilizados e impostos pela escola tornam-se tão castradores, privadores da liberdade do “ser mais” que humaniza o sujeito, que se tornam desinteressantes, enfadonhos para o educando e não surtem efeito algum.

Pensar em uma Educação Sexual real, efetiva, nos remete a essa luta do oprimido contra o opressor de que fala Freire. A sexualidade se converteu, ao longo do tempo, em um instrumento a mais de controle e doutrinação, que se perpetua através da práxis escolar, negando o saber empírico do aluno, de uma sexualidade viva e constante, externa ao sistema educacional.

Neste sentido, imprescindível se torna adotar uma educação que possibilite ao ser humano discutir corajosamente suas problemáticas em um diálogo constante com o outro. Como afirma Freire (1967), assumir uma educação:

[...] que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. [...] Que o predispusesse a constantes revisões. À análise crítica de seus “achados”. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão.

Que o identificasse com métodos e processos científicos.
(FREIRE, 1967, p.90)

A falta desse posicionamento por parte da educação é o que vem gerando homens e mulheres massificados (as), criticamente inconscientes diante da vida, que se excluem das decisões inerentes à sua realidade e passam a considerar somente as opiniões que lhe são apresentadas pelos meios de publicidade.

Aliada a essa nova forma de educação, precisamos repensar, também, o agir educativo que, sem esquecer as condições culturais nas quais está inserido, assenta-se em uma constante atualização, acompanhando as mudanças do seu tempo, que permitem o desenvolvimento de nossa mentalidade democrática.

Ainda segundo Freire (1967) é preciso

Uma educação que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. A da intimidade com eles. A da pesquisa ao invés da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida. A educação do “eu me maravilho” e não apenas do “eu fabrico”. A da vitalidade ao invés daquela que insiste na transmissão do que Whitehead chama de *inert ideas* — “Ideias inertes, quer dizer, ideias que a mente se limita a receber sem que as utilize, verifique ou as transforme em novas combinações. (FREIRE, 1967, p.93)

A partir do ponto em que consideramos que a criticidade do sujeito se constitui de sua capacidade de dialogar com os problemas de sua realidade vivenciando-os e negando-se à mera contemplação a que nos remete a sociedade capitalista, a educação, então, teria que ser repensada, de forma a tornar-se instrumento de constante mudança de atitude para o sujeito, dando-lhe a permeabilidade característica da consciência crítica. Nas palavras do autor “Quanto menos criticidade em nós, tanto mais ingenuamente tratamos os problemas e discutimos superficialmente os assuntos” (FREIRE, 1967, p.96). Daí a necessidade de refazermos o questionamento, que também foi feito por ele e que ainda nos é pertinente: Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe?

Educar pressupõe amor, o amor ao povo, ao oprimido, ao excluído. Amor que se propõe a devolver o direito que lhe é negado socialmente: o de fazer parte, o de construir e construir-se, o de decidir seus próprios caminhos, o de pensar e definir seus próprios critérios. Essa educação que ama e por amar critica, não pode temer o debate, a contraposição de ideias. Acostumamos-nos a ditar ideias, discursar aulas e impormos ao educando “uma ordem à qual ele não adere, mas se acomoda” (p.97). “Damos” uma educação que repete fórmulas, incapaz de gerar compreensão

e análise por não proporcionar pesquisa, vivência, procura e recriação. Para educar transformadoramente, é preciso saber trocar ideias, debater temas e propiciar meios para um pensar autêntico. Fora desta prática não será possível formarmos homens e mulheres impacientes e vivazes, em um constante estado de procura, de reinvenção e reivindicação.

E referindo-nos aos conteúdos desse modelo de educação, novamente nos remetemos a Freire (1977) quando afirma que “os conteúdos programáticos para a ação [...] não podem ser de exclusiva eleição daqueles, mas deles e do povo” (p.102), referindo-se ao educador como sendo parte integrante dessa educação e não determinante dela e de seus conteúdos, não lhe cabendo decidir sozinho o que será ensinado e aprendido. Os conteúdos pedagógicos da educação libertadora não estão prontos, são resultantes de a dialogicidade ser humano-mundo, educador-educando, das problematizações analisadas pelos sujeitos problematizados. De uma prática constante de busca de certezas e verdades que se recria a cada confronto do sujeito com suas dúvidas. E conclui que “o momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade” (p.102).

É esse buscar que possibilita o surgimento dos temas geradores e estes, por sua vez, geram novos questionamentos. O ser humano, como ser histórico-social, critica, reflete e transforma, e a cada transformação, mais se questiona, alimentando a consciência crítica, fazendo a educação para a liberdade. Educação esta que buscamos e acreditamos imprescindível para a verdadeira sexualidade.

Finalmente, retomamos Freire (1996) quando afirma,

Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismos. Daí que insista tanto na *problematização* do futuro e recuse sua inexorabilidade. (FREIRE, 1996, p.53)

Essa educação libertadora a que o autor se refere, faz-se necessária para “alimentar” o ser humano em sua inconclusão de ser. Homem e mulher inconclusos de uma vida que lhe cobra a investigação para reconhecerem-se ser humano, sujeito historicizado e historicizante. Quando o ser humano se vê no mundo, se percebe transformador e passível de transformações é que se compreende inconcluso, carente de saberes e descobertas. E é sua inconclusão consciente que o transforma enquanto ser humano e, também, transforma o mundo.

4. AÇÕES SOCIOPEDAGÓGICAS DA PRÁTICA CRÍTICA E INTERDISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO SEXUAL EM UMA PERSPECTIVA FREIREANA

Para que a ideia inicial de uma Educação Sexual interdisciplinar crítica, trabalhada filosoficamente, mantenha a transversalidade e guiada pelo conceito freireano de educação fosse concretizada, foi necessária a criação de grupos dialógicos com turmas de diferentes níveis educacionais. Iniciou-se, então, uma verdadeira “peregrinação” pelas escolas públicas de Belém-PA. Utilizo-me do termo “peregrinação” porque em determinados momentos a sensação de que se parecia “implorar” para que a escola cumprisse com seu papel, foi muito presente.

A primeira proposta foi a formação de um grupo único, com alunos de diversas idades e níveis educacionais, realizado nos finais de semana no espaço escolar Justo Chermont, localizado no bairro da Pedreira, periferia de Belém. O público alvo seria específico dessa escola e o trabalho seria conjunto com os professores da instituição, porém as dificuldades enfrentadas na implantação terminaram inviabilizando a prática. A escola não demonstrou interesse pelo projeto e resistiu em conceder o espaço físico para a realização dos encontros, além de dificultar, por vários meses, o acesso às turmas, quando seriam apresentados os objetivos e a metodologia das atividades. Os docentes não aderiram ao projeto alegando falta de tempo ou simplesmente dizendo não constatarem relação entre os conteúdos. Diante destas dificuldades, foi repensada a escolha da instituição para realização da pesquisa.

Na escola Donatila Santana Lopes já se realizava o ensino de Filosofia com Crianças em duas turmas de 5º ano na qual foram verificadas situações conflituosas relacionadas à sexualidade. Solicitou-se autorização para implantação do Projeto, não havendo objeções por parte da gestão escolar. Sendo assim, se iniciaram atividades no mês de agosto com a turma 12, às terças feiras pela manhã, com um total de 37 alunos na faixa etária entre 10 e 14 anos. O Projeto também realizou ações pontuais em outras unidades escolares, como foi o caso do município de Marabá, Marituba e no bairro de Águas Lindas, com atividades direcionadas a acadêmicos, pais e professores, através de capacitações docentes e oficinas de Sexualidade.

Sem desistir da ideia inicial quanto à Escola Dr. Justo Chermont, procurou-se ir em sentido contrário, despertando primeiramente nos alunos o interesse pela

temática, de forma a que estes pressionassem a instituição escolar a conceder o espaço. O primeiro passo foi utilizar-se da internet como via de acesso (meio com o qual os jovens e adolescentes estão mais familiarizados). Deu-se ao projeto um nome mais chamativo e criaram-se espaços próprios de discussão on-line. Surge, então, o “Projeto TABU”, com site e perfil específicos em redes de relacionamento, onde são lançados, semanalmente, questionamentos para discussão, textos de aprofundamento e depoimentos relevantes. A partir de então, o interesse dos alunos levou discussões para o ambiente escolar. A proposta foi reapresentada direcionada a uma ação específica com as turmas limítrofe de cada nível escolar (9º ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio), utilizando-se para a ação os horários vagos destas.

Em início de setembro concederam-se as turmas de 9º ano (802) e 3º ano (301), às sextas feiras, e ocupou-se ainda o horário vago da turma de 8º ano (701), às terças feiras, a pedido dos próprios alunos. Essas atividades serão relatadas a partir de agora.

As primeiras atividades efetivas da pesquisa-ação em Educação Sexual ocorreram em duas escolas públicas da periferia de Belém (PA), a E. E. E. F. Donatila Santana Lopes e a E. E. E. F. M. Dr. Justo Chermont, ambas localizadas no bairro da Pedreira. Na citação das falas e questionamentos dos alunos de ambas as escolas serão usados nomes fictícios.

4.1. Ações Pedagógicas em Educação Sexual nas escolas e na universidade

a) O Município de Marabá – A Educação Sexual na Academia

No dia 26 de Maio, através do Programa “UEPA nas Comunidades”, realizado no Município de Marabá, no Campus VIII da Universidade do Estado do Pará, realizou-se a primeira Oficina de Sexualidade com acadêmicos locais e da capital. A Atividade foi ministrada em presença da Prof^a Izilda Cordeiro, docente da instituição em Belém e de aproximadamente 26 pessoas com idades entre 17 e 37 anos, distribuídos em três horários de apresentação.

Contou com 14 participantes na primeira apresentação, realizada de 09h às 14h; 5 na segunda, realizada de 15h às 18h e 7 participantes na terceira, de 19 às

22h. Todas as apresentações seguiram uma mesma esquematização, na seguinte ordem: dinâmica, debate e vídeo.



F1. Círculo dialógico realizado em Marabá – Maio de 2012

No 1º Momento da atividade da manhã realizou-se a Dinâmica “Amigo Imantado” para verificar a corporeidade dos participantes e as dificuldades no tocar e ser tocado pelo outro. Neste primeiro grupo não foi detectada qualquer dificuldade na realização da dinâmica, porém, ressalta-se que todos já se conheciam de longa data, o que facilita a confiança. Notou-se, no entanto, que os participantes preferiram formar duplas com pessoas com as quais tinham intimidade maior.

Na atividade da tarde iniciou-se pela dinâmica “Porque tanta diferença?”, onde a proposta era que se pensasse nas dificuldades e benefícios do sexo oposto, de forma a provocar a reflexão sobre as questões de gênero e os conceitos sociais sobre o ser homem e ser mulher. Nessa temática, discutiu-se o senso comum, a definição de papéis sociais e o machismo, tanto contra a mulher quanto contra o homem, quando se atribui à masculinidade atitudes e comportamentos que oprimem e pressionam o próprio homem.

Na atividade da noite, devido ao fato de haver um acadêmico cego, a dinâmica utilizada foi “Eu penso que”, onde se propuseram situações diversas para que os participantes expressassem suas opiniões e, a partir delas realizar a discussão. Todas as ações realizadas nessa atividade foram adaptadas para a dialogicidade, exceto a “Árvore dos Prazeres”, onde o aluno em questão realizou sua participação de forma oral.

Os vídeos apresentados nos turnos da manhã e da tarde, respectivamente, foram “Comercial Irlandês contra a homofobia” e “Rio sem homofobia”.



F2. Acadêmicas do Campus VIII de Marabá – Maio de 2012

No 2º Momento, em ambas as atividades, realizou-se a dinâmica “Árvore dos desejos”, trabalhando-se os conceitos pré-concebidos sobre o que são prazeres sexuais. Também trabalhou-se os riscos de cada um dos prazeres sexuais informados e as formas de prevenção destes. O vídeo trabalhado nesta atividade foi “Rap da Prevenção”, discutindo-se também questões mais simples de riscos à saúde sexual, como presença de corrimentos na mulher, higiene peniana e a saúde mental para o ato sexual.

No 3º Momento foi apresentada a dinâmica do “Semáforo”, discutindo-se os questionamentos e dificuldades que cada participante compartilhou. Foram registradas pelos acadêmicos as seguintes dificuldades:

- a) Dificuldades em falar sobre sexo oral
- b) Falar de doenças
- c) Sexo anal: como é, quais os prazeres sentidos e se acontecem para ambas partes.
- d) Falar de sexo com os pais
- e) Como chegar ao orgasmo
- f) Falar de sexo com o namorado
- g) Falar do passado
- h) Dificuldade em demonstrar afeto
- i) Sexo anal: consequências, riscos, prazeres e preconceitos

Aqui destacamos duas falas. A primeira feita na atividade da manhã, referia-se a um caso de abuso sexual, onde a aluna de aproximadamente 22 anos relatou ter sido abusada pelo padrasto dos 6 aos 16 anos. Mesmo tendo contado à mãe não recebeu crédito e viu-se obrigada a sair de casa aos 17 anos para fugir da situação. A aluna informou que nunca havia comentado com ninguém sobre o assunto porque após tantos anos estava se convencendo de que a mãe tinha razão e era fruto de sua imaginação, mas após ouvir o debate sobre a capacidade da mente de filtrar informações que colocam em risco a vida do indivíduo, fazendo em muitas vezes parecer sonhos ou lembranças vagas e, muitas vezes, apagando totalmente um período da vida, percebeu que era real sua recordação. O segundo relato, no período da tarde, foi de um rapaz de 19 anos que assumiu ser o autor da questão “C”. Diante do espanto de amigos presentes, tanto pela idade (que pressupunha certa experiência) quanto pelo fato de tratar-se de um rapaz, explicou que havia sim recebido informações de seu pai a respeito, mas que estas não haviam sido suficientes, porém o pai tinha tanta certeza de ter explicado o suficiente que ele não tinha coragem de romper com a ideia do pai e guardara para si as dúvidas. O fato de ser homem só dificultou mais a obtenção de respostas ao longo dos anos e que agora se sentia à vontade para perguntar, porque via que tinha o direito de não saber de tudo.

Finalizaram-se as atividades com a apresentação dos vídeos “Porque a Bíblia me diz assim” e “Comercial contra a Homofobia”, comentando-se a necessidade de conhecermos mais a nós mesmos e reavaliarmos conceitos e tabus.

Neste encontro configurou-se o caminho para a aplicação do trabalho de pesquisa, por ter sido a primeira atividade neste sentido e por ter tido resultados muito positivos, como os depoimentos obtidos durante e após as atividades. Até então, só se imaginavam falas tão pessoais após vários encontros com um mesmo grupo, o que pressunha a construção de confiança entre os participantes. A variedade de idades identificadas também auxiliou no repensar a metodologia, pois exigia que a linguagem utilizada estivesse adequada ao grupo e possibilitasse a todos se sentirem à vontade para expressar suas dúvidas e opiniões.

O retorno a Marabá se deu no dia 27 de Setembro, em virtude da Semana Acadêmica do Campus VIII da Universidade do Estado do Pará, às 17h30 no auditório do campus.

O público novamente tinha idades diversas e eram composto por 10 acadêmicos e duas professoras, com idades entre 19 e 43 anos. Inicialmente foram

colocados os tópicos temáticos através da apresentação de slides, mostrando-se as diferenças entre sexo e sexualidade e a noção conceitual de ambas, colocando-se aos presentes a sexualidade como algo inerente à vida.

Em seguida foram apresentadas as noções de identidade, relacionando-as à cultura, à família, à religiosidade, à expressão oral e corporal. Apresentou-se o vídeo intitulado “Explicando a Sexualidade” como forma de aprofundamento dos conceitos e noções a respeito do tema. Também foi apresentada a conceituação de prazer relacionada ou não ao sexo, sendo usado como mediador o vídeo “Com prazer – a 1ª vez”, que mostrava as dificuldades de ter-se a primeira experiência sexual sem se estar totalmente preparado.

Aprofundando-se a temática se discutiu a violência relacionada a questões sexuais e às relações interpessoais com o vídeo “Rio sem homofobia”, onde foram apresentadas a necessidade de se respeitar a legislação e os direitos civis de todo indivíduo. Ainda na temática de Identidade, no relacionado à religiosidade, apresentou-se o vídeo “Porque a Bíblia me diz assim”, onde foram apresentadas questões relacionadas às crenças enquanto impedimento para a compreensão do outro e o diálogo familiar.

No 2º Momento da atividade passou-se a discutir a formação identitária dos participantes mediante resposta a questões como: quem é você? O que gosta? O que pensa? Por que pensa assim? Crê em que? Tem medo de que? Quem vê no espelho?. Apresentou-se o vídeo “A Lista” de Oswaldo Montenegro com o objetivo de fazer os participantes refletirem sobre o EU interior, seus sonhos, segredos, amigos e amores ao longo da vida.

Após o vídeo foi realizada a dinâmica “Os Barcos”, através da formação de 4 subgrupos que representariam barcos em processo de naufrágio. Cada barco teria direito a um salva-vidas, porém teriam que excluir do salvamento um integrante da equipe, definindo critérios que justificassem sua exclusão. Após a definição dos excluídos e dos critérios de escolha, cada equipe apresentou suas escolhas iniciando o diálogo. No primeiro grupo foi excluído um rapaz por possuir conhecimentos de natação e treinamento militar. No segundo grupo a exclusão se deu por sorteio e todos os integrantes foram colocados no mesmo patamar de possibilidades de salvamento. No terceiro grupo a escolha foi de um rapaz por ser o único homem no grupo e saber nadar. No quarto grupo foi definido um revezamento entre os únicos dois que sabiam nadar, onde de hora em hora um deles estaria no bote e o outro estaria nadando ao lado. Após a apresentação das justificativas foi

perguntado aos selecionados se haviam aceitado as determinações impostas sobre eles pelo grupo e, unanimemente, todos assentiram. Então foram discutidas as diversas formas de exclusão que fazemos desde a infância, quando selecionamos os amiguinhos que participarão do time de futebol ou da brincadeira de bonecas. Um dos participantes questionou que em alguns casos se faz obrigatório escolher, citando como exemplo a questão profissional, quando a empresa obriga quem tem um cargo mais alto a escolher quem será promovido ou demitido. Foi esclarecido a ele que selecionar não é uma coisa ruim quando você dá ao outro a oportunidade de mostrar seu potencial ou sua possibilidade de aprender, mas quando você estabelece critérios que determinam, sem oportunizar possibilidades, quem está apto ou não a ocupar determinado espaço.



F3. Oficina sobre Sexualidade realizada em Marabá – Setembro de 2012

A seguir foi solicitado aos presentes que fizessem oralmente uma pergunta qualquer, relacionada ao sexo, que nunca conseguiram fazer a ninguém. Não houve manifestações no sentido de realizar a pergunta. Então, foi esclarecido a todos que isto era uma prova do quanto nos mantemos fechados às questões sexuais, mesmo quando se referem à nossa sexualidade e temos idade suficiente para não nos bloquearmos. Uma participante comentou que no ato em que foi proposta a atividade, “deu branco” e não conseguiu pensar em nada para perguntar. Explicou-se a ela que isto era um fato normal, porque havíamos passado a vida inteira sendo ensinados a não pensar ou falar sobre sexo. Assim, foi proposto no formato de dinâmica, que os presentes colocassem uma pergunta sobre o “Semáforo”, três círculos de EVA, nas cores do sinal de trânsito, onde poderiam depositar perguntas de acordo com o grau de complexidade da resposta. Foram recolhidas as seguintes perguntas:

- a) Quando uma pessoa se sente preparada para o sexo oral?

- b) Como uma pessoa se sente depois da 1ª relação sexual?
- c) Quando eu sei que estou pronta para perder a virgindade para o parceiro?
- d) Como falar para os pais quando perder a virgindade?
- e) Porque a mulher leva tanto tempo para ter um orgasmo?
- f) O tamanho do órgão sexual masculino pode machucar a mulher ou mais uma questão de jeito?
- g) O sexo oral no anus (beijo grego) transmite doenças?
- h) Sentir vontade de fazer sexo com mais de uma pessoa, constantemente, é normal ou faz parte do fetiche?
- i) O sexo diário traz alguma espécie de dano biológico ou psicológico?
- j) A vagina pode ficar “mole” com o passar do tempo, na vida sexual?

Todas as perguntas foram respondidas como finalização do encontro. Após o encerramento dois participantes vieram conversar e colocaram o interesse em realizar a palestra em sua igreja. Eram participantes da igreja Assembléia de Deus e esclareceram que o pastor responsável pelo templo sempre teve interesse em fazer um evento com essa temática, porém tudo o que foi feito nesse intuito restringia-se às questões biológicas e fisiológicas.

Observou-se aqui a possibilidade de que a Educação Sexual, da forma como foi trabalhada, perpassou as questões religiosas e se tornou uma via possível para que a sexualidade fosse respondida de forma clara e objetiva.

b) Casos identificados de violência doméstica e sexual entre os alunos da Escola Donatila Santana Lopes

Na escola A o *lócus* foram duas turmas de 5º ano, com idades entre 10 e 13 anos. A abertura deste espaço se deu, inicialmente, pelo ensino da Filosofia com crianças, aplicado através do NEP - Núcleo de Educação Popular Paulo Freire durante o primeiro semestre de 2012. O aprofundamento das atividades de Filosofia permitiu a observação do comportamento dos alunos, de onde foi escolhida uma das turmas, em concordância com a gestão escolar, para o início das atividades relacionadas à Educação Sexual. A turma escolhida apresentava características propícias ao Projeto, como comportamentos ofensivos, discriminatórios e machistas, relativamente leves. A maioria dos alunos é proveniente de pais separados, e passou a residir com tios, avós e alguns com padrastos, e muitos apresentam histórico de violência familiar, identificado durante as discussões de Filosofia.

Utilizam com frequência ofensas com conotação sexual nas relações interpessoais e demonstram atitudes homofóbicas frequentes.



F4 - Círculo Dialógico realizado semanalmente na Escola Donatila Santana Lopes – 5º ano

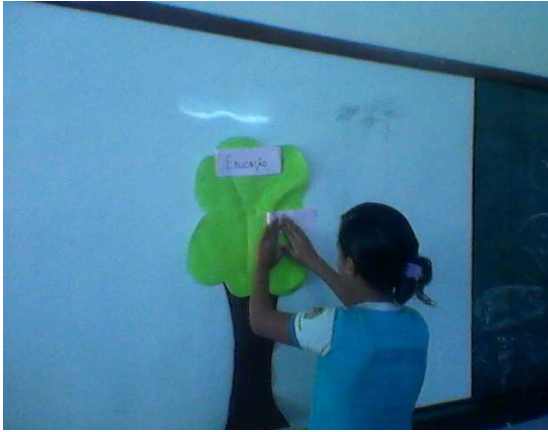
Nesse contexto escolar, no dia 21 de agosto foi dado início ao 1º encontro pedagógico de Educação Sexual com crianças e adolescentes do 5º ano do ensino fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental “A”, situada na Tv. Mauriti, Pedreira, Belém – PA, que contou com a presença de 23 educandos e de uma professora substituta. Ressaltamos que a professora regente da turma não fez o acompanhamento das atividades durante o primeiro semestre, ausentando-se da sala nos horários e dias reservados para o Projeto.

Nesse primeiro encontro foi usado como tema gerador o conceito de Sexualidade mediante noções pré-estabelecidas socialmente, objetivando-se identificar o conhecimento prévio dos educandos a respeito da temática e embasar a apresentação futura dos resultados a pais e gestores. Os alunos se mostraram entusiasmados inicialmente, havendo apenas dois ou três que não viam motivação para assistir a tais aulas. A atividade foi dividida em três momentos:

No primeiro momento esclareceu-se aos alunos sobre o que trataria a aula e sua ligação com a filosofia, a diferença entre sexo e sexualidade e as formas de manifestação desta em nosso cotidiano. Informou-se que seria encaminhada aos pais e/ou responsáveis um convite de reunião para esclarecer as finalidades e objetivos da aula. Também foi apresentada a eles a “caixa dos segredos”, uma caixa de sapatos forrada que seria usada por eles para colocarem as perguntas e dúvidas que gostariam de esclarecer durante a aula.

No segundo momento, após a finalização das explicações, pediu-se que os educandos respondessem de forma escrita às seguintes questões:

- O que eu gostaria que fosse falado nas aulas de Educação Sexual?
- Pense em uma pergunta sobre sexualidade que nunca teve coragem de fazer a outra pessoa e coloque em um papel, dentro da caixa.



F5 - Dinâmica "Árvore da Sexualidade"
Escola Donatila S. Lopes



F6 - Construção do cartaz "Sexualidade é..."
Escola Donatila S. Lopes

Orientou-se a que não identificassem a folha para garantir o anonimato das perguntas e que estas fossem colocadas na caixa. Enquanto pensavam nas questões, foram sendo discutidas superficialmente questões como senso comum, relacionamentos, atitude filosófica e relações familiares de confiança. Durante a discussão sobre senso comum, deu-se o exemplo de dois homens, sendo um mal vestido e outro bem vestido e perguntou-se quem era o ladrão dos dois personagens. Todos os alunos identificaram o homem mal vestido como sendo o ladrão, porém, "João" (aluno PNE) indicou o homem bem vestido. Ao ser indagado o porque de sua escolha, fez a seguinte fala "Ladrão se disfarça". Explicou-se à turma que a resposta dele não estava errada porque não se devia julgar as pessoas pela aparência e que isto era seguir o senso comum, ou seja, a opinião que a sociedade impõe sem analisar esses conceitos.

As perguntas colocadas pelos educandos na caixinha foram:

- O que a gente faz quando começa a namorar?
- Por que os homens são casados e andam procurando mulher na rua?
- Por que homens se drogam, bebem e chegam em casa eles batem na mulher deles?
- O que é namoro?
- O que é amizade?

- Por que as mulheres são chatas?
- Quando eu posso namorar?
- Por que tem meninas que gostam de falar de sexualidade?
- A mulher com camisinha pode engravidar?
- O que são e quais são doenças sexuais?
- O que é menstruação?
- Como a mulher engravida?
- Como a mulher fica menstruada?
- Quero saber sobre relacionamentos.
- Como se transmitem doenças no sexo?
- Quero saber sobre sexo.
- Você tem coragem de falar com seu pai sobre esse assunto? Eu não tenho.
- Por que tem gente que acha que namorar é bom?
- Por que quando a gente tá apaixonado por alguém, a gente sente uma sensação estranha e boa ao mesmo tempo?
- De onde vem a gala?
- Por que a mulher menstrua?
- Quero saber sobre bullying.
- O que engravida uma pessoa?

Para exemplificar as discussões que seriam feitas nos encontros seguintes, leu-se um dos papéis entregues pelos alunos. A pergunta sorteada foi “por que quando nos apaixonamos nos sentimos felizes e tristes ao mesmo tempo?”. Foi esclarecido aos alunos que a paixão é um sentimento muito forte, que deixa feliz porque a sensação de gostar de alguém é muito boa, mas deixa triste pela dúvida de ser correspondido e pela vergonha em admitir o que se sente, que é algo mais difícil. O aluno “José” perguntou para que seria útil estudar sexualidade e esclareceu-se aos alunos em que situações identificamos a sexualidade (jeito de vestir, comportamento, pensamentos, forma de agir, linguagem, relacionamentos, cultura, música, etc.) e a influência dela nas nossas vidas.

Por fim, foi informando à educadora regente que seria solicitada uma reunião de esclarecimento com os pais. Como a escola pediu que a professora da turma estivesse presente, o que era de minha integral concordância, foi marcada a reunião para o dia 27 de agosto às 10h.

A Reunião de Pais

A reunião com os pais dos alunos foi realizada no dia 27 de Agosto, vésperas do segundo encontro. Estiveram presentes apenas 10 pais dos 37 alunos matriculados na turma e a professora temporária.

Na chegada foi entregue a cada um o resumo do relatório do primeiro encontro onde constavam as perguntas feitas pelos alunos. Este fato causou muita surpresa nos pais que, inicialmente, duvidaram da veracidade das mesmas, mas foram convencidos com a fala da professora temporária que informou estar presente durante a atividade e presenciar os alunos colocando as perguntas na caixa.

Foi esclarecido a eles que a privacidade e o sigilo com a autoria das perguntas devia-se em primeiro lugar à imprevisibilidade da reação dos responsáveis, que poderiam ou não ser compreensivas às dúvidas e, em segundo, para garantir a confiança dos educandos.

Durante a conversa com os pais, foi esclarecida a importância da Educação Sexual para a plena vivência da sexualidade por parte dos alunos, de forma sadia e responsável e esclareceu-se o formato das aulas, mencionando-se a realização de dinâmicas, a apresentação de vídeos e filmes e a necessidade da participação dos pais na continuidade dos conhecimentos.

Alguns pais questionaram manifestações culturais como o funk, alegando que não consideravam o funk uma expressão cultural devido à carga de movimentos obscenos e letras altamente apelativas, porém foram direcionados a pensar nas primeiras músicas criadas nesse estilo e na modificação sofrida pelo funk ao longo dos anos, o que resultou atualmente na banalização da mulher e do sexo nas letras e passos utilizados disponível, principalmente, na internet. Foi-lhes esclarecido que o simples contato dos alunos com crianças e adolescentes maiores fazia com que muitos conceitos e conhecimentos chegassem à eles antes de sua plena compreensão, de forma distorcida e incompleta e que cabia a eles decidirem se queriam que a orientação partisse da família e da escola, em um trabalho conjunto, ou se iam querer deixar como estava.

Como resultado desta reunião, os pais pediram para que fossem realizados encontros mensais, não para acompanhar as atividades dos alunos, mas para que eles também pudessem sanar as dúvidas que tinham sobre sexo e sexualidade e que haviam prevalecido ao passar dos anos e às vivências individuais. Esse novo

encontro, devido às programações escolares e feriados ficou agendado para o dia 20 de outubro.

Ressaltamos aqui o depoimento de “Maria”, uma das mães presentes à reunião, que em particular contou ter se mudado para Belém no intuito de recuperar psicologicamente as duas filhas, uma delas aluna matriculada na turma em questão, que haviam sofrido abuso sexual na cidade onde residiam. Segundo a mãe, a filha menor já havia esquecido o fato devido a este ter ocorrido com poucos anos de idade, mas a maior ainda tinha lembranças e atualmente estaria apresentando comportamento estranho em casa, tendo sido encontrada inclusive uma carta endereçada a um menino que ela não conhecia. Ao ser indagada sobre a carta a adolescente teria informado ser de uma colega e que ela teria servido apenas para redigir. Ela foi orientada a descobrir se a colega realmente existia e a observar qualquer alteração comportamental da filha, podendo procurar ajuda psicológica para a filha junto ao CRAS – Centro de Recuperação e Assistência Social mais próximo.

Os encontros seguintes

A partir do dia 28 de Agosto de 2012 ocorreram os encontros subsequentes.

As atividades do segundo encontro contaram com a presença de 29 educandos, sendo 17 meninas e 12 meninos e da Prof^a. Paula (temporária do Mais Educação). A professora efetiva havia se aposentado e a SEDUC ainda não havia nomeado substituto. Nesse encontro foi usado como tema gerador os questionamentos feitos pelos alunos no encontro anterior e que haviam sido previamente apresentados aos pais durante reunião do dia 27.

No primeiro momento realizou-se uma dinâmica de descontração intitulada “ciranda dos bichos”. O objetivo era resgatar o lúdico e descontrair a turma observando o comportamento dos alunos em atividades conjuntas e diante de regras. Observou-se que alguns alunos não quiseram jogar e outros (como a brincadeira exigia a formação de uma roda) se negavam a dar as mãos, principalmente quando eram meninas ao lado de meninos ou quando dois meninos resultavam juntos. Após alguma conversa os alunos foram convencidos a dar as mãos e a brincadeira prosseguiu sem problemas.



F7 - Dinâmica lúdica e temática “Casa, Morador e Terremoto” – Escola Donatila S. Lopes.

Após esse momento lúdico prosseguiu-se a leitura das perguntas e os esclarecimentos e debates a respeito. Para a primeira pergunta, “*O que a gente faz quando começa a namorar? O que é namoro? O que é amizade? Quando eu posso namorar? Por que tem gente que acha que namorar é bom?*”, foi sendo instigado aos alunos responderem quais as diferenças que eles percebiam entre namorar e ser amigo. “João” identificou que “no namoro a gente beija na boca e na amizade não”. Outros foram completando a noção indicando que no amigo se confia, no namorado não, que com namorado(a) se transa e com o amigo(a) não. Diante dessas questões se perguntou aos educandos qual a diferença entre ficar, namorar, pegar. Houve confusão de ideias no referente a ficar e pegar pois não souberam diferenciar os termos. Percebeu-se que muitos alunos confundem amizade, namoro e relacionamento sem compromisso.

Na segunda pergunta, “*O que são e quais são doenças sexuais?*”, perguntou-se aos alunos que doenças eles conheciam. Novamente “João” mencionou a AIDS, então foi esclarecido aos alunos o que significava a terminologia AIDS e o que o vírus HIV causava dentro do organismo. Foram mencionadas algumas DST’s como sífilis e doenças mais simples como coceiras e irritações vaginais, lembrando sempre da necessidade de se procurar os pais e ao médico nesses casos. Esclareceu-se aos alunos as formas de contaminação de cada uma e como não se pega essas doenças, inclusive se esclareceu sobre as causas do câncer de pênis e da importância da higiene e observação constante dos genitais.

Para a terceira questão, “*Por que os homens são casados e andam procurando mulher na rua?*”, “Rosa” respondeu que era “*porque são safados*”. Mais uma vez “João” contrapôs dizendo que “*existem mulheres que também são safadas*”. Surgiram alguns relatos breves de casos familiares ou de vizinhos onde

ocorria a situação de traição. Foi levantada para os alunos a questão de a mulher tratar mal ao marido e vice-versa e se esta situação justificava uma traição. A resposta de todos foi que era preferível ocorrer a separação antes de trair para evitar sofrimento aos filhos. Em sequência, a questão “*Por que homens se drogam, bebem e chegam em casa eles batem na mulher deles?*” foi justificada por acreditarem que as drogas deixam a pessoa “louca”. Esclareceu-se que toda e qualquer droga altera o sistema nervoso da pessoa, provocando reações violentas ou estranhas, mas que haviam homens que sentiam prazer em provocar dor ou medo e exemplificou-se usando uma situação exibida em novela da Rede Globo, na qual o marido espancava a mulher com uma raquete. Todos recordaram da novela e comentaram a respeito. Aqui ressaltamos a fala de “João” que relatou receber surras diárias do padrasto em decorrência do uso de drogas e bebida. O aluno completou seu relato dizendo “*eu odeio meu padrasto, quero que ele morra!*”.

A questão quatro, “*A mulher com camisinha pode engravidar? Como a mulher engravida? O que engravida uma pessoa?*” foi unida à questão cinco “*O que é menstruação? Como a mulher fica menstruada? Por que a mulher menstrua?*” já que uma está interligada à outra e a explicação foi dada mediante desenhos no quadro, por ser uma questão biológica que exigia visualização.

No quadro branco foi feito o desenho dos genitais masculino e feminino com suas composições internas, utilizando-se os nomes científicos dos órgãos, como *bolsa escrotal, pênis, canal vaginal, testículos, ovários, trompas, útero, uretra, esperma, placenta, óvulo e espermatozoide*. Inicialmente houve risos diante das primeiras palavras utilizadas, mas, posteriormente, os alunos foram se acostumando com as nomenclaturas e se familiarizaram com a pronúncia. Esta questão foi a que prendeu mais a atenção, principalmente dos meninos que perguntaram sobre tudo o que viam. Algumas perguntas surgidas estavam inseridas no contexto e foram sendo respondidas ao longo da explicação. Ressalta-se que sempre foi frisada a questão de estar se falando de um organismo adulto e ressaltar-se que o amadurecimento dos órgãos internos e genitais não está diretamente proporcional ao surgimento de pelos ou ao acontecimento da menstruação, que geralmente ocorrem antes dos 18 anos.

O terceiro encontro se deu no dia 11 de Setembro. A Prof^a. Giselle (temporária do Mais Educação) estava presente juntamente com 28 educandos. Foi utilizado como tema gerador as formas de expressão e manifestação da sexualidade

humana. Iniciou-se o encontro com a dinâmica de descontração intitulada “Há, há, há”, com a finalidade meramente de descontração.

No segundo momento, realizou-se o círculo dialógico onde se discutiu com os educandos o que era sexualidade e qual a ideia que eles tinham sobre o tema. Inicialmente apenas “João” mencionou a questão cultural e as formas de falar. A partir daí foram colocados em discussão aspectos como a cultura, a linguagem, a religiosidade e a afetividade. Os alunos deram contribuições sobre fatos presenciados e vivenciados fora da escola, como a forma de falar dos vizinhos, as diferenças religiosas que percebiam e a interferência destas em questões como namoro e virgindade. No tocante à afetividade mencionaram questões como simpatia e antipatia, inclusive por pessoas que não conhecemos. A principal manifestação de opiniões ficou ao encargo de “João” que se mostrou bastante atento, apesar de conversar constantemente durante as atividades.

A partir dessas discussões se sugeriu a construção de um cartaz intitulado “Sexualidade é...” onde cada aluno, voluntariamente, colocaria o que entendeu ser a sexualidade e suas formas de expressão. “João” e “Maria” foram os que mais se manifestaram, colocando frases como “escolha de um time”, “jeito de vestir”, “ter uma religião”, “jeito de falar”. Outros criticaram o fato dos dois escreverem o tempo todo, mas não tinham a iniciativa de colocar suas opiniões no cartaz.

Por fim, foi realizada a brincadeira do “coelho na toca” com temas relacionados à sexualidade. Dois alunos seriam as tocas e um aluno estaria dentro como “coelho”. Haveria um aluno que seria o caçador e ficaria no centro da roda. Ao comando de palavras que considerassem relacionadas à sexualidade os alunos “coelhos” deveriam sair da toca e procurar outra moradia. Ao aluno “caçador” caberia pegar os coelhos ocupando seus lugares no interior da toca. Foram usadas palavras como: música, educação, namoro, comportamento, religiosidade, cultura, comportamento, linguagem, TV, moda, sentimentos, amizade, história, pensamento. A cada 3 palavras as tocas e o coelho eram revezados trocando de papéis. Os alunos tiveram dificuldade em relacionar palavras como história, música e educação, que foram discutidas em conjunto durante a atividade.

A temática ficou pendente de aprofundamento e, portanto, permaneceu para desenvolvimento do 4ª encontro, realizado no dia 25 de Setembro. Estavam presentes a Profª. Giselle e de 32 educandos, dando-se continuidade à temática do encontro anterior cujo tema gerador foi as formas de expressão e manifestação da sexualidade humana.

Este encontro iniciou pela atividade intitulada “árvore da sexualidade”. Consistia em uma árvore de EVA colada na parede. Entregou-se a cada aluno um papel com uma palavra escrita. O aluno teria que colar o papel na árvore dizendo, segundo seu próprio conceito, a relação entre a palavra e a sexualidade. As palavras utilizadas foram: educação, namoro, história, moda, música, amizade, televisão, internet, família, comportamento, linguagem, religiosidade, cultura, dança e sentimentos. Com os alunos foram discutidos os aspectos de cada palavra e como estes se relacionavam ou interferiam na sexualidade. A participação de “José”, aluno PNE que aparenta estar totalmente desconcentrado da aula, foi relevante, porém, naquela atividade, participou ativamente, respondendo acertadamente a diversas palavras como moda “*pela forma de vestir*”, a televisão “*os programas que assistimos*”, linguagem “*o jeito de falar*” e cultura “*dançando...OUVINDO MÚSICA*” (destaque da fala do próprio aluno).

No segundo momento, organizando-se os alunos em 4 grupos, realizou-se a atividade “Casos e Acasos”. Cada grupo recebeu um cartão com uma situação fictícia. Os alunos teriam 5 minutos para discutir a situação e decidir a atitude que o personagem principal deveria tomar. Foram apresentadas as seguintes situações:

Quando conheci meu vizinho, éramos só amigos. Com o passar do tempo acabamos saindo juntos e, hoje, apesar de já ter se mudado, ele vem todos os dias na minha casa. Como está estudando, não quer se prender a ninguém. Só quer ficar, mas não somos namorados. Será que se eu ficar, ele namora comigo?

Tive uma criação muito repressora. Meus pais não me deixam namorar, nem sair com meus amigos. Agora, estou apaixonada por um garoto que me curte um monte, só que ele usa drogas e eu quero ajudá-lo a sair dessa.

Alex, 16 anos, namora Marina de 17 anos há quase um ano. Ele está terminando o 2º grau e está em dúvida se vai para a Universidade ou se começa a trabalhar. Seus pais não são ricos e às vezes até enfrentam dificuldades. Há uma semana, Marina lhe contou que acha que está grávida. Agora Alex tem que tomar uma decisão em sua vida.

Tenho 15 anos, estudo e estou gostando de um cara mais velho. Minhas amigas dão a maior força para ficarmos juntos. Ele também está a fim. Tenho medo de me envolver e depois não dar certo. O que devo fazer?

Na primeira situação os alunos do grupo decidiram que a personagem não deveria aprofundar o relacionamento porque ela estaria sendo “usada” e certamente iria sofrer. Relataram também que tomaram conhecimento de uma situação parecida ocorrendo dentro da escola, onde a menina teria tomado a decisão contrária e a consequência foi muito ruim, inclusive a menina teria abandonado a escola porque engravidara desse relacionamento.

Na segunda situação a decisão do grupo foi de ajudar o personagem a sair das drogas, porém houve discordância entre os membros do grupo, havendo uma minoria contra esta decisão. Outro grupo também discordou da opinião deste e alegou ser muito arriscado pois um integrante havia vivenciado situação parecida onde a menina que conhecia tentou ajudar o rapaz e acabou se tornando usuária de drogas também. Pela maioria da turma a decisão seria contrária a ajudar o rapaz a sair das drogas por amor.

Na situação três, o grupo tomou por decisão que o rapaz devia deixar os estudos para sustentar o filho, porque esta é a atitude tomada na vida real. Uma das integrantes discordou e alegou que o ideal seria ele se formar para dar uma vida melhor à família que surgiria. Foi indagado então à educadora qual a opinião que estava correta. A situação foi novamente jogada para o grupo: “o que é necessário para se conseguir um bom emprego?”. Diante disto, o grupo tornou a discutir chegando à conclusão de que não seria fácil trabalhar e estudar, mas que era preciso continuar estudando e, se possível, evitar a gravidez antes de ambos concluírem os estudos.

Na quarta situação, o grupo formado somente de meninos, optou pela decisão de que a menina não se envolvesse com um cara mais velho e procurasse um garoto de sua idade. Quando questionados sobre isso, alegaram que o homem mais velho se torna ciumento e começa a controlar, podendo tornar-se violento. Ao mesmo tempo, muitos alegaram que isso entraria em conflito com o pai da menina que certamente não ia querer e que homens mais velhos dificilmente são fieis a uma única pessoa.



F8 - Dinâmica lúdica e temática “Casa, morador e terremoto” – Escola Donatila S. Lopes.

Para dois grupos a decisão foi unânime, e para os outros dois houve discussão quanto ao que fazer, porém todos acataram às respostas. Chamou a atenção a participação de alunas que normalmente não participam e, desta vez, encontravam-se ativas, questionando e posicionando-se diante das situações estabelecidas.

Na definição da temática do encontro seguinte, “João” sugeriu o tema “drogas”, que não foi muito bem recebido por alguns alunos da turma, porém, não havendo outras sugestões, prevaleceu a sugestão, pedindo-se aos alunos que pensassem perguntas sobre a temática para discussão em sala.

Em uma análise inicial, visto que os encontros ainda estão sendo realizados nas escolas anteriormente mencionadas, o grupo vem atendendo aos objetivos iniciais do projeto, trabalhando a sexualidade a partir dos conceitos prévios e dos saberes experienciais dos educandos e permitindo a possibilidade, ainda que com muitas restrições institucionais e docentes, no referente a um trabalho interdisciplinar. Ao longo dos encontros são identificadas falas de caráter pessoal e depoimentos extremamente relevantes para o trabalho da Educação Sexual, muitos deles identificando direta ou indiretamente situações de violência doméstica e sexual que na maioria das vezes passam despercebidos ou são ignorados pela instituição escolar. Entre os educandos são observadas mudanças de comportamento e um estreitamento das relações educador-educando que facilitam o surgimento de novas situações e análises. Nos dois últimos encontros destacam-se a denúncia do uso e oferta por alunos inseridos ao grupo, no espaço escolar, e questões sentimentais no âmbito familiar, que só chegaram ao conhecimento do pesquisador pela confiança construída com os alunos.

c) Os Encontros com o Ensino Fundamental da Escola Dr. Justo Chermont – A sala 701

Na Escola Dr. Justo Chermont, situada na Av. Pedro Miranda, Pedreira, Belém – PA a atuação se deu em três turmas, sendo duas de Ensino Fundamental e uma de Ensino Médio. Objetivava-se trabalhar com as turmas limítrofe de cada nível escolar (9º ano e Convênio), porém o 8º ano solicitou participar da pesquisa e foi incluído entre as turmas.

No dia 19 de Setembro, às 09h45 foi dado início ao 1º encontro pedagógico de Educação Sexual com os adolescentes do turno matutino da turma 701. Encontravam-se presentes 23 educandos com idades entre 11 e 16 anos. Igualmente à turma da Escola Donatila, foi usado como tema gerador o conceito de Sexualidade constituído pelo senso comum dos alunos.

No primeiro momento esclareceu-se aos alunos os objetivos e finalidades da disciplina, discutindo-se algumas opiniões sobre as noções de sexualidade, identidade e senso comum. Também foram dialogados brevemente temas como: gravidez precoce e o saber dizer “não”. Durante a discussão sobre gravidez precoce foi indagado aos alunos quem conhecia alguma menina que havia engravidado ainda adolescente e apenas 3 alunos não levantaram as mãos. Ao indagar qual eles acreditavam ser a causa para que tantas adolescentes engravidassem apesar de saberem sobre formas de prevenção e anticonceptivas, os alunos não souberam dar resposta, então foi-lhes direcionada a discussão para o “saber dizer não” e muitos comentaram que as meninas tem receios de parecer bobas, imaturas, de ser criticadas pelas amigas e acabam cedendo.

Algumas meninas completaram dizendo que também havia a vergonha de pedir para que o menino usasse camisinha, porque ainda era algo difícil de falar. A discussão se focou na falta de conhecimento sobre si mesmo que resultava na pouca argumentação para defender as próprias ideias e vontades durante a relação.

No segundo momento, após a finalização dos diálogos, realizou-se uma dinâmica de descontração intitulada “Pegadinha do Animal” e fez-se uma rápida apresentação dos participantes. Finalizando, apresentou-se aos alunos a “Caixa dos Segredos” e pediu-se que colocassem nela uma ou mais perguntas que gostariam de fazer mas não tiveram coragem. Também esclareceu-se aos alunos, igualmente a outras turmas, que tais perguntas não seriam entregues ou apresentadas a ninguém e realizou-se uma pequena votação para definição do tema do encontro

seguinte. Os alunos sugeriram os seguintes temas: bullying, sexualidade, gênero, identidade e drogas, ficando o primeiro definido por maioria de votação.

As perguntas colocadas na caixa foram:

- a) O que é o Budismo?
- b) O que é a sexualidade?
- c) Por que nós temos que ter relações sexuais?
- d) Quais são os tipos de drogas mais perigosos no mundo todo?
- e) Será que pode namorar com 13?
- f) Por que quando a gente se aproxima de um menino às vezes ele ignora mas depois ele gosta?
- g) Eu quero que seja falado como é que se transa. Dói quando faz? Pode traumatizar a mulher?
- h) Quando a pessoa transa pela primeira vez e ainda é virgem, se o menino não “enfia” no lugar certo a menina pode continuar virgem e sentir prazer?
- i) Quando a pessoa tem a sua 1ª vez ela tem o risco de engravidar?
- j) Eu quero saber como é que se bota camisinha?
- k) Falta de sexualidade no casamento pode destruir a relação?
- l) Como é a 1ª vez?

No dia 25 de Setembro ocorreu o 2º encontro pedagógico havia presentes aproximadamente 25 educandos. Como tema gerador foi usado o conceito de Bulling e suas práticas sociais.

No primeiro momento realizou-se a dinâmica intitulada “e a canoa virou”. Consistia em dividir o grupo em subgrupos, cada subgrupo representaria um barco naufragando. No bote salva vidas um dos alunos não poderia embarcar. Os integrantes deveriam definir quem seria o excluído e quais os critérios usados para selecioná-lo. O objetivo era mostrar aos participantes como procedemos quando selecionamos as pessoas para integrarem os nossos grupos sociais e como se sente a pessoa excluída.

Dentre os critérios de seleção apresentados pelas equipes destacamos: a) possuir conhecimentos de natação; b) ser o único do gênero oposto presente no grupo; c) ser o que mais atrapalha as aulas. Também foi colocado aos escolhidos o motivo de terem aceito a decisão do grupo sem questionar ou argumentar como sendo a mera aceitação social da exclusão, o não saber defender posicionamentos e ideias. Alguns grupos se negaram a escolher alguém e optaram por afundar todos.

Apesar de não haver tal excessão nas regras da dinâmica, foi aceita a decisão devido ao grupo se negar a escolher um integrante.

A dinâmica refletiu no nosso comportamento infantil, quando selecionávamos quem integraria o “time de futebol” da rua ou “quem brincaria de bonecas na nossa casa” e que carregávamos estes critérios ocultos para as experiências enfrentadas ao longo da vida.

No segundo momento foi apresentado o vídeo explicativo “O que é bullying”. O vídeo apresentava as principais características do bullying em diversos ambientes, como escola, trabalho e sociedade, comentando inclusive sobre o cyberbullying. Alguns alunos reconheceram práticas representadas no vídeo como sendo habituais na escola, por parte de colegas ou de alunos de outras turmas.

No terceiro momento realizou-se o círculo dialógico mediado por perguntas anteriores, postas na caixinha dos segredos pelos alunos e perguntas oralizadas durante a discussão. Foram respondidas perguntas tais como: *“se um adolescente tem a mãe com problemas psicológicos, que tenta matá-lo a todo momento, sendo preciso fugir da casa e se esconder na vizinhança, ela pode agir na escola com violência?”*

Aos alunos foi esclarecido que a violência é, na maioria das vezes, reflexo da impotência em reagir contra agressões geralmente realizadas no ambiente doméstico. Em seguida foi complementado com a pergunta *“a agressividade em casa, inclusive com ofensas, pode fazer com que a pessoa se torne praticante de bullying?”*. Igualmente foi comentado com os alunos as características de quem pratica o bullying e de quem recebe, indicando que geralmente esta é uma das causas, assim como o bullying sofrido na escola pode ter reflexos em outros ambientes sociais.

No quarto momento foi escolhido pelos alunos o tema “Sexo oral” para o próximo encontro e disponibilizada a “caixa dos segredos” onde foram colocadas as seguintes perguntas pelos alunos:

- a) Porque as pessoas fazem sexo pelo anus? Eu acho que o anus é pra sair e não pra entrar. E porque os homens pedem pra fazer sexo pelo anus?
- b) Quando o homem tiver qualquer tipo de doença ele pode ter relações sexuais?
- c) Porque nós temos que ter relações sexuais, é obrigatório ter?
- d) Porque não crer em Deus causa tanto espanto?
- e) Quando a mulher está menstruada ela pode ter relações?

- f) Qual a hora certa para fazer sexo?
- g) Minha dúvida é se uma menina transar e estoura a camisinha ela pode engravidar?
- h) A primeira vez sem a garota sentir prazer pode causar trauma psicológico?
- i) Com quantos anos nasce pelo na “rola”?
- j) (Obs: as perguntas foram digitadas conforme foram escritas pelos alunos)

O terceiro encontro foi realizado no dia 02 de Outubro, com a presença de 33 educandos e tendo por tema gerador o conceito de Sexo oral, suas consequências e finalidades, bem como a noção de prazer dentro dessa prática.

Inicialmente realizou-se a dinâmica intitulada “1, 2, 3”. Consistia em contar inicialmente até 3 substituindo cada número (gradativamente) por uma ação, como pular em um pé só. O objetivo era descontrair a turma e promover um momento de ludicidade e interação.

No segundo momento foi realizado o círculo dialógico em formato de dinâmica, intitulada “Concordo – Discordo”. Foi entregue a cada aluno uma folha com os dizeres “concordo” e “discordo” de cada lado da folha. A seguir foram feitas afirmações sobre DSTs, AIDS, sexo oral, sexo anal e pediu-se aos alunos que levantassem as placas indicando sua opinião a respeito. Foram observadas as seguintes respostas: a) é possível pegar DSTs em banheiros públicos e usando toalhas de outras pessoas; b) portador de AIDS não pode trabalhar; c) só é preciso usar camisinha com prostitutas; d) sexo anal e oral não precisam de camisinha, para as quais houve uma minoria de respostas “CONCORDO”. As questões foram dialogadas, tendo inclusive a defesa de alunos que se posicionaram contrariamente às afirmativas. Também foram identificadas situações como: a) há menos risco de pegar doenças no sexo anal e oral do que no sexo vaginal; b) não se pode engravidar na primeira relação sexual; c) sexo oral no anus não transmite doenças. Para estas afirmações os alunos apresentaram unanimemente as placas de discordância, o que foi considerado um grande avanço em relação a conhecimentos sobre sexualidade.

No terceiro momento foram lidas perguntas feitas anteriormente pelos alunos e respondidas em forma de debate. Os alunos participaram contando fatos do cotidiano. O tema do encontro seguinte também foi escolhido e, por sugestão dos alunos, foi trabalhada a temática “guerra dos sexos”.

Dos encontros seguintes, realizados nos dias 09, 16 e 23 de outubro, cujos temas geradores foram respectivamente “gênero”, “virgindade” e “questões familiares”, observou-se que os dois primeiros temas ainda careciam de aprofundamento com esta turma em específico, pois não tinham despertado interesse suficiente, porém, quando se propôs a temática “questões familiares” muitos alunos ficaram reticentes à discussão. O tema foi desenvolvido em duas semanas, sendo utilizada a primeira para realização de duas dinâmicas, uma em formato de teste de personalidade onde se identificariam valores pessoais do educando e outra intitulada “Comunicação” onde, a partir do desenho de um corpo humano, seriam propostas as seguintes questões:

- a) Nos olhos: 4 pessoas (2 que admira e 2 que repele);
- b) Na boca: 3 expressões das quais se arrependeu de ter dito/feito;
- c) Nos ouvidos: 3 palavras que escutou e lhe causaram dor;
- d) Na cabeça: 3 ideias que reflitam o que pensa sobre sua família;
- e) No coração: 3 motivos para amar a família que tem;
- f) Nas mãos: ações inesquecíveis que realizou no lar;
- g) Nos pés: as piores enrascadas em que se meteu.

A partir das respostas obtidas foi feito o quadro analítico para o debate com a turma e a identificação de situações novas.

As falas dos alunos desta turma revelam um interesse muito grande em questões familiares, de relacionamento e específicas sobre sexualidade. A maior dificuldade é o pouco tempo cedido pela instituição, de apenas 45 minutos, o que reduz a possibilidade de discussões mais aprofundadas e atividades mais elaboradas. Também foi identificada problemática com os docentes que precedem ou tem aulas posteriores ao horário dos encontros, que muitas vezes atrasam sua saída da sala ou solicitam a turma antes do horário, reduzindo ainda mais o tempo do encontro. Apesar disso, os encontros tem sido satisfatórios e o interesse e participação dos alunos permanece inalterado.

d) Sexualidade e História – A turma 802

Os encontros com a turma 802 iniciaram no dia 21 de Setembro com 25 educandos. O tema gerador foi o *conceito de Sexualidade* mediante noções pré-estabelecidas socialmente.

No primeiro momento esclareceu-se aos alunos os objetivos e finalidades da disciplina, discutindo-se algumas opiniões sobre as noções de sexualidade, identidade e senso comum. Também foram dialogados brevemente temas como: gravidez precoce e o saber dizer “não”. Durante a discussão sobre gravidez precoce foi indagado aos alunos quem conhecia alguma menina que havia engravidado ainda adolescente e apenas 1 aluno não levantou as mãos.

Ao indagar qual eles achavam que era a causa para que tantas adolescentes engravidassem apesar de saberem sobre formas de prevenção e anticonceptivas, os alunos disseram que era por impulso de “amizades”. A reflexão partiu, então, de fazê-los pensar sobre as dificuldades em se cobrar o uso de preservativos na hora da relação, principalmente por parte das meninas, na vergonha em pedir sua utilização ao parceiro ou comprar o preservativo, no desconhecimento sobre o parceiro e, principalmente, pelo desconhecimento sobre como colocar e usar o preservativo. Os alunos participaram fazendo falas e comentando sobre as afirmações, mostrando-se surpresos com a questão do uso dos preservativos, onde a maioria da turma não sabia como colocar e nem as doenças que poderiam resultar da falta do uso.

No momento seguinte apresentou-se aos alunos a “Caixa dos Segredos” e pediu-se que colocassem nela uma ou mais perguntas que gostariam de fazer mas não tiveram coragem. Também esclareceu-se aos alunos que tais perguntas não seriam entregues ou apresentadas a ninguém. As perguntas surgidas relacionamos abaixo:

- a) A mulher sente prazer quando o homem chupa o peito dela?
- b) Como a mulher se masturba?
- c) Como é a masturbação da mulher?
- d) A mulher se vicia ao fazer sexo?
- e) Como se masturba corretamente?
- f) Com quantos anos uma pessoa pode ejacular?
- g) Como colocar a camisinha?
- h) Há possibilidade de engravidar depois de transar duas vezes sem camisinha?

As perguntas obtidas com a “caixa de Segredos”, não apenas na turma em questão mas em todas as turmas nas quais vem sendo utilizada, revelam que o conhecimento dos alunos está muito além do que se idealiza nas aulas de Ciências ou Biologia e, muitas vezes inclusive surpreende os docentes e pais que tomam

conhecimento delas. Isto só demonstra que é preciso uma re-adequação dos conceitos e metodologias utilizadas pela escola no desenvolvimento da Educação Sexual, conforme foi colocado ao longo de nossa pesquisa bibliográfica.

No segundo encontro, realizado no dia 27 de setembro em presença de 32 educandos, foi trabalhado o sexo oral dentro da temática práticas sexuais. No primeiro momento fez-se a dinâmica “mensagem nas costas” que consistia em colar cartazes nas costas dos participantes com ações. Estes teriam que andar pela sala e ao se depararem com o cartaz dos colegas teriam que realizar a ação escrita. O objetivo era descobrir a sensação de estar transmitindo uma mensagem sem saber o que está sendo transmitido aos demais. Ao mesmo tempo fez-se os alunos analisarem como recebemos a “mensagem” das outras pessoas na vida real. Algumas mensagens como “bater continência” não foram compreendidas pelos alunos que ficaram sem saber o que fazer ou realizaram outras ações não relacionadas, inclusive imitando a ação de masturbação masculina.

Essa “transmissão de mensagem” foi relacionada com a sexualidade e a prática sexual, mostrando que nem sempre somos conscientes da mensagem que nos enviam ou do que desejamos que os outros compreendam sobre nós, o que pode resultar em uma prática sexual ineficiente ou incorreta. Em seguida, foi exibido o vídeo “Tô grávida”. O objetivo foi iniciar a discussão sobre o momento de realizar nossas decisões e as consequências resultantes delas, assim como fazer o comparativo entre o vídeo (que apresentava uma situação fictícia de gravidez precoce) e a realidade. O vídeo provocou risos, porém não surtiu o efeito desejado para a discussão, deixando o debate muito mais no campo preventivo.

Após formado o círculo dialógico com os alunos discutiu-se a real necessidade de se praticar o sexo oral para a relação e as consequências decorrentes da prática. Também foram discutidas as consequências familiares, escolares e sociais da gravidez precoce. Os alunos participaram pouco fazendo apenas complementações às falas de mediação. O que se percebeu é que os alunos, mesmo tendo escolhido o tema, não tinham real interesse no assunto, por haver visivelmente uma confusão entre a discussão sobre as práticas sexuais e uma exibição visual delas, o que eles esperavam que ocorresse.

Por último, foi colocada a “Caixa de Segredos” para a realização de perguntas e foram obtidas as seguintes questões:

- e) Sexo anal engravida?
- f) Quando o homem ejacula na boca da mulher, que gosto tem?

g) Na hora da penetração o pelo atrapalha?

Percebeu-se uma redução nas perguntas realizadas pelos alunos na caixinha dos segredos, porém notou-se que os alunos ainda tem muitas perguntas sobre o tema, mas todas relacionadas à prática do sexo oral, sendo preciso encontrar uma metodologia que facilite as discussões e a compreensão por parte dos educandos. O grupo surte efeito, mas o tempo de duração da aula dificulta o aprofundamento das relações educador-educando. Muitas perguntas surgem no intuito de fazer o educador ficar desconfortável em lê-las ou respondê-las, mas diante da naturalidade e objetividade em confortar-se com elas, os alunos começam a mudar de postura e as perguntas se tornam mais objetivas.

O último encontro concluído com a turma foi realizado no dia 18 de outubro, com 25 educandos. Também usando a temática das práticas sexuais, os alunos escolheram falar de sexo oral. Tendo como referência o encontro anterior, onde um pouco da atenção dos alunos se perdeu na discussão, a metodologia foi alterada.

Inicialmente fez-se a dinâmica “A Contaminação” que consistia em entregar um pedaço de papel a cada aluno. Estes tinham que conseguir 3 assinaturas no grupo, sendo que um deles, com a letra A representada no verso do papel, deveria conseguir duas no grupo e uma externamente. Ao final do tempo estipulado, solicitou-se que o aluno cujo papel tivesse a letra A no verso viesse ao centro da sala. Em seguida pediu-se que os alunos cuja assinatura do aluno estivesse em seus papéis também viessem à frente e assim sucessivamente com todos os que se levantassem. Quando não houvesse mais ninguém fora do grupo, retirou-se dele o aluno cujo papel tiver uma letra C no verso. Este corresponderá a uma pessoa que usou camisinha durante a relação sexual. Esclareceu-se aos alunos que o papel com a letra A significava alguém contaminado com AIDS e que, assim como havia contaminado todos os presentes, também havia contaminado alguém do lado de fora que havia se tornado agente de propagação da doença.

No segundo momento seguiu-se a dinâmica intitulada “concordo e discordo”, sendo apresentadas afirmações aos alunos que deveriam dizer se concordavam com elas ou não e porque. As afirmativas selecionadas estavam relacionadas à temática. Os alunos apresentaram conhecimento satisfatório sobre as questões propostas, não havendo resultados significativos que precisassem ser esclarecidos ou discutidos.

Finalmente, foi apresentado aos alunos o vídeo “Sexo na Antiguidade – Pompéia”, como forma de apresentar os hábitos sexuais das populações da

antiguidade. O vídeo foi mostrado conjuntamente com o terceiro ano que estava sem aula e antecipou o encontro do último horário. O objetivo era mostrar aos alunos que o sexo oral e o sexo anal, assim como a prostituição e a homossexualidade não são práticas das gerações atuais e sim práticas muito antigas, realizadas em todas as populações. A reação dos alunos foi bastante surpreendente ao perceber que as ruas de Pompéia e as casas dos habitantes tinham representações de falos em diversos tamanhos.

Aos alunos foi esclarecido que era comum presentear uma casa à qual se ia em visita com uma estátua onde se destacava um falo enorme e que isto era devido ao conceito que se tinha de que o homem era detentor da vida e da fertilidade. As perguntas que surgiram tinham relação com a história e demonstravam a curiosidade dos alunos em aprofundar tanto os conhecimentos históricos quanto os sexuais vinculados à história. De igual forma, a reação dos alunos diante das estátuas, imagens e falas exibidas no vídeo atingiram o objetivo educacional de mostrar a evolução da sexualidade ao longo da história e uma melhor compreensão para os alunos, das práticas atuais.

e) As perguntas abertas na sala 301 e o início do trabalho interdisciplinar

A turma 301, pertencente ao 3º ano do Ensino Médio, teve algumas características próprias. A primeira delas é a utilização, desde um princípio, das perguntas abertas, sem utilização da “caixa de segredos”. A segunda é a participação ocasional de alguns docentes nos encontros.

O primeiro encontro se deu no dia 21 de Setembro em presença de 22 educandos. Buscou-se apresentar como tema gerador o conceito de Sexualidade mediante noções pré-estabelecidas socialmente, igualmente às outras turmas. Esclareceu-se aos alunos os objetivos e finalidades da disciplina, discutindo-se algumas opiniões sobre as noções de sexualidade, identidade e senso comum. Também foram dialogados brevemente temas como: gravidez precoce, uso de preservativos, higiene pessoal e o saber dizer “não”. Durante a discussão sobre gravidez precoce também foi indagado aos alunos quem conhecia alguma menina que havia engravidado ainda adolescente e apenas 3 alunas não levantaram as mãos. Contrariamente a outras turmas, os alunos disseram que a causa principal era a falta de informação e diálogo com os pais. Então, foi questionado o convívio com outros jovens que serve, em muitas vezes, de meio para obtenção de informações

sobre sexo. Nesse momento os alunos silenciaram e não conseguiram encontrar uma resposta plausível. Aos alunos, então, foi apresentada a importância de conhecer a si mesmos respeitando seus limites, desejos e vontades.



F9 - Círculo dialógico realizado com a turma 301 – Escola Dr. Justo Chermont

Entregou-se aos alunos, então, a “Caixa dos Segredos” e pediu-se que colocassem nela uma ou mais perguntas que gostariam de fazer mas não tiveram coragem. Os alunos relutaram porque queriam fazer as perguntas oralmente, porém foram incentivados a fazer perguntas sobre o tema do próximo encontro. Também esclareceu-se aos alunos que tais perguntas não seriam entregues ou apresentadas a ninguém e, assim, obteve-se a participação de boa parte da turma. As perguntas a seguir foram resultantes da dinâmica proposta.

- a) Quando o pênis é desproporcional, pode machucar a mulher?
- b) O sêmen do homem tem algum tipo de bactéria?
- c) A relação tem um padrão de ato sexual?
- d) Os adolescentes tem comunicação com os pais?
- e) Quando uso camisinha, no dia seguinte sinto dores na vagina, isso é normal?
- f) Masturbar faz mal?
- g) Fazer com que a mulher pule em cima do pênis faz mal?
- h) Por que o pênis dói depois da ejaculação e o saco escrotal também?
- i) Quando é que percebemos que a pessoa tá com corrimento?
- j) Dá pra fazer sexo oral com camisinha? Quando o gosto é muito ruim como fazer para realizar o ato? Dá pra sentir o homem caso a mulher faça com camisinha? Como o homem faz sexo oral na mulher com camisinha feminina?

O segundo encontro ocorreu no dia 04 de Outubro em presença de 25 educandos. Como temas geradores foram usados as práticas sexuais (sexo oral e anal), DSTs e relacionamentos familiares.

Nesta turma também foi aplicada a dinâmica temática intitulada “Contaminação”. Os alunos comentaram que mesmo sabendo como se dá a contaminação pela AIDS é surpreendente deparar-se com a “cadeia” que se forma na dinâmica, o que dá uma compreensão muito maior dos riscos.

No segundo momento foi apresentado o vídeo “Com prazer – a 1ª vez”. Através dele se realizou a discussão sobre as possibilidades que podem ocorrer quando não se está preparado para esse momento e as dificuldades que se apresentam no relacionamento bem como a concessão de situações que não estamos à vontade de fazer apenas por não saber impor nossa vontade, o que interfere diretamente no relacionamento sexual. Comentários sobre o vídeo foram feitos em concordância com as afirmações acima.

No terceiro momento, durante o círculo dialógico, a turma dispensou a utilização da “caixa de segredos” e as perguntas foram feitas de forma direta, das quais destacamos:

- a) o tamanho do pênis pode machucar a mulher?
- b) quais os sinais da gonorreia nos homens?
- c) como se faz a higiene peniana?
- d) como saber se a mulher tem alguma infecção através do corrimento vaginal?
- e) durante a menstruação a mulher pode ter relações?
- f) é possível engravidar durante a menstruação?
- g) a primeira relação é realmente marcante para a mulher?
- h) porque homem sente vergonha em não saber fazer sexo oral ou anal?
- i) o que a mulher gosta na primeira vez?
- j) como o homem sabe que a mulher está no período fértil?
- k) porque se tem medo de falar quando se gosta de alguém, principalmente se é amiga?
- l) como contar aos pais que não se é mais virgem?
- m) a mulher pode fazer sexo grávida?

O terceiro encontro foi realizado no dia 18 de Outubro e contou com apenas 10 alunos, pois a turma havia sido dispensada por falta de um dos professores. Esta

aula se deu em conjunto com o 9º ano do Fundamental, iniciando-se com a exibição do vídeo “Sexo na Antiguidade – Pompéia”. Destacamos dos encontros feitos com esta turma, não as falas, mas ao interesse que foi levantado junto ao professor de História e Biologia em uma aula conjunta, onde seriam desenvolvidos conhecimentos interdisciplinares em presença dos dois educadores e do pesquisador.



F10 - Círculo dialógico realizado com a turma 301 – Escola Dr. Justo Chermont

A turma realizou, no dia 01 de novembro o mais recente encontro, cujo tema escolhido foi virgindade. Foram formados três grupos: o grupo A, que defenderia o direito a perder a virgindade antes de casar; o grupo B que se posicionaria pela castidade até o casamento; e o grupo C, intitulado “Casa de Deus” que faria intervenções usando o comando “SANTUÁRIO”, defendendo o posicionamento das religiões. Os grupos A e B não poderiam fazer referências religiosas. O debate foi registrado em forma de vídeo e se iniciou por cada grupo expondo sua visão sobre o significado da virgindade. A segunda etapa desse encontro será realizada ainda no dia 08, mas já se observa uma participação ativa dos alunos, mesmo dos que não queriam participar das discussões inicialmente e destacamos a participação no grupo C do professor de História, que também fez falas expondo a visão histórica do processo religioso e suas implicações sobre a sexualidade.

O objetivo interdisciplinar começou a ser atendido, apresentando excelentes resultados, principalmente para os alunos, na medida em que, conforme depoimento destes, foi importante trocar-se de lugar com o outro, já que os integrantes dos grupos formados eram, em grande maioria, contrários às ideias que deveriam defender. Outro ponto relevante foi a falta de argumentos de alguns participantes ao serem questionadas seus posicionamentos excluindo-se a visão religiosa que pudesse direcioná-los.

A pedido da turma, houve ainda um encontro informal, ocasionado pela falta de um professor que coincidiu com a presença da pesquisadora na escola. Este encontro contou com a presença do professor de Biologia, que se manteve apenas observando.

Desta forma, o objetivo interdisciplinar começa a ser atendido pelo Projeto, apresentando excelentes resultados, principalmente para os alunos.

f) A docência e as dificuldades da Educação Sexual

O encontro com professores se deu no dia 16 de Junho, também pelo Programa “UEPA nas Comunidades” realizado no Município de Marituba, em uma escola pública da comunidade Ché Guevara, em forma de Capacitação Docente em Educação Sexual com os professores locais. Encontravam-se presentes aproximadamente 20 docentes de diversas áreas disciplinares e níveis escolares, com idades entre 24 e 57 anos.

No 1º Momento da atividade, iniciada pontualmente às 9h da manhã, fez-se a diferença entre sexo e sexualidade e apresentou-se a temática da Educação sexual, mostrando questões como: vantagens, a quem cabe educar, quando iniciar, o papel da escola, objetivos curriculares e as fases do desenvolvimento sexual da criança, realizando-se os esclarecimentos e comentários de acordo com o contexto que foi se apresentando.

No 2º Momento foram sendo trabalhadas individualmente as questões relevantes para discussão de acordo com o nível escolar dos educandos. Assim, foram apresentados como pontos importantes: para a Educação Infantil o conhecimento e a diferenciação corporal, bem como as sensações que permitem à criança seu contato com o mundo externo ao convívio familiar; para o Ensino Fundamental o senso comum, mitos, conceitos e pré-conceitos que geram o início da construção do pensamento crítico-filosófico; para o Ensino Médio questões de construção identitária como relações interpessoais, homossexualidade, comportamento, linguagem e questões biológicas como prevenção às DSTs/AIDS, gravidez adolescente e drogas.

Para cada temática foram apresentadas metodologias de desenvolvimento e abordagem interdisciplinar, contando com músicas, vídeos, filmes, livros, comerciais, panfletos, sites, dinâmicas e atividades escritas. Algumas das dinâmicas foram realizadas em sala pelos presentes, como foi o caso da “Dinâmica da

Contaminação”, da “Árvore dos Desejos” e o “Semáforo”, realizadas ao longo da palestra.

No 3º Momento levou a uma reflexão sobre desejos pessoais e construção da identidade dos presentes, fazendo-os refletirem sobre os sonhos abandonados, comportamentos, linguagens e vivências que construíram a identidade profissional de cada um dos docentes presentes. Apresentou-se o vídeo “Por que a Bíblia me diz assim” e finalizou-se dialogando sobre as dificuldades pessoais em abordar a sexualidade em sala, através da Dinâmica do “Semáforo”, quando puderam ser identificadas problemáticas e dificuldades individuais que foram discutidas com os presentes, tais como:

- a) Como falar de sexo oral e anal
- b) O que abordar sobre família
- c) Como e o que falar da primeira relação sexual
- d) O que era “ménage a trois” e as desvantagens de realizar com o marido
- e) Dificuldades de falar sobre relação homossexual
- f) Como abordar violência sexual na adolescência
- g) Relacionar drogas e sexo
- h) Qual a forma correta de ajudar os casos de abuso sexual
- i) Como falar do aborto
- j) O que fazer nos casos de gravidez na adolescência

No 4º momento, apresentaram-se questões norteadoras, tais como: qual é minha história? Meu pensamento realmente é meu? Conheço meus limites? Que medos eu tenho? Eu sei dizer “não”? Conheço meu corpo? Do que eu gosto? Meu comportamento reflete minha identidade? A forma como me visto reflete minha personalidade?, que objetivavam fazer os presentes refletirem sobre si mesmos. Também foram exemplificadas situações como:

- a) Você teria condições de vir trabalhar se fosse abusado sexualmente todos os dias? Quanto o professor conhece a realidade de seus alunos?
- b) Quanto do professor que você pensou ser, realmente conseguiu se confirmar ao longo dos anos de prática?
- c) Diante dos professores que cobram do aluno para xerocar provas e impedem quem não paga de fazê-las, inclusive constrangendo o aluno diante da classe, como saber se esse aluno não pagou por chegar à escola após uma realidade familiar de violência doméstica ou vício dos genitores?

- d) Uma aluna descobre que está grávida aos 15 anos e começa a faltar às aulas até que, um dia, não aparece mais. O que você faz?
- e) Você pede aos seus alunos para desenharem a família e uma das crianças pinta o desenho todo de preto, (ou somente um determinado cômodo da casa) ou faz as pessoas com os genitais rabiscados. O que você pensa sobre isso?
- f) Como você se sentiria se de repente seu corpo começasse a se encher de pelos, sua voz engrossasse e afinasse sem aviso, seus seios ficassem em tamanhos diferentes ou seu pênis ficasse ereto sem controle? Conseguiria vir trabalhar? Conseguiria manter o bom humor?

Encerrou-se a atividade sugerindo aos presentes que ouvissem e refletissem sobre o vídeo “A Lista” de Oswaldo Montenegro, tentando realizar o que pedia a letra, como uma forma de resgate individual de memórias, desejos, sonhos e laços afetivos. Os professores acharam engraçadas as hipóteses apresentadas porque nunca haviam parado para pensar dessa forma em situações que normalmente se apresentam com os alunos em sala.

Chamou nossa atenção o fato de nenhum dos presentes saber que o desenho pintado de preto ou o ato da criança de rabiscar os genitais das pessoas em um desenho é um exemplo claro de abuso sexual. Foram orientados sobre a importância da atenção docente a estes casos e da atuação junto à Direção da escola e do CRAS.

De igual forma, quando questionadas sobre como responder quando um aluno pergunta se o professor é contra ou a favor da homossexualidade, orientamos a que o docente direcionasse a discussão para a impessoalidade, enfatizando que independente de sua sexualidade o indivíduo é um cidadão com direitos e deveres que devem ser respeitados e cumpridos. Lembramos a todos que o papel do educador não era convencer ou não os educandos de sua opinião pessoal, mas evitar que estes se tornem instrumentos de discriminação, violência e exclusão.

Assim, a palestra foi direcionada sempre a uma reflexão sobre a ação docente em relação ao comportamento dos alunos, relações de Gênero na escola e à interferência cultural e religiosa na sexualidade enquanto obstáculos para o cumprimento de direitos civis. As respostas foram satisfatórias e diversificadas, havendo relatos pessoais onde se afirmava não sentir-se à vontade para falar da temática ou apresentavam a ausência de diálogo em família como causadora de uma certa “timidez” que se refletia na prática escolar, porém, no decorrer do

encontro, as vivências e traumas foram sendo explicitados e o diálogo sobre a sexualidade individual ou social ocorreu naturalmente.

Aos presentes foi colocado que a sexualidade está em todas as situações do cotidiano, como o vestir, o falar, o andar, os gostos, os relacionamentos, a expressão cultural e religiosa. Também falou-se do olhar social perante varias atitudes cotidianas, do primeiro beijo, da gravidez na adolescência, do namoro, dentre outros,

Ressaltamos o depoimento voluntário de uma docente que afirmou ter começado a pensar em suas alunas que casaram ainda na adolescencia em virtude de uma gestação indesejada. Ao ser questionada sobre sua afirmação, esclareceu que ela havia casado duas vezes, sendo a primeira por pressão familiar. Desta primeira união resultara uma insatisfação que havia se refletido na questão sexual, devido à quantidade de restrições que lhe haviam sido impostas pelo marido. Afirmou que por 15 anos não conseguira ir além do entroncamento de Belém e somente quando se separou, contra a vontade da família, é que pode planejar uma viagem com os alunos e conhecer pessoas, quando acabou conhecendo seu atual marido

Outro professor questionou a ligação que haveria entre a Educação Sexual e a Matemática, afirmando que seria impossível ministrar conteúdos matemáticos e falar de sexualidade em uma mesma aula. Ao docente foi mostrado que a sexualidade não requer uma aula específica, mas uma abordagem que permita ao aluno reflexão e crítica. Desta forma, poderia se trabalhar a matemática e a sexualidade através de percentuais, gráficos ou quantidades apresentadas em um texto e que, após aplicar os conceitos matemáticos, se estaria fazendo uma reflexão acerca do tema, que poderia ser gravidez adolescente, crimes de homofobia, violência doméstica, ou similares.

O encontro foi extremamente satisfatório e relevante para nossa pesquisa, por confirmar as dificuldades enfrentadas pelos docentes para desenvolver a Educação Sexual. As falas refletiram a insegurança dos docentes sobre pontos que geralmente não são trabalhados durante a formação ou em cursos de capacitação, o que dificulta ainda mais a efetivação da Educação Sexual nas escolas.

g) Educação Sexual na academia: construindo a prática docente

No dia 15 de julho de 2012, durante o 32º Encontro Nacional de Estudantes de Pedagogia - ENEPE, realizado na cidade de Belo Horizonte-MG, foi realizada a oficina de capacitação docente com aproximadamente 50 acadêmicos de Pedagogia de diversos estados do Brasil.

A atividade foi iniciada às 19h30 e estava prevista para um grupo de 25 participantes, porém, devido ao cancelamento de uma atividade que ocorreria simultaneamente à oficina, os estudantes foram inseridos ao grupo da Capacitação Docente.

No primeiro momento foi entregue aos participantes o material de apoio, que consistia em uma pasta “L” contendo o texto de apresentação da temática, atividades, dinâmicas e teorizações organizadas por nível de desenvolvimento e escolarização. Como o material havia sido preparado objetivando o atendimento de apenas 25 participantes, houve insuficiência do mesmo, que foi sanada via e-mail, após a conclusão da oficina.



F11 - Dinâmica “Contaminação” realizada no 32º ENEPE – Encontro Nacional de Estudantes de Pedagogia – Julho/12

Iniciada a apresentação de *slides* fez-se a apresentação da temática da oficina e discutiu-se primeiramente as diferenças conceituais entre sexo e sexualidade e as melhores formas de abordagem da temática com crianças e adolescentes, ressaltando-se sempre a relação da sexualidade com as atividades cotidianas e a manutenção da vida. Também foi apresentada a proposta de Educação Sexual, mostrando suas vantagens, agentes educadores, faixas etárias

de iniciação das discussões, o papel da instituição escolar e os objetivos curriculares.



F12 - Dinâmica “Exclusão” – 32º ENEPE – Julho/12

No segundo momento iniciou-se a apresentação por faixas etárias e de escolarização, sendo a primeira a Educação Infantil, com abrangência entre 0 a 6 anos que agrupa as fases de desenvolvimento sexual oral, anal e fálica. Como proposta para trabalhar essas faixas etárias foi realizada a dinâmica das “Diferenças” onde, segundo as idades, poderiam ser discutidas as diferenças físicas e sociais identificadas entre meninos e meninas e foram apresentados os vídeos “Educação Sexual” – que apresentava a proposta de Educação Sexual aplicada à Ed. Infantil pelo Grupo CORES em Rio Verde-GO e “Como fazer bebes”, vídeo educativo em formato de desenho animado, de criação portuguesa, onde crianças maiores discutem e tiram as dúvidas de crianças menores, em uma linguagem simples e objetiva.

Colocou-se aos presentes a necessidade de discutir as diferenças corporais por ser uma fase de muitas curiosidades e observações e que não se devia dar mais informações à criança do que ela podia compreender, limitando-se sempre a responder o que ela perguntava com uma outra pergunta: “o que você já ouviu sobre isso?”. Através desta fala inicial era possível perceber o aprofundamento da criança sobre o que ela questiona e evitamos de dizer mais do que o devido.

No terceiro momento tomou-se como referência o Ensino Fundamental. Aqui apresentamos como tema gerador o *senso comum*, onde poderiam ser discutidos com os alunos os mitos e pré-conceitos socialmente instituídos, e como objetivo da ação pedagógica, a formação do pensamento crítico-filosófico do educando. Como instrumentos de apoio a essa temática, apresentou-se a dinâmica “E a canoa virou” para discussão da exclusão e da formação de grupos por parte do adolescente.

Durante a dinâmica foram gerados 6 subgrupos: 2 com apenas um homem presente, sendo um deles jovem e o outro de aproximadamente 45-50 anos; 1 todo de mulheres (jovens); 2 mistos e 1 só de homens (jovens). Entenda-se aqui a palavra “jovens” como referindo-se a sujeitos entre 18 e 23 anos de idade. A atividade consistia em selecionar um dos membros para “afundar” com o barco no qual supostamente estavam, definindo para isso critérios de exclusão.

Destacamos dois grupos em suas falas, justamente os que possuíam apenas um integrante homem, que selecionaram o excluído por seu gênero ou idade. O primeiro grupo, ao informar sua escolha, justificou inicialmente afirmando que o escolhido havia sido definido por possuir treinamento militar (reservista) e saber nadar, mas ao finalizar disse que ele era o mais velho e, portanto, havia vivido o suficiente, “deu o que tinha que dar” e que tinha menos a perder. Ao ser indagado sobre a escolha o estudante disse não ter aceito as justificativas porque o fato de saber nadar não lhe era garantia de vida e que sua idade também não significava fim da validade de vida, que haviam netos por conhecer, filhos e esposa com os quais o compromisso de pai e marido não haviam se desfeito e que ele com a esposa ainda tinham sonhos a realizar, que não podia deixá-la sozinha.

Quando perguntado qual a sensação da escolha, o mesmo recordou um episódio de sua adolescência, quando a professora de dança o retirou do grupo de quadrilha junina alegando que ele não podia participar por não saber dançar e que, para ele, havia sido a mesma sensação. O grupo seguinte, também com um homem presente, resultou este como escolhido para ficar no barco por ser justamente homem e os demais integrantes alegarem que teria mais chances de pensar em um jeito de sobreviver. Igualmente ao primeiro, este tampouco aceitou a escolha e justificou que ser homem não era garantia de chances de vida ou de ter noções de sobrevivência e que ele não sabia nadar.

Quando interrogado sobre como se sentia, afirmou que havia sido a pior sensação que já tivera, porque realmente havia incorporado a ideia de estar em alto mar e prestes a morrer e o fato de ser escolhido para ficar lhe dera um vazio muito grande. Os demais grupos apresentaram com critério o pouco ou nenhum entrosamento entre os integrantes (a maioria não se conhecia) e houve certa conformidade com a escolha, por parte dos excluídos, visto não haver, para eles, argumentos que justificassem a eleição de outro integrante.

Desta forma, foram apresentados aos participantes em geral os critérios sociais de exclusão, quando utilizamos certos critérios para selecionar as pessoas

que podem integrar nossos grupos ou as que não farão parte deles. Assim, quando adolescentes, decidimos quem vai brincar, quem “presta” para tal brincadeira e quem deve ser ignorado pelo grupo e utilizamos, para tal, nosso potencial de liderança, ou nos subordinamos a uma liderança presente. Esta situação deveria ser discutida com as crianças, fazendo-as analisar até que ponto estes critérios devem ser considerados corretos para a convivência social. Também deveria ser solicitado a elas que procurassem na sociedade, situações de exclusão e identificassem os critérios utilizados para concretizá-la, avaliando sua compreensão do contexto e a validade desses critérios. Em seguida foi apresentado o vídeo “Rio sem Homofobia”, como exemplo de exclusão a ser discutido em sala de aula.

No quarto momento apresentou-se a proposta para o Ensino Médio, onde o tema gerador seria a Identidade - Relações interpessoais: DSTs, drogas, AIDS, família e Homossexualidade. Apresentou-se como finalidade da discussão não apenas a questão preventiva e biológica, mas as relações interpessoais que estão intrínsecas aos subtemas, perpassando pela forma como nos relacionamos com o outro, os envolvimento sentimentais, os interesses individuais e as questões familiares. Estas discussões, conforme foi colocado, seriam de suma importância para a formação identitária desse aluno, estando diretamente inseridas ao seu contexto social e familiar. Para compreensão de como se dão as relações interpessoais dentro da questão preventiva, foram utilizados a dinâmica da “Contaminação”, que foi muito bem recebida enquanto proposta e o vídeo “Comercial irlandês contra a homofobia”, que apresentava a necessidade de não sermos instrumentos de discriminação e preconceito. Também foram apresentados vídeos musicais e cartazes de propagandas governamentais contra a gravidez adolescente e a pedofilia que poderiam servir de material de apoio à prática docente, por possuírem uma linguagem mais despojada e direta.

No quinto momento o direcionamento foi para o sujeito educador. Foram apresentadas questões norteadoras como: Quem sou eu? Qual é minha história? Meu pensamento é realmente meu? Conheço meus limites? Que medos eu tenho? Eu sei dizer não? Aqui fazemos um destaque para a questão do “saber dizer não”. Aos presentes foi apresentada esta questão, não como a simples negativa a uma proposta sexual durante um relacionamento, mas para as questões socialmente configuradas, como o caso do machismo invertido, quando o homem se vê pressionado a agir através de um estereótipo social e que o saber dizer não era justamente se opor a essas conceituações do ser homem e ser mulher para a

sociedade. Seguindo as questões norteadoras, temos: Conheço meu corpo? Do que eu gosto? Meu comportamento reflete minha identidade? A forma como me visto reflete minha personalidade?

Aqui novamente foi colocado aos presentes a questão dos estereótipos gerados pela moda e, conseqüentemente pela mídia, que são reproduzidos pela sociedade e impostos como padrão de beleza. Fez-se a reflexão sobre o que era ter personalidade, o que era personalidade e o que configurava a individualidade. Aliados a essas questões norteadoras foram postos os temas geradores O professor enquanto ser sexual - política, religiosidade e cultura, onde se discutiu a perda da noção do docente enquanto ser com identidade, cultura e religiosidade atuando dentro do espaço escolar.

Para conclusão da discussão foi apresentado o vídeo “Porque a Bíblia me diz assim”, pedindo-se aos presentes que não se focassem na questão da crítica religiosa, mas na importância de se procurar conhecimento sobre qualquer assunto antes de tomar decisões. Apesar dessa solicitação, houve uma participante que tentou realizar a discussão sobre a questão religiosa perguntando se era correto casar virgem, porém foi esclarecido que não cabe ao educador servir de exemplo para os educandos no referente à sua vida sexual, que a oficina não era para dar “receitas” prontas sobre como viver ou o que fazer, mas para nortear um aprofundamento de escolhas e decisões, fazendo refletir sobre prós e contras de cada atitude e que isto deveria ser tido em conta na prática docente. Que se para ela era correto casar virgem, para outros poderia não ser e que não era objetivo da oficina convencer nenhum dos dois, mas fazê-los refletir sobre a decisão tomada de forma a confirmar ou reconfigurar a decisão tomada.

Percebeu-se aqui um pouco de preconceito regional, visto terem sido ouvidos comentários referentes à minha origem nortista, permitindo entender que o grupo no qual a estudante se encontrava inserida não via com simpatia o fato de uma nortista “ensiná-las” a como trabalhar a sexualidade. Estes comentários foram ignorados até o momento em que se colocou a questão supracitada e a discussão pode ser direcionada para o âmbito da oficina.

No sexto e último momento foi realizada a dinâmica do semáforo, onde os participantes colocariam dúvidas e questionamentos. Nem todos os questionamentos puderam ser respondidos devido ao tempo destinado à oficina, porém alguns chegaram a ser discutidos com o grupo. Relatamos a seguir as perguntas realizadas:

1. Como, ainda hoje, em pleno século XXI, tratar o assunto sexualidade com alunos de EJA (fundamental) levando em conta a diferença de idade?
2. A pílula do dia seguinte é segura de fato?
3. Como falar da importância do uso de preservativo?
4. Como falar do período fértil?
5. Sexo com a pessoa errada (transar com alguém e se arrepender).
6. Como lidar com as perguntas ligadas ao sexo, feitas por crianças. Ainda me sinto insegura para responder de forma verdadeira sem ser desrespeitosa ou vulgar.
7. O que é a “espanhola”?

Esta última pergunta foi respondida aos presentes esclarecendo se tratar de uma prática sexual que varia de nome em alguns países da Europa e que consistia em provocar a ejaculação com a pressão do pênis entre os seios.

Apesar de não ter sido completada a discussão das demais perguntas, a oficina mostrou-se satisfatória nos resultados obtidos e na avaliação dos participantes.

h) A Escola Emiliana Sarmiento – o choque entre o tradicionalismo e a sexualidade discente

No dia 10 de Outubro de 2012 foi realizada atividade na escola Emiliana Sarmiento, em Belém, com turmas de 4º e 5º ano do Fundamental. Encontravam-se presentes aproximadamente 25 educandos, com idades entre 10 e 13 anos e 4 educadores locais, incluindo a diretora da escola. Ressaltamos que a presença de tantos docentes só se deu em virtude de ter sido informado durante um evento no pátio da escola que seria dada uma aula sobre Educação Sexual e que, nesse primeiro momento, todos exerciam o papel de fiscalizadores dos conteúdos a serem ministrados.

Inicialmente realizou-se a dinâmica intitulada “A Tempestade”. A finalidade desta dinâmica era a recreação e descontração do grupo. Após esta realizou-se atividade dialógica. Ressaltamos aqui que os alunos optaram por não formar o círculo dialógico, preferindo permanecer com a sala na disposição tradicional. Durante este diálogo realizado com os alunos foram sendo transmitidas as noções de sexo e sexualidade, tomando-se o cuidado de observar conhecimentos prévios e limitações etárias. Observou-se que os alunos apresentavam linguajar inadequado

para o meio escolar em certas ocasiões, provavelmente resultante do meio no qual estão inseridos. Boa parte da turma conhece pelo menos uma adolescente que engravidou antes dos 17 anos e grande maioria afirmou assistir à novela “Gabriela”, apesar do horário e das cenas inadequadas para a faixa etária destes.



F13 - Construção de cartazes (4º e 5º ano) – Escola Emiliania Sarmiento – Outubro/12

No 3º Momento apresentou-se aos alunos a “caixa dos segredos”. Inicialmente, ao serem indagados sobre o que era, os alunos indicaram que era uma caixa de sapatos, mas foram induzidos imaginariamente ao dizer-lhes que era a caixa que guardava os segredos e dúvidas de dezenas de estudantes como eles e que ali eles poderiam depositar perguntas, de qualquer espécie, sem precisar dizer quem perguntou. Houve um momento breve de silêncio, então completou-se a explicação informando que nenhum papel colocado ali seria mostrado a professores ou pais e seria mais um “segredo” a ser guardado pela caixa. Algumas crianças exigiram a promessa deste compromisso, o que foi feito pela educadora e, desta forma, as perguntas foram sendo colocadas pelos alunos na caixa. Após alguns minutos as perguntas foram sendo retiradas uma a uma e lidas diante da sala e em presença dos professores supracitados. Informamos a seguir as perguntas obtidas:

- a) Tem sexo de costas e de lado?
- b) O que é sexualidade infantil?
- c) O que é o sexo?
- d) Como saber quando seu corpo está pronto pra isso?
- e) Tem camisinha de qualquer sabor?
- f) Precisa de idade para amar?
- g) A virgindade dói?

- h) O que é ejaculação e ereção? Dar beijo na vagina pode pegar alguma doença? Na hora do sexo oral pegamos alguma doença contagiosa?
- i) O sexo pode ser obrigado?
- j) Nunca beijei mas acho que é bom.
- k) O que passa pela cabeça dos homens?
- l) Professora, você tem namorado?

Após as explicações relacionadas às perguntas, foram surgindo comentários por parte dos alunos que dispensaram a caixa, como ao ser esclarecido sobre as manifestações da sexualidade infantil (bebes), uma aluna comentou que em alguns momentos a criança fica se masturbando. A esta aluna foi esclarecido que a criança pequena não se masturba, ela se “descobre” em sensações e que para ela não tem o mesmo sentido que para nós que compreendemos o processo, com a criança pequena ocorria a satisfação de sensações, como o ato de mamar. A criança não está consciente de estar com um seio na boca, ela simplesmente segue o instinto de satisfazer a fome o que lhe causa prazer. Também houveram diversos comentários sobre gravidez precoce, citando fatos familiares e cotidianos extra escolares. Destacamos aqui a surpresa das professoras e da diretora, presentes nas atividades, diante dos comentários e perguntas feitas, demonstrando o total distanciamento da realidade sexual dos educandos.

No 4º momento, realizou-se a construção de três cartazes, usando revistas, jornais e giz de cera. No cartaz Nº 1 identificam-se muito mais presentes as representações de amizade e afeto. No cartaz Nº 2 identificam-se o amor, a amizade, o respeito com os outros e a forma de vestir. No cartaz Nº 3 identificam-se amizade, beijo, vaidade, força, amor, política, modo de vida e inclusão social. Ressaltamos que os cartazes 1 e 2 foram feitos por grupos misto e de meninos, respectivamente e o cartaz 3 pertenceu a um grupo formado só de meninas.

Encerrou-se a atividade com a apresentação do cartaz de cada grupo, discutindo-se com os alunos as figuras escolhidas e a compreensão que eles tiveram em cada uma. Os alunos demonstraram ter compreendido as dimensões da sexualidade e sua importância para nossa vida.

Destacamos aqui, primeiramente, a surpresa da diretora diante das perguntas dos alunos e a fala feita após o encerramento da atividade, quando relatou que os alunos haviam arrombado e invadido a biblioteca da escola para poder ver um livro que continha ilustrações dos genitais masculino e feminino. Em segundo também

destacamos atenção especial à pergunta “i”, que pode significar indícios de aliciamento ou violência sexual.



F14 - Construção de cartazes (4º e 5º ano) – Escola Emiliana Sarmiento – Outubro/12

Após as perguntas, percebeu-se que o cuidado tido no início, ao introduzir a temática para os alunos era desnecessário, pois os alunos apresentavam um contato muito mais direto com o sexo do que se supunha. Desta forma, as respostas foram sendo dadas e as perguntas foram lidas com total seriedade e naturalidade, deixando claro a todos que não haviam constrangimentos ou restrições nas falas.

5. OS PRIMEIROS CONTATOS E O OLHAR DOS EDUCANDOS SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL

Abordar a sexualidade ainda é uma questão difícil, talvez um dos maiores desafios da prática docente na atualidade. Vivemos em um ambiente “sexualizado” onde a sexualidade se manifesta nos valores, nos comportamentos, na linguagem, no modo de vestir, nas músicas, filmes, formas de relacionamento e, apesar disso, a riqueza da dimensão humana e toda a sedimentação de significações que historicamente se acrescentou sobre ela “acabaram engendrando um certo estranhamento do sujeito humano com sua própria sexualidade” (NUNES, 1959, p.13).

O que é sexualidade para os educandos? Qual a compreensão deles sobre a Sexualidade e a Educação Sexual? Nesta seção serão analisados os resultados das entrevistas semiestruturadas de crianças e adolescentes participantes do Projeto de Educação Sexual realizado em escolas públicas, identificando suas visões e entendimentos acerca das questões que envolvem a sexualidade e a Educação Sexual.

5.1. A Sexualidade que os educandos reconhecem

Para os educandos de 10 a 12 anos falar em Educação Sexual ou Sexualidade é a mesma coisa: relaciona-se diretamente com “falar de sexo”, aprender sobre sua prática. Pode se dizer, sem exageros, que a ideia que eles desenvolvem é a de estar sendo colocados diante de um filme pornográfico, pronto para ser exibido, como afirma Teresa ao dizer que escutou de colegas de escola e amigos que “sexo era como filme pornô” e somente no diálogo familiar entendeu que era algo mais.

Discutir a sexualidade, então, ganha importância quando, como eles mesmos afirmam, representa a possibilidade de “falar sobre coisas proibidas” e ajudar a “entender como se namora”, porém, não conseguem vislumbrar a sexualidade com parte do próprio cotidiano. A maioria deles acredita haver algum tipo de relação entre a sexualidade e o comportamento, da mesma forma que faz a relação entre sexualidade e a família, relacionamentos, música, religião, televisão, saúde, trabalho, moda e drogas, mas não consegue explicar como se dá essa relação, apenas acreditam que “tem algo a ver”.

A relação entre sexualidade e linguagem, por exemplo, não é percebida, o que leva a concluir que a sexualidade, para eles, é algo diretamente ligado a situações concretas, onde possa ser vista ou ouvida, onde as regras sejam impostas (relacionamentos – configuração do poder namorar ou não – ou a religião) e onde os conflitos de gênero sejam evidentes (trabalho e família).

Para Thiago (11 anos), a sexualidade é quando o pai diz que “já tá na hora de arranjar uma namorada porque já tá rapazinho” ou quando os pais brigam “pra ver quem vai ter que ir na reunião da escola”. Amanda (10 anos), afirma que “o pastor da igreja falou muito sobre isso, ele diz que criança não namora”. Segundo ela, são conselhos que ela escuta sempre em casa, mas acha estranho o irmão de 12 anos não ter que seguir as mesmas regras “ele já namora, já sai sozinho”.

Dentre as observações feitas sobre o comportamento social e familiar, nota-se relativa mudança sobre os sujeitos a quem eles preferem procurar para falar sobre sexo, havendo um aumento tanto de crianças que preferem os pais, quanto de pais dispostos a concretizar esse papel. Os genitores ganharam espaço neste aspecto, mas ainda são poucos os educandos que afirmam ter coragem de procurar pelos pais para questionar ou receber informações, seja por falta de tempo destes ou por vergonha de uma ou de ambas partes.

Apesar dessa disposição manifesta, as crianças admitem que o diálogo com os pais não é suficiente e que muitas vezes preferem guardar segredo sobre o que pensam, procurando outros meios de satisfazer suas curiosidades ou fingindo estar plenamente esclarecidos. Ingrid (12 anos) afirma ter os pais à disposição, mas que “esse tipo de coisa não é legal perguntar pra pai, a gente fica sem graça, eles olham pra gente assustados, então é melhor falar com uma amiga”. Elem (14 anos) afirmou que os pais

[...] não sabem tudo, só aquilo que eu deixo eles saberem, senão ia levar bronca todo dia. Quando quero saber alguma coisa, leio revista, falo com amigas... Minha mãe até me disse que podia perguntar o que fosse, mas cadê a coragem? Quando tentei falar algo com ela, ela veio logo dizendo que eu tava pensando coisa errada, aí não dá.

Na década de 80 um levantamento estatístico sobre esta situação revelou que somente 2% dos pais realmente conversava com os filhos sobre sexo e que $\frac{3}{4}$ das informações recebidas pelos pré-adolescentes era adquirida através de amigos

(SUPLICY, 1983, p.51). Lamentavelmente, percebemos que esta realidade ainda se perpetua.

A importância do desenvolvimento da Educação Sexual se confirma quando percebe-se que a maioria dos alunos tem vergonha em admitir que não sabe algo sobre sexo ou ainda quando admitem já ter ouvido falar sobre camisinha e anticoncepcionais, mas não saber dizer para que servem ou como utilizá-los.

A procura por amigos para esclarecer dúvidas ainda é o caminho mais fácil, recebendo informações incompletas ou distorcidas, o que reforça a confusão sobre questões que consideradas relativamente fáceis, como a diferenciação entre o ficar, namorar, paquerar e a amizade. Isto não se encontra esclarecido para eles e, não raro, questões como “o que é namorar?” ou “o que é amizade?” são apresentadas.

Flávio (11 anos) conta que

Já procurei alguns colegas pra tirar dúvidas, mas a explicação deles foi tão doida que fiquei pior do que eu tava. Por exemplo, a questão do namoro, eu entendo que primeiro a gente fica, depois namora, mas eles acham que namorar é quando vai casar... mas não tem quem namora e não casa? E depois termina e namora outra?

Nos aspectos biológico e preventivo, Jonatan (13 anos) afirmou que “menstruação acontece por causa dos hormônios”, mas não soube dizer o que eram os hormônios ou como surgiam no corpo, o que pressupõe uma repetição mecânica de conceitos, verificada na grande maioria das falas, sem haver uma compreensão ampla do que é falado. Como por exemplo, a afirmação de Letícia (11 anos) de que “se pegam doenças sexuais não se prevenindo”, ela deu uma resposta direta ao questionamento, mas não soube esclarecer depois que prevenção é essa ou o que seria o não se prevenir.

Não é raro encontrar a substituição da palavra “sexo” por outra qualquer que seja mais aceita socialmente, como “fazendo coisas”, “aquilo” ou “fazendo safadeza”. Verificamos aqui a presença do discurso do senso comum, que configura o sexo como algo que não deve ser pensado ou falado por crianças, algo relacionado a sujeira, ao feio, ao errado, e que se concretiza na oralidade dos alunos.

Com os adolescentes de 13 a 19 anos a realidade não é muito diferente. Sexualidade ainda representa diretamente o ato sexual, porém a noção da importância da Educação Sexual muda e ela é vista de forma mais ampla,

envolvendo as questões fisiológicas, biológicas e sociais. Para Patrick (16 anos) a Educação Sexual é “aprender a fazer sexo com segurança”.

O afastamento dos pais também se evidencia um pouco mais, como se a partir do momento em que o educando deixa a fase pré-adolescente não precisasse ser mais esclarecido. Falas como “em minha casa não se fala mais disso” (RAFAEL – 14 anos) se tornam mais frequentes, denotando que até certo momento as discussões eram feitas, mas depois foram deixadas de lado. Paralelo a isto, observou-se que a maioria dos adolescentes não tinham o acompanhamento dos pais em relação aos programas televisivos que assistiam e que muitas questões relacionadas à sexualidade terminavam sendo respondidas pelos meios de comunicação.

Como afirma Lorencini Júnior (1997),

[...] o indivíduo sofre a todo momento as influências diretas daquilo que denominamos “cultura da sexualidade”. Essas influências, advindas da família, dos meios de comunicação, da religião ou da escola pressionam, exigem e moldam o indivíduo para adaptá-lo aos padrões de comportamento impostos pela sociedade. (LORENCINI JR., 1997, p.93)

É como se, a partir de determinado tempo, a família transferisse a outros meios a responsabilidade de discutir as questões sexuais com o adolescente (mídia, escola, religião, etc) e se restringisse ao papel de mera observadora.

Muitos adolescentes ficam confusos sobre ter ou não espaço para dialogar sobre questões sexuais. Patrick (16 anos), ao mesmo tempo em que afirmou “não ter dúvidas sobre sexo” e ter com quem falar, se contradisse afirmando, logo em seguida, que não fala sobre o assunto “por não ter espaço com nenhuma pessoa para perguntar”. Alison (15 anos) também indicou que não tinha dúvidas a respeito e que podia procurar os pais, mas acrescentou que não o fazia por “falta de coragem de perguntar”.

As dúvidas que se apresentam ainda são resultantes da falta de coragem em perguntar e vão sendo respondidas através de programas televisivos. Para Aimée (13 anos) sua principal fonte de informação são programas como “O melhor do Brasil”, “Tudo é possível”, “Jogo da Afinidade” e “Vai dar namoro” e essas vias acabam sendo culpadas pela gravidez precoce e a contaminação por doenças.

Muitos dos questionamentos observados durante os encontros dialógicos tinham origem na pré-adolescência, como “o que é menstruação?”, “como a mulher engravida?”, “o que engravida uma mulher?”, o que nos leva a concluir que a falta de

respostas em um princípio resulta a perpetuação das dúvidas e impede o surgimento de novos questionamentos, muitas vezes se estendendo até a idade adulta.

Segundo Freire (1996),

O exercício da curiosidade a faz mais criticamente curiosa, mais metodicamente “perseguidora” dos seu objetivo. Quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobretudo, se “rigoriza”, tanto mais epistemologica ela vai se tornando. [...] O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser. [...] Satisfeita uma curiosidade, a capacidade de inquietar-me e buscar continua em pé. Não haveria existência humana sem a abertura de nosso ser ao mundo, sem a transitividade de nossa consciência. (p.87-88)

Esse exercício da curiosidade, restringido socialmente e negado pelas práticas escolares, vem resultando em adultos incapazes de viver plenamente sua sexualidade, cheios de lacunas e temores e que, na grande maioria das vezes, desconhecem a sexualidade como prática do cotidiano.

5.2. A aprendizagem da sexualidade na Escola: o olhar dos educandos

“... a educação sexual passa pela educação do educador”
(Charbonneau)

O educador sexual despera ideias distintas sobre si mesmo. Para uns pode ser alguém casto, puro e bem informado, que servirá como protetor dos alunos. Para outros alguém que “aproveita a vida”, entende de técnicas sexuais, tem bom desempenho e até participa de “orgias”. Esta confusão do sexo com a genitalidade é muito comum e está presente ainda nos tempos atuais.

Durante os encontros foi possível identificar alguns comentários por parte dos educandos como, “a professora devia saber tudo sobre sexo quando era mais nova” (Iago – 13 anos) ou “ela devia ser bem avançadinha quando menina”(Iasmin – 12 anos). Tais falas exemplificam a noção de que o educador sexual pressupõe alguém sem dúvidas a respeito do sexo e suas práticas, bem como confirmam a ideia da Educação Sexual restrita à prática do sexo e, portanto, desvinculada dos conteúdos escolares.

Para a maioria dos educandos, tanto pré-adolescentes quanto adolescentes e jovens, a escola não teve participação alguma na aquisição de conhecimentos referentes à sexualidade ou na discussão de problemáticas relacionadas e os

professores não mencionavam nada a respeito em suas aulas. Yuri (15 anos), assuntos como “DSTs, AIDS, órgãos reprodutivos e anticoncepcionais eram os assuntos que mais apareciam na escola, mas não em todas as aulas, era uma hora aqui, outra ali”, geralmente estes assuntos são mencionados nas aulas de Ciências ou Biologia e isto é considerado pela escola satisfatório para cumprir com a Educação Sexual. Isto, no entanto, não é satisfatório para os alunos que, conforme Alison (14 anos), deveria ser mais voltada para o “ensino do sexo”.

Não entendemos aqui que seja realmente sexo o objetivo dos educandos, mas estas falas denotam que o interesse deles perpassa pelas questões biológicas e reprodutivas ou preventivas e está mais voltado para a relação a dois.

As mudanças corporais, outro ponto essencial nas discussões, não está muito claro para os adolescentes, chegando muitos a afirmar que “ainda não aconteceu”, como no caso de Aimée (15 anos). Para Alison (14 anos) “foi estranho”, mas ele afirma já ter se acostumado, o que subentende-se que não foi esclarecido devidamente, passando a ser ignorado pelo adolescente por não saber o que fazer a respeito.

Em alguns casos como o de Alexandra (12 anos), percebeu-se que o diálogo familiar constante influenciou muito, dando mais segurança à adolescente em suas respostas e tranquilidade. Por exemplo, quando se perguntava sobre as dúvidas que poderia ter a respeito, afirmou não ter nenhuma e complementou “todas são muito bem esclarecidas em minha casa”, indicando que sempre que aparece algum questionamento ela possui uma fonte segura de obtenção de respostas.

5.3. Pais e educadores e a visão sobre a sexualidade no cotidiano e na escola

Pais e mestres, para conseguirem falar de sexualidade com os jovens, precisam inicialmente fazer uma auto-análise. Descobrir seus bloqueios e desbloquear-se. Aceitar-se. Ler e estudar sexualidade. Sexualidade não é anatomia. É a expressão do instinto sexual, a maneira de ser de cada um. É o interno e externo das pessoas. É o jeito de cada um reagir perante os estímulos sexuais. (SOUZA, 1991, p.137)

Paralelamente à opinião das crianças, dos adolescentes e jovens, também foi pesquisada a visão de pais e docentes. A sexualidade não começa na escola, ela se constitui primeiramente no âmbito familiar, na transmissão de valores e conceitos. É preciso conhecer esta estruturação de compreensões para poder entender o

pensamento dos educandos. Da mesma forma os docentes possuem critérios familiares que adentram ao ambiente escolar e que devem ser conhecidos e compreendidos por eles próprios antes de iniciar-se o trabalho com a sexualidade.

Mais do que apenas identificar a visão de ambos, esta seção visa compreender como se vislumbra atualmente a sexualidade para eles, como ela se constituiu ao longo da formação de pais e mestres e quanto ela interfere na Educação Sexual.

5.4. A raiz da problemática sexual para pais e educadores

Não há como negar que a sexualidade ainda é um mito para a sociedade moderna. Nas entrevistas feitas com pais e professores não foi raro encontrar palavras como “ato libidinoso e prazeroso” para se referir ao sexo. Essa identificação do sexo como algo pornográfico, lascivo, demonstra a visão limitada que há sobre a sexualidade, sempre associada à genitalidade. Isto explica a visão dos alunos da sexualidade diretamente ligada ao sexo e comparada a filmes pornôs.

Sexo – ato libidinoso e prazeroso que acontece entre casais.
Sexualidade – opção sexual de cada ser humano, homem, mulher e homossexual. (ELIZÂNGELA, 33 anos)

Pra mim sexo se refere às relações sexuais entre homens e mulheres. Sexualidade é o que nós achamos bom, qualquer sensação que ache bom. (LUCIANA, 31 anos)

Entre os professores há uma prática comum à maioria em fugir da resposta, comentando sobre outros aspectos ou sobre sua relação em sala de aula com os alunos, mas sem deixar claro como define sexualidade. Nenhum deles tem noção do que os alunos pensam a respeito do assunto, mas sabem que há muitas dúvidas a respeito e que as aulas não satisfazem a curiosidade deles.

Para os pais, a idade ideal para se iniciar estas discussões é a partir dos 7 anos de idade, quando eles acreditam que a criança começa a perguntar. Já entre os professores se apresentam divergências, uns acreditando ser necessário tratar da temática desde o maternal e outros definindo séries (6º ano, 8º ano) e desprezando as faixas etárias.

Retomamos aqui o pensamento freudiano que afirma,

Segundo a opinião predominante, a vida sexual humana consiste essencialmente numa busca de colocar o próprio órgão genital em contato com o de alguém do sexo oposto. A isto acham-se associados, como fenômenos acessórios e atos introdutórios, beijar esse corpo alheio, olhá-lo e tocá-lo. Imagina-se que essa busca faça seu aparecimento na puberdade – isto é, na idade da maturidade sexual – e que esteja a serviço da reprodução.

É impressionante como pais e educadores convergem suas opiniões neste aspecto, acreditando que a criança de menos idade não se interessa ou não tem curiosidades sexuais e, portanto, não precisa ser esclarecida ou educada sexualmente.

No referente ao conteúdo das aulas de Educação Sexual, alguns pais sugeriram que “não se devia falar como se pratica o sexo” (FLÁVIA, 42 anos), reforçando a ideia da Educação Sexual relacionada à prática do sexo. A maioria dos pais não conseguiu vislumbrar relação entre sexualidade e o cotidiano (como aconteceu com os educandos), muitos só relacionaram a sexualidade com TV e música e outros acrescentaram a linguagem, o comportamento, a biologia e a educação. Aspectos como identidade, cultura, história, política, religião, moda, filosofia, ética e psicologia foram rejeitados. Já para os professores todos os aspectos foram relacionados, demonstrando que os educadores possuem a plena noção da abrangência da Educação Sexual.

Para compreender como se chegou a estes aspectos, foi questionado a ambos como foi o processo educacional da sexualidade em sua adolescência e, tanto para pais quanto para educadores a biologicidade foi registrada.

A sexualidade só era mencionada nas aulas de ciências ou biologia e de forma muito sussinta e superficial, geralmente tratando aspectos reprodutivos. A maior parte das dúvidas surgidas era dialogada com amigos e acabava gerando mais questionamentos que perduraram até a idade adulta. Muitos deles não foram sanados até o momento.

Não tinha esse tipo de informação com a minha mãe e nem na escola. Tanto que eu engravidei com 17 anos. Eu perguntava sobre sexo quando era adolescente com as pessoas na rua. (MARLIETE, 31 anos)

Não era trabalhado a Educação Sexual na escola. Fiquei com minhas dúvidas até 15 ou 16 anos, perguntava para as minhas amigas. Com 17 anos casei. Se fosse de outro jeito, se explicassem as coisas direito, eu não teria casado cedo. (LUCIANA, 31 anos)

Apesar de saber que os filhos também tem dúvidas similares às que eles possuíam na adolescência, vários pais afirmaram não ter coragem de comentá-las por acreditar que os filhos teriam vergonha de falar sobre isso com eles. No entanto, muitos também defendem a ideia de que se comentassem evitariam que os filhos ficassem com as mesmas dúvidas por tanto tempo quanto ficaram.

Não contaria, prefiro ouvir as dúvidas dela. (LUCIANA, 31 anos)

Não, não falo sobre sexo com a minha filha, acho que ela ficaria com vergonha de falar comigo sobre isso. (MARLIETE, 31 anos)

Nunca contei a ele sobre isso, mas acho que deveria, pra ele não ficar com as mesmas dúvidas que eu por tanto tempo. (ELIZANGELA, 33 anos)

Direcionando-nos mais aos professores, somente aqueles que trabalham com ciências ou biologia afirmaram tratar sempre das questões sexuais, porém, ao questionar-se os temas desenvolvidos, percebe-se que se referem à genética, órgãos reprodutivos e profilaxia/prevenção.

As escolas/secretarias geralmente dão pouco ou nenhum apoio pedagógico para diminuir as dificuldades docentes em sala de aula e o maior obstáculo enfrentado é descrito por vários docentes como sendo “os valores de cada um” (PROF. LÚCIO, 33 anos), referindo-se a preconceitos e valores morais.

A maioria dos professores considera complicado relacionar suas disciplinas à sexualidade, como por exemplo os docentes das áreas de exatas (matemática e física). Praticamente nenhum docente conhece os Planos Curriculares Nacionais – Temas Transversais e tampouco o que propõe o Projeto Político Pedagógico da escola onde atua a respeito da aplicação dos Temas Transversais. Alguns, inclusive, afirmam nunca ter lido o PPP da escola.

E tem isso na escola? Olha, esse tipo de documento geralmente não é apresentado ao professor, a gente simplesmente é contratado e começa a trabalhar, o PPP não interfere muito na atuação da gente. (RICARDO, 42 anos)

Já ouvi falar, mas nunca participei da construção de nenhum PPP. A gente também não pergunta muito sobre isso, a direção da escola é que determina o que vai ser ensinado e como. (ALDENICE, 36 anos)

Quando eu entrei na escola perguntei pelo PPP, pedi uma cópia, prapoder me guiar na prática, mas nunca me deram. Uma hora acabei desistindo e agindo meio que por conta própria, apenas evitando conflitos. (RUTH, 32 anos)

Chamou nossa atenção afirmações como a de um professor de Biologia, que definiu a interferência dos Temas Transversais na formação social dos educandos como sendo “o momento de se utilizar o pensamento interdisciplinar e provocar a criticidade do aluno” (PROF. LÚCIO, 33 anos), nos remetendo a Lombardi (1997) quando afirma que “os Temas Transversais são uma fragmentação da educação e que erradamente foram desvinculados dos conteúdos escolares, porque fazem parte direta da formação do indivíduo, devendo ser trabalhados continua e permanentemente”.

Da mesma forma, a maioria dos docentes não vê relação entre a Educação Sexual, a Filosofia e a Teoria freireana. Quando questionados sobre como o princípio da atitude filosófica (incentivo à pergunta) se manifesta em suas aulas, poucos são os que afirmam tentar “conduzir as aulas de forma dialética” (BELMIRA, 65 anos). Sobre a teoria freireana, alguns se arriscam a afirmar “ter ouvido algo sobre ela” (BRENO, 23 anos), mas concluem que, se a usaram alguma vez foi por pura intuição (acidente).

Dentre os que afirmaram conhecer e usar, ainda chegamos a identificar alguns que, logo em seguida, ao serem questionados sobre o posicionamento das carteiras durante suas aulas, responderam: “procuro que estejam sempre alinhadas e organizadas em fileiras” (BELMIRA, 65 anos), contradizendo a afirmação anterior e demonstrando a adesão a práticas tradicionalistas de educação. Os professores que afirmam trabalhar os temas transversais em suas aulas, dizem inserí-los “como parênteses” nos conteúdos escolares e fazer, com os alunos, um “diálogo direto”.

A quase totalidade dos docentes não se considera preparado para identificar casos de violência sexual ou doméstica e afirmam “não saber o que fazer” (Reginaldo) no caso de constata-las. De igual forma, desconhecem a função do CRAS (Centro de Referência e Assistência Social) e a relação que há entre este e a escola. Isto demonstra que os órgãos educacionais não estão dando a devida atenção para a capacitação e formação dos educadores, de forma a prepará-los e conscientiza-los para a Educação Sexual interdisciplinar.

Quando a questões como gravidez precoce e homofobia, as ações que os educadores afirmam tomar vem no sentido de amenizar conflitos e dar orientações

sobre as atitudes a serem tomadas, não há um posicionamento quanto ao papel que o educador deve desempenhar no sentido de garantir a permanência do adolescente na escola ou de trabalhar a garantia dos direitos civis aos homossexuais. Percebe-se que os educadores não identificam plenamente a importância de sua atuação no sentido de interferir na realidade do educando.

Diminuir a violência neste sentido é essencial, já que os jovens são mais emotivos neste aspecto. (JONAS, 33 anos)

Temos que falar com eles, tentar fazer com que essa discussão não venha para a sala de aula e atrapalhe a aula. (JACIRA, 43 anos)

O educador deve ter uma atitude tranquila, sem preconceitos, orientando sobre a saúde e as opções a serem tomadas nesta situação. (ADAMOR, 42 anos)

A religião também é vista como dificultadora do desenvolvimento da Educação Sexual, mas não como algo que impessa sua realização. Para os docentes e pais é preciso que escola e religião tenham um diálogo mais estreito, de forma a tornar-se ambas instrumentos de incentivo à criticidade dos educandos.

O que percebemos ao longo da pesquisa é um esforço enorme de pais e educadores em demonstrar que estão atualizados sobre a temática e prontos para desenvolvê-la, porém, quando se parte da teorização para a prática, as restrições individuais são “postas à mesa”.

A Educação Sexual, assim como, logicamente, a sexualidade humana, ainda são tratadas de forma superficial, acreditando-se ser algo simples de desenvolver ou mesmo de discutir, bastando ter-se noções de anatomia, prevenção e saúde para se ter a compreensão necessária à prática escolar ou familiar.

Essa visão limitada e, ao mesmo tempo, limitante, restritiva da sexualidade, é a principal responsável pela dessexualização do indivíduo e de transformar a escola em um ambiente que desconstrói a identidade dos sujeitos enquanto seres sexuais e sexuados, que vivenciam a sexualidade desde o nascimento e que permanecem a reconstruí-la, reformulá-la e transformá-la ao longo da vida.

Considerações Finais

Trabalhar a Educação Sexual nas salas de aula vai além do conteudismo e da biologicidade que vem sendo observada ao longo dos anos. É preciso que se compreenda como essa sexualidade, que se tornou objeto de observação para a Educação, se manifesta em crianças, adolescentes e jovens, e qual o entendimento que cada um deles possui a respeito dela. Mais ainda, é preciso sabê-la dinâmica, carregada de intencionalidade, de experiência de sentido, sendo, portanto, dimensão existencial, original e criativa, uma dimensão dialética e processual.

Quando se restringe a sexualidade humana ao determinismo animal, ao natural, se nega toda sua abrangência na construção do ser social, das relações deste sujeito humano com outros iguais a ele e, também, sexuais. Se nega o processo histórico que permite compreender o ser humano em constante evolução, em significação do existir, e se transforma a sexualidade em um instrumento de controle, de descaracterização desse sujeito, instrumento de manutenção do conservadorismo.

A visão naturalista da sexualidade, que a iguala à visão que se tem sobre o poder, o domínio, a brutalidade masculina, a “meiguice” e à ternura femininas, vistos como “naturais” e imutáveis, é uma visão simplista, que obedece aos critérios do poder e das estruturas de dominação e produção da existência. Neste critério, as instituições sociais, que reproduzem a ideologia das classes dominantes, desenvolvem formas constantes de reprodução do tradicionalismo. A família, a religião, a linguagem, a cultura, a escola, o trabalho, etc., propagam um papel sexual modelar, ao qual se adaptam os homens e mulheres socialmente aceitáveis.

Análises como esta só são possíveis quando se amplia o entendimento sobre a sexualidade e se coloca a dimensão cultural em questão. Educar sexualmente é abrir possibilidades, dar informações, mas principalmente possibilitar novas interpretações culturais e possibilidades significativas, permitindo uma conscientização lúcida e uma vivência autêntica.

Dentro dessa compreensão da importância da sexualidade que, como educadores transformadores e críticos da própria educação, nos propomos a fazer nas salas de aula, temos que ter como princípio fundamental a valorização e o respeito aos saberes extra-escolares vivenciados pelos educandos, para não praticarmos uma educação arbitrária e anti-dialógica.

A prática mostrou que este objetivo não é algo simples de ser feito, pois, como educadores ainda mantemos intrínseco o conceito da apreensão e transmissão do saber, e não da construção do conhecimento, mas não é algo impossível de ser feito. A simples percepção por parte dos educandos de uma prática docente significativa para a realidade social que vivenciam, onde eles são compreendidos como sujeitos ativos do processo de construção dessa educação e da sociedade, se torna forte aliada da prática docente e, por si só, vai abrindo os caminhos para a educação dialógica.

Não podemos reproduzir na educação a fragmentação que evidenciamos na sociedade, vislumbrando a Sexualidade como um conteúdo à parte dos demais, sem relação direta com a história, a linguagem, a matemática, a geografia. A relação entre os saberes escolares e a sexualidade é estreita e direta. Os conteúdos escolares carregam a sexualidade conjuntamente ao sujeito que os constitui, um sujeito historicizado e em constante transformação e, portanto, passando a ser transformados por ela.

A abordagem da sexualidade humana, pedagogicamente planejada, requer um entrosamento histórico e moral novo, auxiliado pelas ciências humanas, sem fragmentar-se ainda mais a sexualidade em formar “professores de educação sexual”, mas superando o dualismo racionalista e tecnicista da escola.

A educação não é um processo que se realiza por partes, ele é um todo, um conjunto de saberes, de conhecimentos que se interligam. É preciso, portanto, saber identificar a presença da sexualidade nos conteúdos escolares, promovendo a conscientização e a análise crítica destes e relacionando-os às vivências dos educandos. Essas vivências possibilitarão ao educador a noção de como a sexualidade dos alunos vem sendo tratada socialmente e como ela se manifesta e, a partir disto, proporcionar as discussões e construir sua prática.

Neste sentido, a Filosofia se tornou o instrumento imprescindível na compreensão da sexualidade e na construção da criticidade dos educandos, já que tem por objeto essencial a compreensão do ser humano em uma dimensão social e política, lançando questões profundas sobre ele, o mundo e a cultura. A Filosofia garantiu a dialogicidade homem-homem e homem-mundo, a investigação dialógica da realidade, exigindo do educando o desejo de busca pela verdade de suas próprias ideologias. Ao propormos a análise das estruturas sociais, das relações que permeiam a sociedade e que rodeiam o próprio educando, propomos o princípio fundamental do pensamento filosófico: a criticidade. Refletindo sobre si mesmo,

sobre as estruturas sociais e as relações de poder que a determinam foi possível ao aluno compreender a constituição histórica da sexualidade e sua utilização enquanto instrumento de controle e dogmatização. Uma vez consciente, ele por si só começa a procurar meios de superar tal condição.

É a consciência do inacabado a que se refere Freire quando afirma que, uma vez sabendo-se inconcluso o sujeito procura sua conclusão e sabe-se necessitado de saberes e, portanto, passa a investigar e procurar por respostas. E o docente, como ser, também, inconcluso, procura suas respostas na construção da prática educativa, na dialogicidade com o educando e com o meio no qual está inserido, na análise crítica de suas experiências de vida e nas vivências do educando.

Ao longo da pesquisa de campo foram observados pontos bastante relevantes para a prática da Educação Sexual. Alguns responsáveis pela sua negação enquanto conteúdo escolar, outros que reafirmam sua relevância para a formação dos educandos e para a ação educadora.

Dentre os aspectos que impossibilitam ou “travam” a implantação da prática efetivamente, destacamos a “aversão” à temática, identificada em praticamente 90% dos educadores. Não apenas pelas questões administrativas e pela falta de políticas públicas diretas, mas por não gostarem de falar da própria sexualidade, como expresso por uma docente em Marituba, ao afirmar que não via “motivos para falar da vida particular dela com os alunos” (ROSELITE, 47 anos). A equipe docente não vê com bons olhos aos pesquisadores, principalmente quando ocupam espaços dentro da sala de aula, pois são vistos como possíveis rivais profissionais, pessoas que pretendem “tomar-lhes” o lugar e não propor-lhes uma nova possibilidade educacional.

Poucas são as instituições que abrem as portas para novas propostas e visões educacionais. Em muitos casos, as manifestações negativas não são apenas docentes, mas administrativas, restringindo espaços para realização de atividades, equipamentos e horários. Algumas até justificam que não abrem a possibilidade por que não há interesse dos alunos em participar.

No tocante a equipe técnica e funcionários de apoio (serventes, merendeiras, pessoal de limpeza, porteiros, etc.) percebe-se um afastamento quase total das questões pedagógicas, indicando que estes grupos são colocados, pelo próprio sistema educacional, à margem da prática e da construção educacional. Para a instituição, eles não estão direta ou indiretamente ligados ao processo educativo e, portanto, não devem participar dele. Nossas observações a este respeito,

demonstraram que estes grupos, ao contrário do que se imagina na escola, são os primeiros a se relacionarem com os educandos e, portanto, são os primeiros a receber a carga da explosão de sexualidade que se manifesta no ambiente escolar. Caberia, então, à escola, prepará-los adequadamente, assim como aos demais sujeitos escolares, para conviver e relacionar-se com essa criança, adolescente ou jovem que se manifesta dentro da escola.

Em diversos momentos foram identificadas situações criadas por funcionários ou professores, junto à direção da escola, no intuito de justificar a necessidade de se retirar o projeto do espaço escolar, alegando que tal temática já estava sendo desenvolvida pelos professores de ciências e biologia. Ironicamente, os professores citados defenderam a aplicação da pesquisa e propuseram a realização de aulas conjuntas, onde seriam trabalhados todos os aspectos da sexualidade.

Analisando o aspecto discente da pesquisa, destacamos mudanças comportamentais, ainda que leves devido ao pouco tempo de contato com as turmas, quando em um princípio se acreditava ser uma aula sobre “sexo” e, portanto, dotada de “risinhos” e descomprometimento em participar ou discutir os temas propostos e, a partir dos primeiros momentos de contato, assumir-se outra postura, percebendo a importância para eles próprios de conhecer outros aspectos do que acreditavam ser a Sexualidade.

A troca de visão sobre o sexo oposto, discutindo-se na prática o machismo e as atitudes machistas que direcionam as relações sociais, mesmo quando provenientes de sujeitos femininos, permitiu que os educandos se compreendessem como iguais em direitos e responsabilidades, passando a se observarem de forma mais aprofundada e fora dos estereótipos sociais.

A prática interdisciplinar se mostrou perfeitamente viável, a partir do momento em que se compreendeu, tanto por parte dos educandos quanto dos educadores, a relação direta ou indireta da sexualidade para com os demais conteúdos curriculares. Assim como também se mostrou viável a utilização do pensamento crítico-filosófico e dos pressupostos freireanos para a prática do educador sexual.

Estes instrumentos, partiram das vivências e observações dos educandos e quebraram com o conceito, ainda existente, de alguns pais e educadores de que o educando não pensa a sexualidade, exceto quando impulsionado pela escola ou pela sociedade. As questões registradas e inquiridas pelos próprios alunos, deram a percepção do quanto a sexualidade deles se faz presente e exige atenção, para que

tenhamos, futuramente, homens e mulheres plenos em sua corporeidade, críticos em suas compreensões e transformadores da sociedade.

É impressionante rever metodologias e posturas profissionais, assim como faz-se urgente, também, a implantação de Políticas Públicas que viabilizem a prática efetiva da Educação Sexual para que não restrinjam a sexualidade dos educandos e educadores, a um aglomerado de conteúdos previamente determinados e totalmente desvinculados da identidade e das vivências deles.

A instituição escolar precisa não apenas tomar consciência de seu papel, mas principalmente dispor-se a realizá-lo, não se permitindo ser mais um instrumento de controle e castração, que perpetue as ideologias dominantes e reforce as relações de domínio socialmente instituídas.

REFERÊNCIAS

ALBERTINI, Paulo. A sexualidade e o processo educativo: uma análise inspirada no referencial reichiano. In: Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas. Júlio Groppa Aquino (org.). São Paulo: Summus, 1997.

ALTMANN, Helena. Sobre a educação Sexual como um problema escolar (art.). Universidade de Santa Catarina – UDESC. Disponível em: www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1324/1133 Acessado em: 22/06/12

_____. Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola (tese). Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Educação, 2005. Disponível em: www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0114341_05_pretextual.pdf Acessado em: 22/06/12

APOLUCENO, Ivanilde. Filosofia da educação: reflexões e debates. 2 ed. Belém, PA: Unama, 2003.

AQUINO, Júlio Groppa (org.). Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

BARROS, Suzana da C. de (et al). Sexualidade no currículo escolar: disciplinaridade ou transversalidade?(art.). VII ENPEC – Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Florianópolis: 2009. Disponível em: www.posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viienpec/pdfs/879.pdf Acessado em: 5/2012

BENITES, Maria José de Oliveira. Educação Sexual e Formação Docente: um Estudo a Partir de Concepções Discentes (dissertação). Centro de Ciências da Educação, da Universidade Regional de Blumenau – FURB. Santa Catarina, 2006. Disponível em: http://proxy.furb.br/tede/tde_arquivos/4/TDE-2007-06-13T112822Z-306/Publico/Diss%20Maria%20Jose%20Benites.pdf Acessado em: 22/06/12.

BERNARDI, Marcello. A deseducação sexual. São Paulo: Summus, 1985.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos – Apresentação dos Temas Transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998 e 2006.

_____, Editora Didática Paulista. Síntese dos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais. [São Paulo], 2002.

CARVALHO, Fabiana Aparecida de. Que saberes sobre sexualidade são esses que (não) dizemos na escola?. In: Educação sexual : em busca de mudanças / Mary Neide Damico Figueiró (org.). – Londrina-PR: UEL, 2009.

CHAUÌ, Marilena. Convite à Filosofia. 11ª Ed. São Paulo: Ática, 1999.

DANTAS, Marcelo & CAVALCANTE, Vanessa. Pesquisa Qualitativa e Pesquisa Quantitativa (Trabalho de Conclusão do curso de Biblioteconomia). UFPE – Centro de Artes e Comunicação. Recife, 2006. Disponível em:

pt.scribd.com/doc/14344653/pesquisa-qualitativa-e-quantitativa Acessada em: 05/2012.

FREIRE, Paulo & SHOR, Ira. Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor. Lopez, Adriana (trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996 (Coleção Leitura).

_____. Pedagogia do Oprimido. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977 e 1987.

_____. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1967.

_____. Ação cultural para a liberdade. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981. 149 p. 21cm (O Mundo, Hoje, v. 10)

_____. Política e educação: ensaios. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época ; v.23)

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. VII. Imago, 2006.

_____. Os Pensadores: Sigmund Freud. MARCONDES, Durval. et al (trad.). São Paulo: Abril Cultural, 1987.

_____. Um caso de histeria, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901 – 1905). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – vol. VII. s/l, Imago, 1942.

GARCÍA, M^a Letícia Villaseñor. Temas Transversales en la escuela y otros ámbitos (art). Disponível em: <http://www.latarea.com.mx/articu/articu15/villas15.htm> Acessado em: 05/2012.

GUIRADO, Marlene. Sexualidade, isto é, intimidade: redefinindo limites e alcances para a escola. In: Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas. Júlio Groppa Aquino (org.). São Paulo: Summus, 1997.

LOMBARDI, José Claudinei (org.). Globalização, Pós-modernidade e Educação: história, filosofia e temas transversais. 2ª ed. rev, ampl. Campinas-SP: Autores Associados: HISTEDBR; Caçador-SC: UnC, 2003. (Coleção Educação Contemporânea)

LORENCINI JR, Álvaro. Os sentidos as sexualidade: natureza, cultura e educação. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

MAGENDZO, Abraham. Transversalidad y Currículum (art.). Site: Servicios Pedagógicos y Teológicos. Bogotá, 2003. Disponível em: www.serviciospt.org/insumos-teoricos/transversalidad-y-curriculum Acessado em: 5/2012.

MARCUSE, Herbert. Eros e Civilização – Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 6ª ed. Álvaro Cabral (trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MURACA, Mariateresa; FLEURI, Reinaldo Matias. Enfoque Feminista da Perspectiva Político-Pedagógica Freiriana (art.). 35ª Reunião Anual da ANPED. Disponível em: http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT06%20Trabalhos/GT06-1908_int.pdf Acessado em: 21/11/12.

NUNES, César Aparecido. Filosofia, Sexualidade e Educação: *As relações entre os pressupostos ético-sociais e historicoculturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar (tese de doutorado)*. Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, 1996.

PANTOJA, Silvia Redón. Significados de la transversalidad en el currículum: un estudio de caso (art.). Revista Iberoamericana de Educación nº 43/2. Escuela de Pedagogía, Facultad de Filosofía y educación Pontificia Universidad Católica. Chile, 2007. Disponível em: www.rieoei.org/1675.htm Acessado em: 04/2012.

REY, Bernard. Las Competencias Transversales en Cuestión. Alejandro Madrid Zan (trad.). Escuela de Filosofía Universidad ARSIS. s/l; s/e; s/d. Disponível em: www.philosophia.cl/escueladefilosofiauniversidadarsis Acessada em: 04/2012

SOUZA, Hália Pauliv. Convivendo com seu sexo – Pais e Professores. São Paulo: Paulinas, 1991 (Psicologia Familiar).

SOUZA, Mª Cecília C. C. de. Sexo é uma coisa natural? A contribuição da Psicanálise para o debate sexualidade/escola. In: Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas. Júlio Groppa Aquino (org.). São Paulo: Summus, 1997.

SUPLICY, Marta. Conversando sobre sexo. 15ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1987.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1986 (Coleção temas Básicos de Pesquisa-ação)

VERDIER, Virgínia Martínez. Educación Sexual - Por qué y para qué? Site: Enplenitud.com. [S/l. s/e, s/d]. Disponível em: <http://www.enplenitud.com/educacion-sexual-por-que-y-para-que.html> Acessado em: 5/2012.

WEREBE, Maria José. Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 36, 1981. (mesa-redonda) 32ª Reunião da SBPC. Rio de Janeiro, 1980.

_____. Sexualidade, Política e Educação – Prefácio de Marta Suplicy. Campinas-SP: Autores Associados, 1998.

APÊNDICE (1)



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Educação Sexual: prática transversal, crítica, filosófica e freireana

Vimos por meio deste Termo, convidá-lo(a) a participar da pesquisa de campo, intitulada Educação Sexual: prática transversal, crítica, filosófica e freireana, vinculada ao Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP) da Universidade do Estado do Pará – UEPA, tendo como orientadora a Prof^ª. Dra. Ivanilde Apoluceno de Oliveira. Esta pesquisa tem como objetivo geral trabalhar a Educação Sexual em uma perspectiva crítico-filosófica com base freireana. Neste sentido e atendendo o que prescreve a RESOLUÇÃO CNS 196/96 (que determina que todo e qualquer trabalho realizado com seres humanos necessita de autorização), solicitamos sua autorização para servir como sujeito da informação desta pesquisa.

Esclarecemos que sua participação será por meio de entrevistas coletivas e semiestruturadas, cujo instrumento foi elaborado por nós e referente ao tema em estudo. Para registro serão utilizadas gravações de vídeo, imagens fotográficas e anotação direta de depoimentos e falas feitos dentro do espaço destinado à pesquisa.

Gabriela Costa Favali
 Pesquisadora

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, declaro que li as informações sobre a pesquisa e me sinto perfeitamente esclarecido(a) sobre o conteúdo da mesma. Declaro ainda que estou de acordo em participar da mesma, cooperando com a coleta de informações.

Belém, ____/____/____

 ASSINATURA DO PARTICIPANTE

APÊNDICE (2)



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Educação Sexual: prática transversal, crítica, filosófica e freireana

Vimos por meio deste Termo, convidá-lo(a) a autorizar seu filho (a) a participar da pesquisa de campo, intitulada Educação Sexual: prática transversal, crítica, filosófica e freireana, vinculada ao Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP) da Universidade do Estado do Pará – UEPA, tendo como orientadora a Prof^a. Dra. Ivanilde Apoluceno de Oliveira. Esta pesquisa tem como objetivo geral verificar a viabilidade da proposta de uma Educação Sexual crítico-filosófica com base freireana. Neste sentido e atendendo o que prescreve a RESOLUÇÃO CNS 196/96 (que determina que todo e qualquer trabalho realizado com seres humanos necessita de autorização), solicitamos sua autorização para servir como sujeito da informação desta pesquisa.

Esclarecemos que a participação dele (a) será por meio de entrevistas coletivas e semiestruturadas, cujo instrumento foi elaborado por nós e referente ao tema em estudo. Para registro serão utilizadas gravações de vídeo, imagens fotográficas e anotação direta de depoimentos e falas feitos dentro do espaço destinado à pesquisa e que, caso seja interrompida a participação, serão devolvidos sem quaisquer prejuízos ao participante ou seu responsável.

Gabriela Costa Faval
 Pesquisadora

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, responsável pelo educando(a) _____ declaro que li as informações sobre a pesquisa e me sinto perfeitamente esclarecido(a) sobre o conteúdo da mesma. Declaro ainda que estou de acordo com a participação de meu filho(a), cooperando com a coleta de informações para a mesma.

Belém, ____/____/____

 ASSINATURA DO RESPONSÁVEL

APÊNDICE (3)

**EDUCAÇÃO SEXUAL – DO TRANSVERSAL AO CURRICULAR
INTERDISCIPLINAR: PRÁTICA CRÍTICA FILOSÓFICA E FREIREANA**

Nome: _____ Idade: _____

Série: _____ Escola: _____

Questionário para Crianças

1. O que você acha que é a Educação Sexual?
2. O que você acha que é Sexualidade? Acha que se deve falar dela? Por que?
3. Já conversou sobre sexo com alguém? Quem?
4. Foi suficiente para esclarecer suas dúvidas? Por que?
5. Quando aparecem mais dúvidas você pode procurar essa pessoa de novo? Por que?
6. Em que a Sexualidade tem utilidade em sua vida?
7. Você tem vergonha em admitir que não sabe algo sobre sexo?
8. O que entende por namoro, ficar, paquerar e amizade?
9. Tem algum segredo que seus pais desconhecem?
10. Marque as opções que você acha que tem a ver com Sexualidade:

<input type="checkbox"/> Comportamento	<input type="checkbox"/> Moda	<input type="checkbox"/> Música
<input type="checkbox"/> televisão	<input type="checkbox"/> drogas	<input type="checkbox"/> saúde
<input type="checkbox"/> trabalho	<input type="checkbox"/> família	<input type="checkbox"/> religião
<input type="checkbox"/> linguagem	<input type="checkbox"/> relacionamentos	
11. Como você acha que a mulher engravida?
12. Sabe o que é menstruação? O que você acha que causa a menstruação?
13. Como você acha que se pegam doenças sexuais?
14. Já ouviu falar em camisinha e anticoncepcional? O que ouviu? Concorda com o que ouviu?

APÊNDICE (4)

**EDUCAÇÃO SEXUAL – DO TRANSVERSAL AO CURRICULAR
INTERDISCIPLINAR: PRÁTICA CRÍTICA FILOSÓFICA E FREIREANA**

Nome: _____ Idade: _____

Série: _____ Escola: _____

Questionário para Adolescentes e Jovens

1. Quando se fala em Ed. Sexual, qual a primeira coisa que você pensa?
2. Para você o que é Ed. Sexual?
3. Você tem dúvidas a respeito do assunto? () Sim () Não. Quais?
4. Você tem com quem falar a respeito do assunto? () Sim () Não. Quem?
5. Em caso negativo, você não fala sobre educação sexual: (a) por não ter espaço com nenhuma pessoa para perguntar ou (b) por falta de coragem de perguntar?
6. Em que a escola ajudou a esclarecer suas dúvidas sobre Ed. sexual?
7. O que você escutou de amigos e colegas sobre essas dúvidas? E da família?
8. O que você acha que deveria ser discutido em uma aula de Ed. Sexual?
9. Sua professora fala sobre sexualidade nas aulas? () Sim () Não. Em que momento? O que é falado?
10. O que sua roupa, seu jeito de falar, de ser, as músicas que você ouve ou os programas que assiste tem a ver com sua sexualidade?
11. Você já ouviu falar sobre preservativos, órgãos reprodutores, anti-conceptivos, DST's e AIDS? () Sim () Não. Onde? Quantas vezes?
12. Você tinha curiosidade em saber sobre essas coisas? () Sim () Não.
13. A sua curiosidade foi satisfeita? () Sim () Não. Por quê?
14. Você já ouviu músicas que falavam sobre sexo? () Sim () Não. Onde?
15. Seus pais/responsáveis tiveram conhecimento disso? () Sim () Não.
16. Já experimentou algum tipo de droga (álcool, cigarro, etc)? () Sim () Não. Ainda usa? () Sim () Não. Por quê?
17. Seus pais conhecem você ou eles só sabem o que você permite que saibam a seu respeito?
18. Em sua casa há um horário estipulado para assistir TV? () Sim () Não. Qual?
19. Os programas que você assiste são acompanhados pelos seus pais? () Sim () Não.
20. Você tem regras estabelecidas em casa por seus pais ou responsáveis referentes a músicas, TV e internet? () Sim () Não. Cumpre todas elas? () Sim () Não Por quê?
21. Se estiver em uma roda de amigos e te oferecerem bebida ou cigarro, você usa ou recusa? () Sim () Não. Por quê?
22. E quanto aos namoros, seus amigos te influenciam? () Sim () Não
23. O que é amizade, “ficar” ou namoro para você?

24. Já namora? () Sim () Não. Com quantos anos começou?
25. Foi escondido ou seus pais sabiam? () Sim () Não. Seus amigos incentivaram? () Sim () Não.
26. Como foi para você quando as mudanças no seu corpo começaram?
A escola ou a família te ajudaram a entender o processo? () Sim () Não.

APÊNDICE (5)

**EDUCAÇÃO SEXUAL – DO TRANSVERSAL AO CURRICULAR
INTERDISCIPLINAR: PRÁTICA CRÍTICA FILOSÓFICA E FREIREANA**

Nome: _____ **Idade:** _____

Profissão: _____

Questionário para Pais

1. O que você entende por sexo e sexualidade?
2. A partir desse entendimento, você fala sobre isso com seu (sua) filho(a)?
3. Você sabe o que seu (sua) filho(a) pensa a respeito de sexo?
4. Acredita que a escola pode ajudar a responder as dúvidas que ele tem a respeito desse assunto?
5. Acredita que deve haver Ed. Sexual na escola?
6. Como você considera que deveriam ser as aulas de Ed. Sexual?
7. O que NÃO deveria ser falado com os alunos na aula de Ed. Sexual?
8. A partir de qual idade se deve trabalhar a Ed. Sexual? Por que?
9. Como era trabalhada a Ed. Sexual na sua época de estudante?
10. Essas aulas foram suficientes para tirar suas dúvidas?
11. Você gostaria que a escola fizesse oficinas de Ed. Sexual com os pais para ajudá-los nas conversas em casa?
12. Com quem você falava sobre sexualidade quando era adolescente?
13. Essas conversas foram suficientes para esclarecê-lo(a)?
14. Ainda possui alguma dúvida sobre sexo/sexualidade? Já comentou com alguém?
15. Contaria a seu filho(a) suas dúvidas? Por que?
16. Quais dos itens abaixo você considera que se relacionam com a Ed. Sexual?

<input type="checkbox"/> TV	<input type="checkbox"/> história	<input type="checkbox"/> educação
<input type="checkbox"/> identidade	<input type="checkbox"/> política	<input type="checkbox"/> filosofia
<input type="checkbox"/> cultura	<input type="checkbox"/> religião	<input type="checkbox"/> ética
<input type="checkbox"/> linguagem	<input type="checkbox"/> biologia	<input type="checkbox"/> psicologia
<input type="checkbox"/> comportamento	<input type="checkbox"/> moda	<input type="checkbox"/> música
17. Quanto a TV e a música influenciam a sexualidade de seu filho (a)?
18. Seu filho(a) namora? Com que idade iniciou (iniciará)?

APÊNDICE (6)

**EDUCAÇÃO SEXUAL – DO TRANSVERSAL AO CURRICULAR
INTERDISCIPLINAR: PRÁTICA CRÍTICA FILOSÓFICA E FREIREANA**

Nome: _____ Idade: _____

Escola: _____

Questionário para Educadores

1. Em quais séries você atua? Há quanto tempo? Gosta do que faz ou considera apenas um trabalho?
2. Quantas vezes suas atividades pedagógicas trabalharam sexualidade? Por que?
3. Você tem dúvidas sobre sexualidade? Como faz para saná-las?
4. Recebeu ou recebe algum apoio pedagógico da escola ou Secretarias de Educação para melhorar/diminuir suas dificuldades em sala de aula?
5. Ao seu ver quais os maiores obstáculos ao se trabalhar a Ed. Sexual?
6. Explique o que diferencia, a seu ver, Ed. Sexual de orientação Sexual?
7. Você conhece o PCN – Temas Transversais? Em caso afirmativo, comente o que fala o texto referente à Orientação Sexual.
8. O que diz o PPP de sua escola sobre os Temas Transversais? Essa proposta é aplicada no cotidiano escolar?
9. Você sabe o que seus alunos pensam ou comentam sobre sexo, fora da sala de aula?
10. Considera possível se trabalhar a Ed. Sexual de forma interdisciplinar? Essa proposta lhe parece fácil de realizar?
11. O princípio da atitude filosófica encontra-se presente em suas aulas?
12. Qual a relação, entre filosofia e Ed. Sexual?
13. Conhece a teoria freireana? Já fez uso dela em sua prática? Por que? Em que situações aplicou essa teoria?
14. Como são organizadas as carteiras para sua aula diária?
15. Em que sentido os temas transversais interferem na formação social dos educandos?
16. Diante de sua resposta anterior, como você insere os temas transversais aos conteúdos curriculares?
17. A partir de que idade considera que a escola deve trabalhar a Ed. Sexual?
18. Relacione: cultura – sexualidade – identidade – sociedade.
19. Como você identificaria casos de violência/abuso sexual ou distúrbios entre seus alunos? E após constatar essas ocorrências, que procedimentos tomaria?
20. Qual o objetivo de se trabalhar/discutir a homofobia em sala?

21. Qual deve ser a atitude da escola e o papel do educador diante de um caso de gravidez adolescente?
22. Você sabe o que é o CRAS e quais as atividades realizadas por ele?
23. Qual a relação entre o CRAS e a Escola?
24. Que temas abaixo você pode trabalhar nas aulas de Ed. Sexual?
- | | | |
|--|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> identidade | <input type="checkbox"/> ética | <input type="checkbox"/> história |
| <input type="checkbox"/> política | <input type="checkbox"/> moral | <input type="checkbox"/> saúde |
| <input type="checkbox"/> cultura | <input type="checkbox"/> sociedade | <input type="checkbox"/> drogas |
| <input type="checkbox"/> religiosidade | <input type="checkbox"/> anatomia | <input type="checkbox"/> família |
| <input type="checkbox"/> moda | <input type="checkbox"/> mídia | <input type="checkbox"/> comportamento |
| <input type="checkbox"/> música | <input type="checkbox"/> cinema | <input type="checkbox"/> literatura |
25. Quantos de seus alunos teriam o apoio dos pais nas aulas de Ed. Sexual?
26. A religião e a família direcionam, na grande maioria das vezes, o que deve/pode ser ensinado em Ed. Sexual. Como você vê esta questão e como contornaria?
27. Que instrumentos didáticos seriam seus aliados para trabalhar sexualidade em sala?
28. Quais suas dificuldades pessoais em relação à sexualidade?
29. Qual a frequência de palavrões ou ofensas de cunho sexual em sua sala de aula? O que você faz a respeito quando acontece? Sua atitude dá resultado?



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

